UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

HENRY GRANVILLE WIDENER

VONTADE DE MEMÓRIA: Manoel de Oliveira Lima, 1912-1928

Recife
2019

HENRY GRANVILLE WIDENER

VONTADE DE MEMÓRIA: Manoel de Oliveira Lima, 1912-1928

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação, Memória e Tecnologia

Orientador: Prof. Dr. Marcos Galindo Lima

Coorientadora: Profª Drª Nathália Henrich

Recife

2019

Catalogação na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

W639v Widener, Henry Granville
Vontade de memória: Manoel de Oliveira Lima, 1912-1928 / Henry Granville Widener. – Recife, 2019.
136f.: il.

Orientador: Marcos Galindo Lima.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2019.

Inclui referências.

1. Descrição arquivística. 2. Quadro de classificação. 3. História e cultura luso-brasileira. 4. Estudos latino-americanos. 5. Primeira República brasileira. I. Lima, Marcos Galindo (Orientador). II. Título.

020 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2019-119)

HENRY GRANVILLE WIDENER

VONTADE DE MEMÓRIA: Manoel de Oliveira Lima, 1912-1928

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Aprovada em: 27/ 02/ 2019.

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof. Dr. Marcos Galindo Lima (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

_____
Profª Drª Májory Karoline Fernandes de Oliveira Miranda (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

_____
Prof. Dr. Lourival de Holanda Barros (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

_____
Profª Drª Tereza Maria Malatian (Examinador Externo)
Universidade Estadual Paulista

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter-me concedido tempo e vida para contemplar Tua magnífica criação.

Ao meu orientador, o Professor Marcos Galindo, e à minha coorientadora Doutora Nathália Henrich, pelo apoio e a paciência que tiveram comigo. Este nosso trabalho é resultado de longas conversas cujas lições eu levarei comigo pelo resto da vida.

À Professora Márjory Miranda, que, desde o início deste processo de aprendizagem e criatividade sempre se dispôs a ajudar todos quanto mostrassem interesse em aprender e desenvolver ideias.

À Professora Tereza Malatian, cujas pesquisas sobre Oliveira Lima serviram para mostrar a complexidade do homem ao mesmo passo que revelaram, de uma maneira direta e instigante, muitos caminhos para futuras pesquisas sobre o Dom Quixote Gordo e sua imensa coleção.

Ao Doutor Lourival Holanda, por ser uma fonte inesgotável de conhecimento e um modelo de urbanidade.

Ao Professor Murilo Silveira, pela disposição em compartilhar seu pensamento crítico de forma franca e construtiva.

À Turma do Amor, pelas constantes lembranças de que, embora a viagem fosse longa e dura, nunca estive só.

A Jamille Barbosa e a Fundação Gilberto Freyre, por ter atendido aos meus pedidos de pesquisa com tanta disposição.

Aos meus colegas do Britanic, especificamente Viviane Remígio, por ter-me dado a oportunidade de trabalhar enquanto estudei. Sempre que passei pelas portas da escola, eu pude deixar meu fardo lá fora e curtir um verdadeiro companheirismo.

Às famílias Riff e Queiroz de Oliveira, pelo acolhimento que me deram desde que cheguei ao Brasil. Em tudo que eu fiz durante estes 5 aninhos de vida recifense, vocês foram meu alicerce.

To my parents Mike and Emma, for giving me the encouragement and support I needed when the ship looked like it was about to sink. Throughout all the heartache, you gave me the nudge I needed to keep on trucking just a little while longer.

To my big sister Clarita, along with Brad, Alexsis, Leah, Bella and Clive, for being a living example of how far hard work, dedication and, most importantly of all, love can really get you in this world.

And last, but certainly not least, to my wife Paula, for putting up with me and all of my faults. Lord knows you above all have the unenviable honor of seeing me at my worst, yet you still manage to tell me you love me at the end of the day and that has made all the difference. I admire and adore you more than mere words could ever hope to express.

RESUMO

Por quase um século, a *Oliveira Lima Library* na *Catholic University of America* em Washington, D.C. testemunha a paixão pelo estudo da história e cultura luso-brasileiro do seu fundador e titular, o diplomata, jornalista, historiador e colecionador brasileiro Manoel de Oliveira Lima. Porém, semelhantemente ao seu benemérito, esta instituição da memória, não obstante seu enorme valor, tem permanecido na periferia dos estudos luso-brasilianistas tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil. Conforme alguns estudiosos têm proposto, isto se deve em parte na vida do seu fundador, frequentemente caracterizado por conflitos gerados pela inclinação pela polêmica nas suas carreiras jornalística e diplomática, outros, todavia, apontam para uma falta de políticas consistentes de descrição e acesso às coleções bibliográficas e arquivísticas por parte da instituição. Qualquer que seja o caso, a *Oliveira Lima Library* parece ser um gigante adormecido, seja como símbolo do autoexílio ou uma mina de recursos intelectuais não explorada. Este estudo exploratório coloca o acervo dos *scrapbooks* da *Oliveira Lima Library* -- objeto de pesquisa pouco explorado dentro da Ciência da Informação -- como exemplo desta situação e um possível meio para corrigí-la. Através da coleta de dados *in loco*, propomos um quadro de classificação para o fundos de 62 *scrapbooks*, aplicando-o à seção da coleção que documenta a vida social e intelectual de Oliveira Lima nos Estados Unidos desde o seu primeiro contato com o país desvinculado do serviço diplomático em uma série de conferências proferidas em 12 universidades norte-americanas em 1912 até sua morte em Washington, D.C. em 1928. Os resultados obtidos dos 18 *scrapbooks* analisados revelam um documento arquivístico cujas especificidades escapam a tradicional divisão entre arquivos institucionais e pessoais. Além disso, os resultados obtidos também ressaltam a necessidade da normatização da descrição arquivística e a importância da definição de políticas de acesso por parte da instituição para a melhor socialização e utilização do acervo por pesquisadores.

Palavras-chave: Descrição arquivística. Quadro de classificação. História e cultura luso-brasileira. Estudos latino-americanos. Primeira República brasileira.

ABSTRACT

For almost a century, the Oliveira Lima Library at the Catholic University of America in Washington, D.C. has given testimony to the passion for the study of Luso-Brazilian history and culture of its founder and namesake, the Brazilian diplomat, journalist, historian and collector Manoel de Oliveira Lima. However, much like its founder, this memory institution, despite its enormous value, has remained relatively on the periphery of studies both in the United States and in Brazil. While, as some scholars have suggested, part of the blame for this may lay in the troubled life of its founder, which was so often characterized by conflicts stirred up by a penchant for controversy in his journalistic and diplomatic careers, others have pointed to a lack of consistent policies of description and access to the library's various bibliographical and archival collections on the part of the institution itself. Whatever the case may be, the Oliveira Lima Library has often come to represent somewhat of a sleeping giant, either as a symbol of self-exile or an untapped mine of valuable intellectual resources. The current study presents the scrapbook collection of the Oliveira Lima Library -- an object of research scarcely studied in the field of Library and Information Science -- as both an example of this and a possible means for its remedy. Through on-site data collection, we propose a classification scheme for the entire fonds of 62 scrapbooks and apply it to that part of the collection which documents Oliveira Lima's intellectual and social life in the United States from his first contact with the country decoupled from diplomatic service through a series of lectures given at 12 North American universities in 1912 to his death in Washington, D.C. in 1928. The results obtained from 18 scrapbooks analyzed in our study reveal an archival document whose specificities escape the traditional division between institutional and personal archives. Beyond this, our results also underscore the need for the use of norms in archival description and the importance of the definition of policies of access on the part of the institution for the better socialization and use of the collection by researchers.

Keywords: Archival description. Classification scheme. Luso-Brazilian history and culture. Latin-American studies. Brazilian First Republic.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Quadro de classificação 107
Tabela 2 — Manoel de Oliveira Lima nos Estados Unidos, 1912-1928 109

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 — *Scrapbook* # 4, capa..... 86
Fotografia 2 — *Scrapbook* # 58, capa 87
Fotografia 3 — *Scrapbook* # 32, p. 185 …… 88
Fotografia 4 — *Scrapbook* # 32, p. 46-47…… 89
Fotografia 5 — *Scrapbook* # 35, p. 40……..... 90
Fotografia 6 — *Scrapbook* # 30, p. 35……..... 91
Fotografia 7 — *Scrapbook* # 35, p. 54……..... 92
Fotografia 8 — *Scrapbook* # 35, p. 63……..... 93

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12

2 BRASILEIRO POR OPÇÃO: A PRODUÇÃO INTELECTUAL DE OLIVEIRA LIMA 15

2.1 "EXALTAÇÃO ÍNTIMA PELO BRASIL": A CONSTRUÇÃO DA BRASILIDADE DE OLIVEIRA LIMA 15

2.2 MEMÓRIA: IDENTIDADE, SOCIEDADE, SUPORTE 16

2.3 PIONEIRISMO E POLÊMICA: A PRODUÇÃO INTELECTUAL DE OLIVEIRA LIMA NO BRASIL 21

2.4 1896-1899: *FOUNDING FATHER* DOS AMERICANISTAS BRASILEIROS 25

2.5 1912-1928: EXÍLIO VOLUNTÁRIO 30

3 O COLECIONISMO DE OLIVEIRA LIMA E A CONSTITUIÇÃO DA *OLIVEIRA LIMA LIBRARY* 41

3.1 O ANSEIO COLECIONADOR: PRÁTICAS PESSOAIS E INSTITUCIONAIS DA REUNIÃO, DIVULGAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA 41

3.2 A *OLIVEIRA LIMA LIBRARY* 52

3.3 MEMÓRIA DA MEMÓRIA: O LEGADO DA BIBLIOTECA DE OLIVEIRA LIMA 61

4 OS SCRAPBOOKS DA *OLIVEIRA LIMA LIBRARY*: ARQUIVOS DA VONTADE DE MEMÓRIA DE MANOEL DE OLIVEIRA LIMA 75

4.1 A VONTADE DE MEMÓRIA NA *OLIVEIRA LIMA LIBRARY* 75

4.2 BIBLIOTECA E ARQUIVO: CONCEITOS TEÓRICOS E TÉCNICAS DE DESCRIÇÃO 77

4.3 ARQUIVOS PESSOAIS: NOVAS ADEQUAÇÕES 81

4.4 OS SCRAPBOOKS DA *OLIVEIRA LIMA LIBRARY* 86

4.5 OS ATUAIS SISTEMAS DE ARRANJO E DESCRIÇÃO DOS *SCRAPBOOKS* DA *OLIVEIRA LIMA LIBRARY* 94

5 METODOLOGIA E COLETA DE DADOS 97
5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA 97
5.2 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO 98
5.3 UNIVERSO DO ESTUDO 99
5.4 COLETA DE DADOS 101
6 ANÁLISE DOS DADOS 104
6.1 O QUADRO DE CLASSIFICAÇÃO 104
6.2 TÉCNICAS UTILIZADAS PARA DEFINIR CLASSES 104
6.3 DEFINIÇÃO DE NÍVEIS DE DESCRIÇÃO 105
6.4 NORMATIZAÇÃO DA DESCRIÇÃO 107
6.5 MANOEL DE OLIVEIRA LIMA NOS ESTADOS UNIDOS, 1912- 1928 108
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 123
REFERÊNCIAS 126

1 INTRODUÇÃO

Conhecimento e memória, dois aspectos essenciais do fenômeno cultura, dependem um do outro para o seu avanço e preservação. Consequentemente, as mudanças sofridas por um, sejam estas tecnológicas, epistemológicas ou de outra natureza qualquer, não podem deixar de se fazer sentir no outro.

Desta maneira, não é de surpreender que a crescente especialização do conhecimento científico iniciada durante a Modernidade tenha gerado a necessidade de novas instituições memoriais especializadas.

É sob esta perspectiva que podemos situar nossa discussão sobre o surgimento, dentro da geografia, história, sociologia e outras áreas afins nos Estados Unidos no final do século XIX, dos estudos latinoamericanistas. Conjuntamente à expansão deste novo campo de pesquisa, observa-se a fundação de instituições de memória incumbidas com o papel de apoio à pesquisa.

A *Oliveira Lima Library* na *Catholic University of America*, a única coleção *brasiliana* fora do Brasil a constituir uma biblioteca por si mesma (GREENHALGH, 2001), oferece um rico campo de estudo, tanto da produção intelectual sobre a cultura luso-brasileira quanto da preservação e socialização da memória. Este estudo torna-se ainda mais imperativo dadas as flutuantes práticas institucionais de descrição e acesso do acervo, as quais têm causado as mais variadas avaliações sobre o seu atual e futuro valor e função social.

Nesta conjuntura e indissociavelmente ligada à *Oliveira Lima Library* é a vida e obra do seu titular, o diplomata, jornalista, historiador e colecionador Manoel de Oliveira Lima. Na *Oliveira Lima Library*, a vontade de memória do seu fundador empenha-se no duplo esforço de promover os estudos da história e cultura luso-brasileiras ao mesmo tempo que testemunha as contribuições do seu fundador, biblioteca especializada e arquivos pessoais disponibilizando-se para o pesquisador. Neste cenário, o presente estudo procura responder ao seguinte problema: **como a vontade de memória de Oliveira Lima se cumpre, quando no final da sua vida ele começa a cogitar a legação a sua memória uma instituição de educação norte-americana?**

Neste fim, o presente define como objetivo geral **descrever os processos de**

construção e socialização da memória registrada de Manoel de Oliveira Lima nos Estados Unidos entre 1912-1928 documentados nos *scrapbooks* da Oliveira Lima Library. Para atingir este objetivo geral, o presente estudo definiu os seguintes objetivos específicos:

a) Descrever as principais áreas de atividade na produção intelectual e colecionismo de Manoel de Oliveira Lima, contemplando a relação entre a memória e os processos de construção da identidade;
b) Descrever os *scrapbooks* da *Oliveira Lima Library* como expressão nítida da memória e a construção da identidade de Manoel de Oliveira Lima;
c) Discutir a necessidade do tratamento arquivístico dos *scrapbooks* da *Oliveira Lima Library*;
d) Propor um quadro de classificação aplicável ao acervo dos *scrapbooks* da *Oliveira Lima Library*;
e) Aplicar este quadro de classificação ao conjunto documental do fundo que diz respeito à vida e atividade intelectual de Manoel de Oliveira Lima nos Estados Unidos entre 1912-1928.

Este estudo comporta seis capítulos além do capítulo introdutório. Os capítulos 2 e 3 tratam de uma contextualização da vida e obra de Manoel de Oliveira Lima, sendo discutido no segundo capítulo a produção intelectual de Oliveira Lima e, no terceiro capítulo, o colecionismo e a instalação e fundação da *Oliveira Lima Library*.

No quarto capítulo, são discutidas as técnicas de descrição arquivística e a sua aplicabilidade aos *scrapbooks* da *Oliveira Lima Library*, objeto de estudo pouco tratado na área de Ciência da Informação. O quinto capítulo apresenta a metodologia usada para a coleta de dados, feita *in loco* na *Catholic University of America* entre os meses de junho e julho de 2018. O sexto capítulo propõe um quadro de classificação dos *scrapbooks* como um todo e aplicado ao conjunto documental que retrata o recorte temporal e geográfico em questão, a saber, a vida de Manoel de Oliveira Lima nos Estados Unidos entre 1912-1928.

O sétimo capítulo apresenta as considerações finais do presente estudo, entre as quais o possível uso do quadro de classificação proposto para a descrição arquivística do fundo dos *scrapbooks* e outras técnicas de descrição e divulgação do

fundos que poderiam ampliar o acesso a este rico conjunto documental.

2 BRASILEIRO POR OPÇÃO: A PRODUÇÃO INTELECTUAL DE OLIVEIRA LIMA

2.1 EXALTAÇÃO ÍNTIMA PELO BRASIL: A CONSTRUÇÃO DA BRASILIDADE DE OLIVEIRA LIMA

"Decididamente, ninguém é profeta na sua própria terra."
Manoel de Oliveira Lima (GOUVÊA, 1976, p. 1560)

Manoel de Oliveira Lima nasceu no Recife no Natal de 1867. Não obstante o deslocamento para Lisboa em 1873, o meio da família Oliveira Lima manter-se-ia "estrictamente brasileiro". Assim, Manoel cresceu "n'uma exaltação íntima pelo Brasil", sustentando seu patriotismo "pelas constantes remessas de farinha e gomma de mandioca, de doces, de queijos do sertão, de pimentas de cheiro e malagueta" e também pelas poucas recordações de Pernambuco que trouxera consigo para Portugal. Embora ficassem vagas com o passar do tempo, estas memórias faziam o jovem olhar para sua terra natal "com olhos de poeta" (OLIVEIRA LIMA, 1937, p. 9-11). [1]

Recém formado no Curso Superior de Letras de Lisboa, o pernambucano ingressou no serviço diplomático brasileiro em 1891. Pelos próximos 22 anos, as visitas de Oliveira Lima à terra natal seriam escassas. Estes longos períodos de afastamento pareciam ameaçar o diplomata com o "melancólico destino... de acabar sendo estrangeiro na própria terra e não ficando cidadão de qualquer outra terra." O remédio natural do desenraizamento, no entanto, seria o de fixar "uma atenção absorvente no conhecimento pátrio" (GOUVÊA, 1976, p. 630).

Neste intuito, Oliveira Lima dedicaria sua vida à coleção de um imenso acervo de livros sobre a história e cultura luso-brasileira. Durante a carreira diplomática, o colecionador manteve esta biblioteca dispersa em cidades no Novo e Velho Mundo. Assim, "sempre chegando e partindo" da sua terra natal, o homem de estudos "sonhava com um lar permanente para si e para instalar sua já valiosa biblioteca" (GOUVÊA, 1976, p. 273).

Oliveira Lima também manteve suas raízes brasileiras através da produção de

[1] Para as citações diretas, optou-se pelo uso da grafia original.

livros, artigos de jornal, panfletos e conferências. Para Nathalia Henrich (2016) foi através da sua obra histórica e literária dedicada à terra natal que Oliveira Lima "realizaria um esforço de fixar um mito de origem para sua própria existência" (p. 35-36). Fosse ela oriunda de pena própria ou alheia, a memória do Brasil formaria a base da construção da identidade do diplomata, jornalista e historiador ao longo da sua vida.

2.2 MEMÓRIA: IDENTIDADE, SOCIEDADE, SUPORTE

Segundo Paul Ricoeur (2007), a obra de John Locke dá origem ao conceito de reciprocidade das três noções de *identity, consciousness* e *self* (p. 113). Para o autor, a memória empenha função imprescindível neste conjunto, pois muito além de um fenômeno meramente físico, a consciência de si é construída pela reflexão no passado, o que possibilita a constatação da presença de um sentido de igualdade ou semelhança que permeia os diversos lugares e momentos da nossa vida. Destarte, "consciência e memória são uma única e mesma coisa, independentemente de um suporte substancial. Em síntese, tratando-se da identidade pessoal, a *sameness* equivale a memória." (p. 116)

Por mais individualizada que pareça, toda memória é essencialmente social. Isto se deve primeiramente ao fato da memória ser ligada às nossas experiências, pois, conforme afirmam um número abundante de filósofos ao longo da história do pensamento ocidental, entre estes Aristóteles e Tomás Aquino, estas experiências são essencialmente sociais. Quando lembramos, nós somos colocados em papéis sociais, sejam de família, trabalho, nação ou qualquer outro grupo a que nós somos associados. Segundo Maurice Halbwachs (1990) a memória individual chega a depender da coletividade, pois quando o homem é isolado, sua capacidade de acessar a memória é significativamente reduzida.

A memória coletiva pode fornecer um sentimento de coerência, continuidade e unidade ao grupo durante a reconstrução de si, agregando massas de indivíduos em torno de personagens, experiências e mitos comuns. Este papel agregador da memória coletiva é especialmente notável quando se trata da construção da identidade nacional. Devido às suas imensas dimensões, a nação não pode existir objetivamente nem como

espaço nem como congregação. Assim, para identificarem-se uns com os outros e entrarem em relações sociais ou atividades burocráticas, políticas, bélicas e culturais das quais a nação depende, as pessoas precisam recorrer a uma memória coletiva comum.

As comunidades internacionais também são essencialmente memoriais. Assim, Le Goff (1990) caracteriza as religiões judaico-cristãs como memoriais. Quanto mais disperso pelo espaço-tempo uma comunidade se encontra, mais este depende da memória coletiva.

A construção da identidade através da memória coletiva não se limita a um âmbito interno. No ato positivo de criarmos a nossa identidade, também construímos um Outro que nos é alheio. Conforme nos relata Ricoeur (2007) na sua análise da obra de John Locke, a presença do Outro na construção da identidade e memória serve o propósito de diferenciação entre indivíduos (p. 116). Segundo Pollak (1992) no âmbito da memória coletiva o Outro existe em “referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta” (p. 204). Esta negociação frequentemente resulta em um trabalho de enquadramento de memória em que podem surgir disputas sobre a inclusão/exclusão, conflitos de interpretação entre grupos (p.206).

Porém, é importante salientar que a presença do Outro e a negociação resultante significam que, longe de ser fixa, a memória é um “fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.” Para Pollak (1992), estas mudanças são função do momento em que a memória é articulada, pois “as preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória". (p. 201-204) Assim, um mesmo fato ou personagem pode receber tratamentos diferentes conforme o grupo em que é expressado e os fins do momento da sua expressão.

Para Homi Bhabha (1990) a construção da identidade nacional é um ato narrativo, um processo sempre incompleto de negociação de significado cultural e político. Assim, o autor entende o problema externo/interno da nação como um processo híbrido e multifacetado em que as fronteiras nacionais funcionam como articulações, barreiras transgredidas. Na construção da nação, “o ‘outro’ nunca nos é alheio; ele emerge com força, dentro do discurso cultural, quando acreditamos estar

falando da maneira mais ‘íntima e indígena ‘entre nós’”. Assim, “as margens da nação deslocam o centro; os povos periféricos voltam para reescrever a história e as ficções da metrópole” (p.4-6, tradução nossa).

Não obstante a mutabilidade das memórias coletivas, Pollak (1992) aponta para certos elementos da memória que por vezes mostram-se invariantes, imutáveis e irredutíveis. (p. 201) Entre estes elementos o autor destaca os acontecimentos, personagens e lugares, todos os quais podem relacionar-se direta ou indiretamente com os grupos e indivíduos que os guardam na memória. Assim, segundo o autor, fatos, datas, personagens e “locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa” podem exercer papéis importante na memória de um determinado grupo. (p. 202)

É importante esclarecer que estes elementos imutáveis não representam estabilidade ou unanimidade do significado da memória, antes remetem a relações de poder e de legitimação cultural.

O aspecto essencialmente social da memória significa que a memória é sempre uma construção. Mas como é que a memória poder ser construída por seres tão diversos? Como é que a memória pessoal se socializa?

Conforme Ricoeur (2007) a memória transita entre as esferas do indivíduo e do coletivo por via da fala. Se o autor entende que a memória interna do indivíduo “já é uma espécie de discurso que o sujeito trava consigo mesmo”, a sua declaração “costuma ocorrer na língua comum, a língua materna, da qual é preciso dizer que é a língua dos outros.” O próprio ato de pronunciar as nossas memórias torna patente a sua estrutura pública. Pela linguagem, a presença do outro permeia as nossas experiências pessoais assim que nos é dado um nome, pois “cada um de nós tem um nome que não deu a si mesmo, que recebeu de outro” (p. 138-139). É por via da linguagem que a memória transita entre o público e o privado.

Para Jacques Le Goff (1990), a linguagem também representa a extensão das possibilidades de armazenamento da memória, ato de liberação da memória dos limites físicos do corpo do indivíduo (p. 425). Assim, ao pronunciar nossas memórias pela linguagem, seja esta visual ou auditiva, nós possibilitamos sua permanência e preservação.

Na sua essência, a linguagem representa uma forma de organizar a memória. No âmbito da memória coletiva, a ordem socialmente aceita da linguagem torna a memória inteligível a outros. Esta organização também é imprescindível para uma memória confiável no indivíduo. A importância da organização da memória foi particularmente importante para as sociedades pré-escritas. Assim Frances Yates (1999) interpreta uma longa tradição da *ars memoriae*, pela qual Santo Agostinho (2017) nos relata que, "chegando aos campos e às vastidões da minha memória, onde estão os tesouros de inúmeras imagens," as memórias que surgem mais rápido se apresentam "numa sequência contínua, à medida que são solicitadas." As reflexões do bispo de Hipona parecem ressaltar a necessidade da organização para a procura das memórias, pois

> Na memória todas as coisas são distintamente preservadas em categorias gerais, depois de cada uma delas passou por sua própria porta de entrada [...] Desse modo a luz, as cores [...] todos os tipos de sons [...] todos os tipos de cheiro [...] todos os tipos de gosto [...] Todas essas coisas aquele armazém enorme da memória acolhe em seus inúmeros recônditos e misteriosos recessos, para serem evocadas e apresentadas quando for necessário" (p. 201-202).

Além da sua essência como forma de impor ordem à memória, podemos entender a linguagem como um suporte, um meio pelo qual a memória é transferida. Neste intuito, a linguagem pode tomar várias formas, da oral à escrita, a digital, a corporal, a artística. Conforme Le Goff (1990), a escrita permite o desenvolvimento de duas formas da memória: o monumento e o documento. Para o autor, o monumento representa a comemoração feita com o propósito de instruir e evocar ou sinalizar o passado; em termos de forma, a obra comemorativa monumental é tipicamente arquitetura ou escultura (p. 535).

Já o documento é tido como prova ou evidência. No tocante à sua forma, o documento pode ser qualquer tipo de registro. Esta natureza probatória da memória registrada tem muito mais a dizer sobre o que se deseja provar do que a forma pela qual é provada. Assim, um mesmo registro, independente da sua forma, pode ser prova de diferentes coisas para diferentes grupos. Ressalta-se que esta determinação depende do contexto social em que se insere o observador (BUCKLAND, 1991; HJORLAND, 1995), portanto uma pedra preciosa pode ter significados distintos para um geólogo, um antropólogo e um comerciante.

Inerente ao conceito do documento como evidência é o ato seletivo da memória, pois, se tudo é documento, nada é documento (LE GOFF, 1990). Para Meneses (2007) a capacidade de abstrair o essencial da experiência leva-nos da mera percepção da vida à construção do conhecimento sobre a vida. Por sua vez, a articulação de abstrações possibilita a formação de categorias, às quais recorremos através da memória (p. 15). Segundo Pearce (1994) o papel da seleção da memória contribui para a construção da identidade. Assim, ao determinar o valor probatória de um determinado registro da memória, nós contribuímos para a nossa identidade como indivíduos e sociedade.

Embora os dois tipos de memória difiram na sua forma, Le Goff (1990) afirma que “todo documento tem em si um caráter de monumento” (p. 433). Todo documento é uma tentativa de comemoração e assim, tem a habilidade de perpetuar não só a memória, mas as relações de poder envolvidas na sua construção. Por um lado, quando ligada à noção de autoria, a produção e divulgação da memória registrada pode condicionar as relações sociais entre indivíduos e grupos. Para Pierre Bourdieu (1999), a produção do conhecimento serve para demarcar os lugares de fala, gerando conflitos sobre a legitimidade cultural.

A memória registrada também serve para reafirmar o conceito da nação. Assim, Marshall McLuhan (1972) aponta para o papel do tipo móvel na construção moderna da nacionalidade, tanto nos jornais quanto nos livros. É também por este mesmo viés que Bhabha (1990) pauta sua discussão sobre a identidade nacional em obras literárias. Destarte, o documento pode resultar na consagração de um autor na memória coletiva.

A forma muitas vezes física do registro da memória gera o risco de fetichização do objeto, processo pelo qual a forma física do registro se confunde com a essência da memória. Para Daniel Miller (1994), o fetichismo dos objetos confere autonomia ao objeto, sendo as relações sociais e culturais consequentes do objeto. Porém, não se pode perder de vista que são as relações sociais que criam os documentos.

A fetichização da memória registrada também pode levar ao equívoco de tratar da memória como algo fixo, formal ou sintático. Sobre este problema vale ressaltar que a memória, como processo constante de construção e reconstrução social de significado, é um fenômeno semântico. Para o historiador Michael Pollak (1992), esta

essência da memória como construção social coloca em segundo plano os aspectos formais da memória registrada, não havendo diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral (p. 207).

No que diz respeito à organização dos registros memoriais, quando a ênfase é colocada no aspecto físico do registro da memória, o que surgem são técnicas de preservação inadequadas que podem até aumentar o risco de perda dos elos sociais da memória. Assim, Armando Malheiro da Silva (2013) entende o paradigma custodial como a preocupação com o documento como artefato cuja preservação é ameaçada pelo acesso. É preciso lembrar que o documento é apenas uma forma pela qual a memória se socializa. Portanto, a socialização e acesso são as maneiras mais adequadas de preservar a memória.

A construção social da identidade através dos registros da memória representa traço fundamental da vida e obra de Manoel de Oliveira Lima. Neste contexto é que devem ser investigados a produção intelectual e o colecionismo que, “pela ironia que é inseparável do destino humano”, levaram o pernambucano, a ser “enterrado amortalhado na béca de professor de direito internacional da Universidade Catholica de Washington” (OLIVEIRA LIMA, 1937, p. 14) instituição herdeira e custodiadora da sua coleção *brasiliana* de mais de 40.000 obras. Se a pátria amada foi sempre fora do seu alcance, o patriota poderia viver e morrer junto da sua memória, sepultado com as singelas palavras: “aqui jaz um amigo dos livros”.

2.3 PIONEIRISMO E POLÊMICA: A PRODUÇÃO INTELECTUAL DE OLIVEIRA LIMA NO BRASIL

Segundo Malatian (2001) a obra historiográfica, diplomática e jornalística de Oliveira Lima contribuiu para a construção de uma identidade nacional que visava a inserção do autor nos meios sociais, intelectuais e institucionais do Brasil da Primeira República. Não obstante o pensamento complexo e independente do autor que muitas vezes desafia simplificações generalistas, esta tentativa de inclusão do autor podia envolver, entre outras coisas, um apelo às disposições ideológicas da classe dominante de então, como, por exemplo, uma concepção de raça “branqueadora, que rejeitava a

mestiçagem, a não ser sob o signo da conquista, e procedia à leitura dos agentes históricos centrada nas idéias, no Estado e nos heróis" (p. 345).

De várias formas, esta visão privilegiava o autor-- filho de pai português radicado intelectualmente na Europa -- e apontava para a sua voz como entre as mais dignas dentro da nação miscigenada. Assim, o historiador passava a entender seu papel de educador do povo, a história pátria justificando a voz e o privilégio social do historiador.

Nas suas obras históricas de cunho biográfico, as figuras históricas frequentemente se confundem com o próprio autor. No seu *Dom João VI no Brasil*, obra de reivindicação do rei português até então injustiçado pela historiografia luso-brasileira, Luís Delgado (1967) enxerga um "dualismo psicológico" em que os traços de "incompreendido e preterido que Oliveira Lima tão frequentemente se julgou encontrou por certo um companheiro naquele príncipe moralmente solitário" (p. 22-23). No seu elogio ao Barão de Porto Seguro, patrono da cadeira 39 na Academia Brasileira de Letras à qual Oliveira Lima tomava posse, nota-se uma estratégia de auto-consagração "por meio do artifício das vidas paralelas, ou seja, tornou a biografia do homenageado também uma autobiografia" (MALATIAN, 2001, p. 175). Por suas várias obras biográficas, Oliveira Lima tencionava traçar a sua própria imagem.

Por sua obra historiográfica Oliveira Lima também pôde ingressar nas principais sociedades intelectuais do Brasil. Através dos seus primeiros dois livros, *Pernambuco, seu desenvolvimento histórico*, e *Aspectos da literatura colonial brasileira*, publicados entre 1895 e 1896, o jovem historiador entrou no Instituto Geográfico e Histórico Brasileiro e foi eleito à Academia Brasileira de Letras, onde ele conviveria com vultos da intelectualidade brasileira de então, como, por exemplo, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha e José Veríssimo.

Segundo André Heráclio do Rêgo (2017), a obra de Oliveira Lima "deixou sua marca e sua influência nas gerações de cientistas sociais e historiadores que o sucederam" (p. 66-67). Assim, vários autores apontam para o historiador pernambucano do início do século XX como precursor ou antecipador das obras Sérgio Buarque de Holanda, Octávio Tarquínio de Sousa, José Honório Rodrigues, Norbert Elias e Georges Duby, isto sem falar do impacto direto que teve com Gilberto Freyre, o qual afirmaria não se lembrar "de mestre nenhum, excepto Boas, que viesse a exercer

influencia [*sic*] tão poderosa sobre a minha formação" (OLIVEIRA LIMA, 1937, p. v).

Conforme Forster (2011), o pioneirismo de Oliveira Lima também se sentiu no Itamaraty, onde Oliveira Lima tornar-se-ia "precursor e promotor da diplomacia cultural" (p. 125). Esta diplomacia cultural levou Oliveira Lima a ingressar em "reuniões diplomáticas, na academia e em institutos de pesquisa, como genuíno porta-voz não só da intelectualidade brasileira, mas de toda cultura latino-americana" (p. 122). Oliveira Lima recebeu honrarias, elogios de instituições e academias ao redor do mundo, além de fundar cadeiras de estudos brasileiros e latino-americanos em várias universidades fora do Brasil, como, por exemplo, a Harvard e as universidades de Lisboa e Liège.

Por via de conferências, congressos e a publicação de artigos em revistas literárias no exterior, Oliveira Lima chegou a ser "um dos intelectuais brasileiros mais reconhecidos no exterior no seu tempo" (HENRICH, 2016, p. 220). Tamanho foi o trabalho de diplomacia cultural de Oliveira Lima que ele receberia do poeta sueco Goran Bjorkman o título de Embaixador cultural do Brasil.

O intercâmbio internacional também deu impulso a mudanças importantes na vida intelectual do diplomata brasileiro. Segundo Forster (2011), trata-se de um "despertar latino-americano." Conforme Henrich (2016) graças à remoção do diplomata para a Legação de Caracas na Venezuela e o "intenso aprendizado" que este primeiro contato com uma ex-colônia espanhola suscitou, Oliveira Lima teve que repensar não só suas antigas visões sobre as repúblicas hispano-americanas mas também o papel dos Estados Unidos no hemisfério. Para a autora, longe de indicar um sentimento antiamericano, este contato intelectual com as ex-colônias espanholas gerou um Pan-Americanismo crítico que tentou pôr em cheque o imperialismo norte-americano ao mesmo passo que propôs uma reforma, não anulação, da Doutrina Monroe.

É pelo contato com Franz Boas que as certezas raciais absolutas da superioridade branca e inferioridade negra e indígena, tão características do evolucionismo spenceriano, começam a ceder, mesmo de forma limitada ou até relutante, ao relativismo cultural. Assim, podemos entender as vantagens, expressas por Oliveira Lima no seu *The Evolution of Brazil Compared with that of Spanish and Anglo-Saxon America* (1914), da elevação da mestiçagem moral em combate à degradação da mestiçagem física (RÊGO, 2017). Depois, em 1923, Oliveira Lima

chegaria a chamar de “um erro à luz da história” a ideia de raças puras, e reafirma o valor da mestiçagem. Estas afirmações, ainda que carregadas de uma sobrevalorização da cultura europeia em despeito das indígena e africana, lançam mão de uma explicação essencialmente social da desigualdade das condições sociais das raças nas Américas.

Durante sua vida passada mormente fora do Brasil, a longa carreira jornalística também serviu para superar as barreiras físicas entre o patriota e sua terra natal. Esta conexão com o país natal começou aos 14 anos, quando Oliveira Lima fundou o *Correio do Brazil* justamente para falar de temas brasileiros em Portugal (HENRICH, 2016). E assim pelo resto da vida onde quer que estivesse o jornalista ambulante, ele sempre contribuiria para jornais brasileiros de grande circulação, como, por exemplo, a *Folha de São Paulo*, *o Jornal do Commercio*, o *Diário de Pernambuco* e o *Correio da Manhã*.

Foi durante a carreira jornalística que Oliveira Lima desenhou-se no mais drástico relevo dentro da sociedade brasileira e até na comunidade internacional, lançando polêmicas, travando suas lutas homéricas contra a opinião dominante da época.

No dizer de Gilberto Freyre (1970) foram lutas quixotescas, pois quem mais que o “Dom Quixote Gordo” ousaria expressar uma “saudade lúcida” da monarquia ou até mesmo uma “convicção monárquica” no Brasil em plena Primeira República? O que, senão um quixotismo poderia suscitar expressões de neutralidade na Inglaterra durante a Primeira Guerra Mundial? Desta inconformidade também veio seu pan-americanismo, um “monroísmo latinizado” que o posicionou contra a total adesão do Brasil ao programa imperialista norte-americano e estragara sua longa amizade com Joaquim Nabuco. Mas, se Oliveira Lima “nunca foi homem nem de conclusões nem de atitudes simplistas” (p. 70-72) ele o foi em uma época em que a inquestionabilidade da lealdade valia muito mais que a sutileza de opinião.

Estas polêmicas acabaram por impossibilitar a permanência de Oliveira Lima na Inglaterra que ele tanto desejava e dificultaram sua estada no Brasil, levando-o a um exílio voluntário nos Estados Unidos (LIMA SOBRINHO, 1971). Ao construir sua identidade pelas polêmicas, Oliveira Lima acabou por ser excluído de vários grupos em

que ele desejava se inserir.

Nas *Memórias*, gênero de autorretrato por excelência, Oliveira Lima (1937) oferece a mais clara imagem de si e da sua produção intelectual que ele desejava deixar para a posteridade:

> Da minha penna posso contudo dizer, sem mentira, que esteve sempre ao serviço de boas causas, que nunca se alugou, foi invariavelmente desinteressada quanto sincera e, se porventura commetteu erros de apreciação porque é proprio do juizo humano falhar, bem os resgatou com as contrariedades que me trouxeram o culto da verdade e o desejo vehemente da paz universal. Não me envergonho de ser pacifista *à tout prix* e de aspirar--n'isto se cifra todo o meu lyrismo--à dignidiade de cidadão do mundo. Não tenho preconceitos, quer de raça, quer de religião, e sob este aspecto, sou bem nacional sem ser nacionalista (p. 5).

Porém, a vida dedicada ao cultivo da memória nacional não garantiu uma boa acolhida no Brasil. Ao contrário, conforme Freyre (1970) a vida de Oliveira Lima no além-mar, por mais que ela exaltasse a pátria, "concorreu para o relativo desprestígio de Oliveira Lima na sua própria terra" (p. 125). Conforme Rêgo (2017) a forte influência de Oliveira Lima no desenvolvimento das ciências sociais no Brasil passou quase despercebida, sendo indevidamente ausente seu nome na maioria das bibliografias dos grandes pensadores do século XX.

Não que a Oliveira Lima "lhe faltasse, no Brasil, a compreensão e a admiração dos intelectuais máximos do seu tempo" como por exemplo Machado de Assis e Euclydes da Cunha, mas que sua obra "encontrou quase sempre maior compreensão e despertou maior admiração entre estrangeiros" (FREYRE, 1970, p. 146). Se a memória construída pela produção intelectual do pernambucano possibilitou que ele fosse "brasileiro por opção, mais ainda do que por nascimento" (LIMA SOBRINHO, 1971, p. 19), esta mesma memória permitiu que ele optasse pelo exílio voluntário e a morte nos Estados Unidos. Visto esta colheita aparentemente mais farta no solo norte-americano, vale investigar os processos de semeadura do cultivador da memória.

2.4 1896-1899: *FOUNDING FATHER* DOS AMERICANISTAS BRASILEIROS

O primeiro período de atividade intelectual de Oliveira Lima nos Estados Unidos diz respeito aos anos 1896-1899, época em que Oliveira Lima serviu como primeiro

secretário da legação brasileira em Washington, D.C. Esta primeira fase é marcada pelo republicanismo e monroísmo do jovem diplomata (HENRICH, 2016, p. 84) uma postura que parece refletir o intenso desejo de aproximação aos Estados Unidos então vigente no Brasil, expresso pelo seu chefe Salvador de Mendonça e muitos republicanos históricos.

Durante esta primeira estada nos Estados Unidos, Oliveira Lima manteve uma rica produção jornalística no Brasil. Entre 1896-1899, Oliveira Lima contribuiu à *Revista Brazileira* de José Veríssimo, mandando um total de 13 artigos de cunho impressionista e pessoal sobre a vida política, social e literária nos Estados Unidos (HENRICH, 2016, p. 103). No *Jornal do Commercio* de José Carlos Rodrigues, Oliveira Lima manteria uma correspondência semanal entre agosto de 1896 e agosto de 1898. Graças ao seu foco nos temas mais relevantes da política interna e externa dos Estados Unidos, o jovem diplomata teve de manter-se anônimo (HENRICH, 2016, p. 104; GOUVÊA, 1976, p. 277). Esta vasta produção jornalística serviria de base para o seu livro *Nos Estados Unidos: impressões políticas e sociais*, publicado em 1899.

Segundo Henrich (2016) a estada do diplomata nos Estados Unidos deu ensejo para uma expansão de perspectiva do historiador, um deslocamento paulatino da história regional e da crítica literária para reflexões sobre a política internacional contemporânea (p. 103). Na obra de Oliveira Lima, este livro seria o início de uma série de reflexões sobre outros países aos quais o brasileiro foi levado pela carreira diplomática, entre eles o Japão, a Venezuela e a Argentina. É importante lembrar o papel que o Brasil sempre teve nestas reflexões sobre a América do Norte. Como a autora afirma “não é exagero dizer que ao escrever sobre os Estados Unidos, Oliveira Lima estava, na verdade, pensando no Brasil” (p. 105).

A comparação entre as duas ex-colônias provocou uma melancolia no autor, expressa pelo jovem diplomata nas seguintes palavras:

> Na América do Norte apoderou-se de mim e a breve trecho converteu-se quase numa obsessão, uma forte impressão do nosso atraso que na Europa eu nunca havia experimentado, acostumados como justamente andamos a considerá-la um antiquíssimo campo de experiências e de progressos. Do outro lado do Atlântico porém, num país de civilização tão moderna quanto o Brasil, a comparação impõe-se irresistivelmente, em nosso grave desabono, com o seu cortejo de considerações psicológicas e sociológicas (OLIVEIRA LIMA, 2009, p. 64-65).

O progresso dos Estados Unidos e o relativo atraso do Brasil que Oliveira Lima sentiu podem ser resumidos na seguinte justaposição: enquanto a ex-colônia inglesa movia-se pela ciência e democracia, no Brasil reinavam o jacobinismo e o analfabetismo (OLIVEIRA LIMA, 2009, p. 52). Para o autor, a superioridade norte-americana se explicava principalmente pela diferença racial entre os povos colonizadores dos Estados Unidos e o Brasil. Assim, embora o Brasil apresentasse um ambiente natural mais favorável aos seus colonizadores, a raça portuguesa padecia de uma "fé proselítica e ganância tumultuosa" que tornara o Brasil "um corpo anêmico e fraco," enquanto a América do Norte representava um "produto forte, próspero, admirável de uma raça mais nova...menos pejada de antiguidade e de tradições" (OLIVEIRA LIMA, 2009, p. 93).

Remetendo a Melchior de Vogué, Oliveira Lima afirma que o povo inglês representava "o triunfo do bom senso, do ideal prático da existência." Se o inglês "ensaiou primeiro suas forças e foi executando aos poucos", o colonizador português, herdeiro da tradição peninsular, "pretendeu sempre demasiado, fora de toda proporção com o que podia realizar." Como consequência, as descobertas americanas entonteceram o colonizador peninsular "e arrastaram-no no caminho da perdição" (OLIVEIRA LIMA, 2009, p. 93).

Embora quisesse escapar dos extremismos que no Brasil dividiam a opinião sobre os Estados Unidos entre admiradores e detratores, o autor conclui que, "à parte os exageros do fanatismo, a verdade está incomparavelmente mais com os primeiros." Assim, a estada de três anos na América do Norte revelou ao diplomata um exemplo de um país estrangeiro

> que eu tanto desejava ver imitado pelo meu no ingente progresso material, sem o qual a verdadeira cultura é hoje um sonho, e ao mesmo tempo no seu discernimento dos males da demagogia, na tolerância, na paixão pelo estudo, na energia individual, na vontade perseverante de atingir a perfeição (p. 51).

Para o autor brasileiro, dada a clara superioridade do país de origem anglo-saxã, parecia natural que este tivesse posição privilegiada e até de dominação sobre os países atrasados, entre os quais estavam as ex-colônias espanholas como Cuba e Panamá. Assim, conforme Almeida (2009), o livro de impressões mostra "simpatia,

quando não conivência, com o imperialismo americano" (p. 9). Em *Nos Estados Unidos*, Oliveira Lima parece exibir uma sedução excessiva que o leva a aceitar a teoria do excepcionalismo e Destino Manifesto então vigente nos Estados Unidos, país que se achava em plena fase de colonização (MALATIAN, 2008 apud. HENRICH, 2016, p. 106).

Diante destas críticas, podemos notar uma ironia, pois conforme Henrich (2016) Oliveira Lima

> entendia que o viajante era uma voz autorizada e às vezes até superior à dos nativos pela sua imparcialidade...daí vem o uso recorrente deste tipo de literatura como fonte nas suas próprias obras. Era natural, portanto, que ele também quisesse deixar sua marca como um cronista moderno, registrando suas andanças pelo mundo e ganhando *status* como intelectual. (p. 101)

No entanto, o livro não foi de todo uma apologia aos Estados Unidos, pois Oliveira Lima também apontou alguns defeitos. As relações raciais eram maculadas pela violência e a corrupção. Para o jornalista e historiador brasileiro, a literatura e a imprensa norte-americana também deixavam a desejar. Além disso, o público leitor dos Estados Unidos mostrava uma indiferença aos assuntos internacionais, a qual teve expressão mais clara durante uma viagem de trem na Filadélfia, na qual o jornalista pernambucano teve ensejo de observar os hábitos de leitura de jornais dos passageiros: "percorreram atentamente todas as seções e leram religiosamente todas as colunas até à página reservada às notícias do estrangeiro; aí, também sem exceção, todos os leitores muito naturalmente viraram a folha e passaram adiante" (2009, p. 218). Para o autor os defeitos do povo norte-americano diziam respeito a uma questão de idade, não de essência, e assim seriam emendados com o passar do tempo.

No Brasil, o livro teve uma boa acolhida, sendo recomendado por Medeiros e Albuquerque, Maria Amália Vaz de Carvalho e José Veríssimo. Esta recepção não isentou a obra de certas críticas. Concordando plenamente com a admiração do diplomata pelos Estados Unidos, José Veríssimo também detectou nas impressões de Oliveira Lima um excesso de simpatia que por vezes parecia diminuir sua capacidade crítica (HENRICH, 2016, p. 109-110).

Nos Estados Unidos também mereceu elogios fora do Brasil. Na sua apreciação

favorável à sociedade e política norte-americana, a obra do jovem pernambucano condizia com os *Estudos Americanos* do diplomata e intelectual argentino Martín García Mérou, o qual considerou “o livro mais interessante e talvez o mais completo e exato trabalho já publicado em língua portuguesa sobre a República do Norte” (HENRICH, 2016, p. 111). Na Europa o professor do Curso Superior de Letras em Lisboa, Ferreira Deusdado, recomendou a obra do seu ex-aluno pela riqueza de informações enquanto a *Revue du Brèsil et de la Amèrique Latine* afirmava que a obra merecia uma maior divulgação, a qual estava impedida por barreiras linguísticas (HENRICH, 2016, p. 112).

Não obstante sua publicação em língua portuguesa, o livro também mereceu avaliações favoráveis na imprensa norte-americana, sendo divulgado pelos jornais como *The New York Times, Chicago Record, Washington Post*. *Nos Estados Unidos* também foi bem acolhido nas revistas norte-americanas especializadas de cunho acadêmico. Em prol da causa da amizade e entendimento interamericano, Edward Bourne da *American Historical Review* recomendou a tradução da obra para o inglês e o espanhol, o que até hoje não aconteceu (HENRICH, 2016, p. 112-114).

Fruto de uma intensa e atualizada pesquisa que reuniu uma multidão de fontes e autores norte-americanos, a obra colocou o jovem intelectual em destaque entre os seus conterrâneos. Na então incipiente Academia Brasileira de Letras, membro algum podia nomear mais de dois escritores norte-americanos vivos (HENRICH, 2016, p. 102). Embora Hipólito José da Costa tivesse publicado um livro de impressões norte-americanas cem anos antes, pela abrangência da sua obra “o rotundo diplomata...poderia, legitimamente, ser considerado como o primeiro, ou mesmo como ‘o’ *founding father* dos americanistas brasileiros” (ALMEIDA, 2009, p. 12).

Não obstante o alcance internacional de *Nos Estados Unidos*, é preciso lembrar que, no dizer do seu autor, as impressões foram feitas com “olhos de brasileiro” (OLIVEIRA LIMA, 2009, p. 64). Destarte, conforme Barbosa Lima Sobrinho (1971) “poder-se-ia aceitar o livro *Nos Estados Unidos* como uma visão do Brasil através dos Estados Unidos” (p. 78).

Se Henrich (2016) afirma que o pioneirismo do livro de impressões norte-americanas está justamente no fato de ser o “primeiro livro escrito por um brasileiro para o público brasileiro com o intuito de apresentar este país e com uma perspectiva

eminentemente nacional" (p. 109) é preciso notar como esta perspectiva brasileira constrangeu a obra, e consequentemente a memória do autor. Esta fase inicial de Oliveira Lima nos Estados Unidos caracteriza-se pela relação com o Brasil como patrono, relação que exigiu anonimato. No que diz respeito ao *status* de Oliveira Lima como autor, este fato poderia ter servido para abafar o seu renome.

Esta fase também foi uma de observação, e não de participação no meio intelectual norte-americano. O autor permanece como um Outro que olha para o país de fora para dentro. Limitado pela publicação exclusiva em português, o livro também não tinha como alcançar o público norte-americano, o qual por sua vez mostrava pouco interesse nos assuntos internacionais.

2.5 1912-1928: EXÍLIO VOLUNTÁRIO

A segunda fase da atividade intelectual de Oliveira Lima nos Estados Unidos inicia-se em 1912 com as seis conferências proferidas pelo historiador na universidade de Stanford. Desta vez, o Embaixador Cultural do Brasil chegou aos Estados Unidos como conferencista e não como diplomata, vínculo que antes havia constrangido o intelectual, pois como o ex-ministro relataria nas suas *Memórias* "os diplomatas se movem num circulo [*sic*] muito estreito, o qual acaba por limitar-lhes o horizonte mental" (OLIVEIRA LIMA, 1937, p. 279).

Nas conferências Oliveira Lima se enquadra em um lugar de fala mais abrangente, pois se antes ele pensava na condição dos Estados Unidos com a perspectiva declaradamente brasileira, agora o historiador olhava para o país como latino-americano. As seis conferências proferidas na Stanford em 1912 e publicadas em um livro em 1914 intitulado *The Evolution of Brazil Compared with that of Spanish and Anglo-Saxon America*, o conferencista trata de um panorama da formação histórica das três Américas, a saber, a portuguesa, a anglo-saxônica e a espanhola. Conforme André Heráclio do Rêgo (2017) diante da Europa, o historiador percebe uma evolução moral presidido pelo idealismo que une as três culturas do Novo Mundo (RÊGO, 2017, p. 102). Porém, como acrescenta o autor, esta visão de América tripartite em vários sentidos "concentrava-se em dois blocos de certa forma antagônicos, o da América

Latina e o da anglo-saxônica” (p. 91).

Desta vez, a comparação não seria motivo para atestar a inferioridade do Brasil e da América Latina. No tocante às relações raciais e o dito “problema do negro”, a América Latina parecia levar a vantagem. Quando comparada ao exclusivismo intransigente da segregação das raças nos Estados Unidos -- o qual parecia resultar inevitavelmente no antagonismo e ódio entre as raças -- a orientação espontânea da mestiçagem física e moral dos povos ibéricos era sem dúvida superior, pois, além de ter liquidado o problema pela fusão, também havia criado “mestiços de gênio” como Machado de Assis e o Barão de Cotegipe, entre outros (RÊGO, 2017, p. 86-87).

Se a educação política fosse motivo mais clara para o rápido adiantamento norte-americano em relação à América Latina, a imitação cega do sistema federal norte- americano nos países latino-americanos também não era aconselhável, pois no México, Peru, Paraguai, Venezuela e tantos outros países, havia gerado violência, selvageria e desordem sob a demagogia popular de caudilhos. No Brasil, a queda do império e a consequente imitação do sistema político norte-americano durante a Primeira República pôs fim à única república da América (RÊGO, 2017, p. 99-101).

A postura crítica das conferências de Oliveira Lima rendeu-lhe elogios na América Latina. No Brasil, Américo Jacobino Lacombe elogia a coragem do seu conterrâneo, que “não somente não se desculpava perante os americanos por não ter uma história semelhante, mas também se orgulhava das suas diferenças que, longe de significar inferioridade, significavam, em muitos casos, superioridade” (RÊGO, 2017, p. 92). Da Venezuela, Rufino Blanco-Fombona, congratulou o conferencista por ter pregado a verdade latino-americana, “a nossa verdade”, aos bárbaros da América do Norte (CARDOZO, 1969, p. 213). A visão tripartite das Américas estabelece Oliveira Lima como pioneiro no Brasil e autoridade entre os intelectuais hispanos (RÊGO, 2017, p. 91).

Nos Estados Unidos, as conferências de 1912 marcam o ingresso de Oliveira Lima como latino-americanista brasileiro no meio norte-americano. Esta postura tomaria diferentes feições ao longo do resto da sua vida, conectando-o a novos meios sociais e instituições no país que poucos anos depois tornar-se-ia o exílio voluntário do diplomata brasileiro. Desta época em adiante Oliveira Lima clama pela igualdade entre os países

do hemisfério e não mais uma aceitação submissa da prepotência anglo-americana. Junto a este pan-americanismo crítico veio o seu pacifismo declarado dentro de um país que, em 1917, acabou optando pela intervenção militar na Primeira Guerra Mundial.

Depois das seis conferências na Stanford, Oliveira Lima aproveita a estada nos Estados Unidos para conhecer melhor o país, repetindo suas conferências em mais 11 universidades norte-americanas: *University of California*, a *University of Kansas*, a *University of Chicago, a University of Wisconsin, a University of Michigan, a Cornell University, Columbia University, Vassar College, Johns Hopkins, Yale e Harvard*.

Esta turnê abriria os olhos de Oliveira Lima a novas tendências dentro da sociedade norte-americana. Nas universidades, ele notou com satisfação um interesse em assuntos latino-americanos (HENRICH, 2016, p. 272). Como auxílio a este novo interesse acadêmico, o intelectual brasileiro também testemunha o surgimento de bibliotecas especializadas em assuntos latino-americanos como as da União Pan-americana e das universidades de Harvard, Berkeley e da Stanford, esta última oriunda da coleção particular do seu amigo bibliófilo e presidente da universidade John Casper Branner (HENRICH, 2016, p. 273). Já nesta época, estas bibliotecas estavam dando bons frutos, ao passo que “uma melhor compreensão da importância do mundo latino-americano mal podia deixar de influir no modo por que nos Estados Unidos é considerada a Doutrina de Monroe” (HENRICH, 2016, p. 279-280).

Este interesse internacional ia além das universidades e generalizava-se na sociedade norte-americana. Se no fim do século XIX Oliveira Lima comentara com certa ironia a total falta nos Estados Unidos de interesse em assuntos internacionais, segundo Henrich (2016) em 1912 o historiador notou que a “arena internacional foi gradativamente passando a fazer parte da agenda do dia.” Neste primeiro quartel do século XX, foram-se criando instituições para o fomento da paz, “fóruns de agrupamento e discussão” para uma elite nacional que buscava “angariar apoio do grande público para temas de política externa” pautados na causa da paz internacional (p. 274).

Trata-se de uma situação de todo diversa daquela que ele vinha experimentando na sua terra natal, pois se o pacifismo e pan-americanismo veemente do ex-diplomata

foram tendências quixotescas alienantes da realidade brasileira, nos Estados Unidos estas ideias condiziam quase que exatamente com as de políticos, empresários, filantropos, jornalistas e intelectuais e até mesmo o presidente da república. Conforme Henrich (2016), o contato de Oliveira Lima com este movimento pacifista “foi um dos elementos fundamentais para o seu reencantamento com os Estados Unidos e com a renovação da sua fé em uma política internacional orientada por valores morais que ele compartilhava” (p. 275).

Boa parte da atividade intelectual de Oliveira Lima de 1912-1928 dependeu de grandes doações de homens ricos. Um homem em particular teria grande impacto: Andrew Carnegie, o imigrante escocês cujos investimentos ferroviários o tornaram um dos homens mais ricos da história dos Estados Unidos, homem que dedicou a última parte da sua vida à filantropia, na qual figuravam várias instituições dedicadas à paz internacional. Conforme Gouvêa (1976) foi graças ao dinheiro da *Carnegie Peace Funds* que Oliveira Lima pôde ir à universidade de Stanford em 1912 (p. 959). Até sua morte em 1928, o brasileiro deveria muito da sua atividade intelectual nos Estados Unidos às várias instituições fundadas por este filantropo.

Segundo Oliveira Lima, o dinheiro de Andrew Carnegie também contribuiu para a reforma de uma instituição que anos antes o havia decepcionado. Fundado pelo secretário de Estado James G. Blaine no intuito primitivo de promover a Doutrina Monroe (DULCI, 2013), o *Commercial Bureau of the American Republics* parecia inicialmente acentuar a posição subalterna dos países latino-americanos em relação à América do Norte (OLIVEIRA LIMA, 1971, p. 415). Porém, ao desligar-se “do predomínio do Departamento de Estado” para sujeitar-se “à influência direta do conselho diretor” composto dos representantes de todos os países constituintes, a instituição, sob a nova denominação de *Pan-American Union*, “deixou de semear desconfianças e apreensões entre as nações latinas do continente” (OLIVEIRA LIMA, 1971, p. 415-416). “Graças à liberalidade de Andrew Carnegie”, esta mudança em prol da cooperação pan-americana teve expressão concreta no novo edifício da instituição, o qual deu “ampla satisfação às tradições e feitios da América Latina” (OLIVEIRA LIMA, 2016, p. 417).

Voltada à abolição da guerra por via da “pesquisa, na compilação e divulgação

de material, treinamento e expansão da educação em matéria de Direito Internacional" (HENRICH, 2016, p. 276) a *Carnegie Endowment for International Peace* também serviu de palco para o ex-diplomata. A convite desta instituição, Lima participou no Congresso Científico Pan-americano de Washington de 1916 como representante do estado de São Paulo (HENRICH, 2016, p. 304). Depois, em 1921, Oliveira Lima daria conferência na reunião da Sociedade Americana de Direito Internacional como membro da Sociedade Brasileira de Direito Internacional (HENRICH, 2016, p. 316).

Foi por uma doação anônima à Harvard[2] para a criação de uma cátedra de História de Economia da América Latina que Oliveira Lima teve sua primeira experiência como professor universitário. Conforme Henrich (2016) "além do prestígio que lhe dava o convite e da genuína vontade de dedicar-se à docência" a cátedra envolveu um grande atrativo financeiro para o casal Lima, o qual se encontrava em apertos financeiros na Europa (p. 294).

O historiador pernambucano guardou as melhores lembranças do seu professorado em Harvard entre 1915-1916. Naquela época, o meio universitário norte-americano mostrava um crescente interesse sincero pelas tradições e cultura da América Latina, além da atenção que os recursos naturais e possibilidades econômicas da região geravam, observação que foi reafirmada em Harvard pela diligência e capacidade de independência dos seus 57 alunos. Neste período Oliveira Lima também notou a posição social que desfrutava o corpo docente, o qual parecia guiar a opinião pública sem entregar-se às brigas partidárias (HENRICH, 2016, p. 295).

Conforme Henrich (2016) nos Estados Unidos também estavam em pauta os benefícios do intercâmbio entre alunos universitários das duas américas (p. 296). Esta ideia de intercâmbio casava perfeitamente com a visão de um homem que havia dedicado 22 anos a uma carreira diplomática que rendeu-lhe o apelido de Embaixador cultural do Brasil, e que entendia estes intercâmbios como uma ponte através da qual o mundo poderia acessar a cultura e história brasileira.

Além de dinheiro, os Estados Unidos de 1912-1928 também ofereceram muito espaço ao historiador como conferencista. Nesta última fase da vida de Oliveira Lima passada nos Estados Unidos, ele proferiu conferências na Câmara de Comércio de Fall

[2] Conforme Gouvêa (1976) e Heinrich (2016) a doação provavelmente foi de Robert Woods Bliss.

River, Massachusetts e na Clark University em 1915, na Conferência Naval de Washington, na reunião anual da *American Historical Association*, em 1920 e deu seis palestras no Instituto de Política de Williams College em 1922.

O escritor também publicou em várias revistas na segunda e terceira décadas do século XX. Em 1913 Oliveira Lima publica artigo na revista *International Conciliation*, ligada ao nome de Andrew Carnegie (HENRICH, 2016, p. 283). Durante seus últimos anos de vida, o ex-diplomata também manteve uma contribuição moderada mas regular à *Hispanic American Historical Review*.

Oliveira Lima passou os últimos anos da vida como professor de Direito Internacional na *Catholic University of America*. O ex-diplomata iniciou as aulas no dia 10 de janeiro de 1923, lecionando para uma turma de 22 alunos, 18 padres e frades e 4 alunos graduados que haviam conseguido uma bolsa através do embaixador Penfield. Conforme o historiador pernambucano, esta primeira turma consistia de “tudo gente grande com quem a gente pode lecionar à vontade, porque já entende as coisas” (GOUVÊA, 1976, p. 1613). Por motivos financeiros, o professor continuaria a dar aula até 1927, só desistindo quando a saúde não permitiu mais.

O entusiasmo que o meio intelectual dos Estados Unidos do primeiro quartel do século XX causou no historiador pernambucano nunca se traduziu em uma admiração cega. Fiel às próprias crenças, o Dom Quixote Gordo sempre manteve um agudo senso crítico e não se esquivou a expressá-lo. Na conferência proferida na Câmara de Comércio de Fall River, Oliveira Lima defendeu a ampliação da Doutrina Monroe para que perdesse seu caráter exclusivista e assim, parasse de ser suspeita para os demais países da América Latina (HENRICH, 2016, p. 302). Tanto nas conferências da universidade de Clark quanto no Congresso Científico Pan-americano, Oliveira Lima continuou a apontar para o público norte-americano o egoísmo disfarçado da interpretação da doutrina do seu governo.

Não obstante estas discordâncias com a política externa dos Estados Unidos, Oliveira Lima não parece ter se desiludido ao ponto de ter desistido dos planos de permanência no país. Uma possível explicação por esta fé no seu futuro na América do Norte é a autonomia intelectual de que ele desfrutava nos Estados Unidos, autonomia que lhe seria impossível no Brasil e na Europa. As instituições norte-americanas em

que ele participava mantinham uma independência de influências exteriores. Assim, para o ex-diplomata, a União Pan-americana ganhou em valia à medida que ganhou autonomia do Departamento de Estado (LIMA SOBRINHO, 2016, p. 416) Assim também o corpo docente da Harvard pôde influenciar o povo norte-americano sem cair na política, aquela “lama podre” que no Brasil ele sempre se recusou a participar (GOMES, 2005).

Para o ex-diplomata brasileiro, esta autonomia intelectual seria impossível na sua pátria, fato que lhe causaria um forte ressentimento. Embora a intenção primitiva da Academia Brasileira de Letras fosse a de reunir cordialmente bons amigos para partilharem o gosto literário, este requisito foi logo “suplantado pelas exigências do poder” principalmente do Itamaraty, e assim tornou-se campo de conflito político, “apesar dos esforços de anulação de tensões empreendidos por Machado de Assis” (MALATIAN, 1999). O desgosto do imortal da cadeira 39 chegaria a tal ponto que, confirmando seu voto de apoio à candidatura de Barbosa Lima, ele pediria ao seu amigo:

> nada diga entretanto a respeito, porque há pouco tempo escrevi ao Coelho Neto, acerca de outra vaga, que não tomaria mais parte nas eleições acadêmicas por causa das muitas intrigas que daí estão nascendo...O Senhor é meu candidato há muito tempo...fica pois entendido: apenas lhe peço reserva para não dar ensejo a novas solicitações de outros (GOUVÊA, 1976, p. 1467).

Dado o fato da produção intelectual sempre envolver desigualdades e lutas pelo poder e portanto sempre comportar algum aspecto político, esta ideia de autonomia pode nos enganar. Para Oliveira Lima, os Estados Unidos não foi um meio intelectual isento de relações políticas. O que se pode afirmar sem sombra de dúvida é que nos Estados Unidos, as opiniões contrárias de Oliveira Lima nunca resultaram em perdas políticas iguais àquelas que ele havia sofrido no Brasil e até na Europa. Assim, o que na sua terra natal e na Inglaterra havia resultado em acusações fatais de monarquismo e germanofilia, nos Estados Unidos foi aceito como a expressão do senso crítico de um internacionalista dedicado à paz à base da igualdade e cooperação entre as nações.

Se, nos Estados Unidos, Oliveira Lima desfrutou de mais independência, sua

atividade intelectual naquele país foi limitou-se a um campo mais estreito. Como latino- americano nos Estados Unidos, ele sempre seria marcado como um outro. Conforme Jatobá (2006), o conceito de América Latina nos Estados Unidos baseia-se em oposições assimétricas que acabam por colocar o latino-americano em posição de inferioridade. Até certo ponto, o próprio Oliveira Lima aceitava esta distinção, pois seu Pan-Americanismo e até mesmo os seus estudos comparativos entre as supostas três Américas eram pautados em uma bipolaridade anglo-saxão/latino (LIMA SOBRINHO, 1971, p. 110-112). O que o pacifista rejeitava veementemente era a superioridade anglo-americana, tanto no campo político quanto no campo cultural.

Outro fator que constrangia a produção intelectual de Oliveira Lima foi que os estudos latino-americanos nos Estados Unidos do início do século XX representavam um campo quase não lavrado ou até mesmo deserto. Conforme Paulo Roberto de Almeida (2001) os estudos latino-americanistas ou "hispanistas" nos Estados Unidos se encontravam em uma fase realmente embrionária, pois datava de 1916 a formação de um grupo de estudiosos da América Latina que ainda permaneceria por 25 anos em uma "existência precária" e não institucionalizada, dependendo das doações de mecenas (p. 33).

Na introdução ao *The Evolution of Brazil Compared with that of Spanish and Anglo-Saxon America* (1914), Percy Alvin Martin lamenta que seja evidente

> que só aqueles que possuem um conhecimento geral dos fatos mais salientes da história da América Latina podem aproveitar completamente as generalizações e deduções do palestrante. Infelizmente, graças ao fato de que só agora, entre nós, a América Latina começa a receber atenção proporcional à sua importância, tal conhecimento geral é raro até entre os estudantes profissionais da história (p. 15, tradução nossa).

Como o próprio Oliveira Lima comentou em 1912 nas suas *Cartas dos Estados Unidos*, "a América Latina é pouco menos do que desconhecida nos Estados Unidos" (OLIVEIRA LIMA, 1971, p. 406). Ao longo da sua vida na América do Norte, esta situação não parece ter melhorado de forma palpável.

Se a América Latina foi um lugar desconhecido pela maioria do público e da intelectualidade norte-americana, os estudos sobre o Brasil seriam ainda mais

limitados. Conforme Russell-Wood (2000) graças a questões de proximidade cultural e política externa dos Estados Unidos, a ex-colônias espanholas, especificamente o México, tomaram lugar preeminente nos estudos historiográficos da América Latina. Por consequência, o Brasil não despertou a atenção dos historiadores norte-americanos no século XIX e nas primeiras décadas do século XX (p.11). Não obstante o desejo expresso de incluir o Brasil nas pesquisas da *Hispanic American Historical Review*, nos primeiros vinte cinco anos da revista[3] apenas trinta entre um total de quatrocentos artigos de abordagem histórica dizem respeito ao Brasil.

Durante a vida de Oliveira Lima a situação permaneceria de tal forma, pois "a assimetria entre os estudos sobre a América Espanhola e a portuguesa [*sic*] produzidos por estudiosos americanos antes da Primeira Guerra Mundial se tornou mais acentuada no período do pós-guerra até a metade da década de 1930" (RUSSELL-WOOD, 2000, p.13-14). Dentro deste contexto norte-americano, dificilmente poderiam ser reconhecidas as grandes contribuições de Oliveira Lima à historiografia brasileira. Se no Brasil o historiador se havia destacado tanto como brasileiro e pernambucano, nos Estados Unidos ele teria que se conformar com o status de latino-americano, categoria um tanto reducionista para um intelectual que tanto havia feito para engrandecer a historiografia do seu estado e do seu país.

Um último fator que serviu para limitar o alcance da produção intelectual de Oliveira Lima foi o conhecimento linguístico da sociedade norte-americana. Oliveira Lima já percebia os efeitos desta falta de conhecimento na obra dos outros seus colegas latino-americanos. Assim, o jornalista refletiu em 1912 que as "sacudidas" conferências de Manuel Ugarte "só tinham a desvantagem de serem feitas em espanhol, escapando portanto sua compreensão ao maior número" (OLIVEIRA LIMA, 1971, p. 415).

No que diz respeito à obra de Oliveira Lima, é interessante lembrar as observações de Percy Alvin Martin (1914) na introdução a *The Evolution of Brazil Compared with that of Spanish and Anglo-Saxon America*, segundo as quais para suprir a falta de conhecimento do leitor norte-americano, foram incluídas notas explanatórias e

[3] A *Hispanic American Historical Review* foi fundada em 1918. Em 1922, a "Revista do Robertson" morreu, no dizer de Oliveira Lima (GOMES, 2005, p. 184) e só voltou às atividades em 1926, período em que o Dom Quixote Gordo se encontra em um estado de saúde já gravemente comprometido

referências bibliográficas, as quais “geralmente se limitam a livros em inglês ou francês; obras em português e espanhol são citadas apenas quando faltam referências mais disponíveis” (p. 15, tradução nossa). Graças a esta barreira linguística, grande parte a obra de Oliveira Lima ficou desconhecida até hoje pelo público leitor norte-americano, pois o intelectual brasileiro produziu relativamente pouco em inglês ou francês em vida, e até hoje poucas das suas obras foram traduzidas ao inglês.

Também é preciso notar que a produção intelectual de Oliveira Lima nos Estados Unidos foi inferior àquela desenvolvida paralelamente para um público latino-americano. Durante os últimos anos de vida, Oliveira Lima manteve uma contribuição semanal para *La Prensa* da Argentina, enquanto sua contribuição para a *Hispanic American Historical Review* só se daria “uma vez ou outra” (LIMA SOBRINHO, 1971, p. 127).

Também é interessante notar que grande parte da produção intelectual de Oliveira Lima nos Estados Unidos foi reproduzida em jornais brasileiros. O contrário, porém, não pode ser afirmado. Através da correspondência do Embaixador Intelectual do Brasil com o *Estado de São Paulo*, o público leitor brasileiro pôde manter-se a par de toda a atividade intelectual de Oliveira Lima nos Estados Unidos. Pelas suas *Cartas dos Estados Unidos*, este público leitor brasileiro também pôde ler as reflexões de Oliveira Lima sobre o desenvolvimento social, a política e a educação do seu novo país de residência.

Apesar ou por causa destas limitações e discrepâncias na sua atividade intelectual, Manoel de Oliveira Lima estabeleceu-se como pioneiro nos Estados Unidos. Conforme Percy Alvin Martin (1914), a prodigiosa atividade intelectual do intelectual “dissipou uma multidão de equívocos e preconceitos” e despertou para um amplo grupo de pessoas ardente e inteligente na evolução histórica e desenvolvimento cultural da América Latina” (p. 9-10, tradução nossa). James A. Robertson (1920) nota que Oliveira Lima tem um “renome internacional e fala com autoridade sobre a história e literatura brasileiras” (p. 82, tradução nossa).

Para o diplomata, historiador e jornalista brasileiro, a memória foi importante para manter os laços com a terra natal que ele amou apesar da distância que separava patriota da pátria. A memória possibilitou um diálogo entre o passado e o presente criando relações sociais entre o pernambucano e o mundo ao seu redor. Através de

livros de história, artigos de jornal e conferências, Oliveira Lima tornou-se um dos mais prolíficos e mais conhecidos historiadores do Brasil da Primeira República e estabeleceu-se como ponte pela qual o Brasil e o mundo se acessavam. Esta mesma produção intelectual agravou relações de conflito, resultando no seu exílio voluntário nos Estados Unidos, país em que, de forma limitada, Oliveira Lima continuou a construir sua identidade até sua morte.

3 O COLECIONISMO DE OLIVEIRA LIMA E A CONSTITUIÇÃO DA *OLIVEIRA LIMA LIBRARY*

3.1 O ANSEIO COLECIONADOR: PRÁTICAS PESSOAIS E INSTITUCIONAIS DE REUNIÃO, DIVULGAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA

Se a produção intelectual teve papel importante na construção da memória e identidade de Manoel de Oliveira Lima, igual importância teve seu colecionismo. Através da reunião de mais de 40.000 livros, panfletos e obras de arte, o colecionador se conectou com o seu passado, apoiou sua atividade intelectual e iniciou um diálogo com as futuras gerações de pesquisadores.

A essência do ser humano, entendido como *homo faber*, é baseada no uso e fabricação de objetos para a concepção da realidade. O que distingue então a coleção de objetos de outros conjuntos? As ferramentas de um operário não seriam uma coleção?

Um aspecto essencial dos objetos de coleção é o vínculo que estes mantêm com algo maior, necessariamente exterior, abstraído dos objetos em si. Neste ponto Susan Pearce (2003a) remete à definição de coleção de Durost (1932), segundo o qual a coleção se define pelo valor dado aos seus objetos: se o valor *predominante* de um objeto é intrínseco ou inerente, seja funcional ou estético, “não é uma coleção.” Porém,

> se o valor predominante é representativo ou representacional, i.e., se tal objeto ou ideia é valorizado pela relação que mantém com algum outro objeto ou ideia...como por exemplo o ser parte de uma série ou parte de um todo, uma espécie de uma classe, então é o sujeito de uma coleção” (p. 157, tradução nossa).

Para Pomian (1984) os objetos de coleções “têm um valor de troca sem terem valor de uso” (p. 54). Sob esta perspectiva, colecionar é um ato de descontextualização e recontextualização dos objetos. Este deslocamento da utilidade dos objetos de coleção une os vários lugares de memória: no “mundo estranho dos museus, a utilidade dos seus objetos -- espadas, canhões, utensílios, vagões -- parece banida para

sempre” (p. 51); nos arquivos, julgam-se dignos de preservação documentos que perderam sua função nas atividades econômicas ou administrativas (p. 53); nas bibliotecas especializadas, os livros frequentemente são colecionados como objetos e não necessariamente como fontes de informação, sendo avaliados pelas suas belas encadernações e ilustrações (p. 53).

Tanto os objetos raros, percebidos como unicamente capazes de significar -- os “semióforos” de Pomian (1984) -- quanto os objetos corriqueiros são passíveis de fazer parte de uma coleção. É o discurso construído a partir do objeto, não sua materialidade, que determina o seu destino. Assim, Schellenberg (2003) afirma que as bibliotecas e arquivos não se distinguem pelos materiais, mas pela função e organização que os une. Para os fins do presente estudo, são estes aspectos representacionais que possibilitam uma discussão abrangente do colecionismo, pois desvinculam a coleção e o colecionismo da forma material dos objetos colecionados.

Para Meneses (1998), a materialidade do objeto imbuído de significado remete à possibilidade de interpretação, não a imposição de uma interpretação. Destarte

> Nenhum atributo de sentido é imanente. O fetichismo consiste, precisamente, no deslocamento de sentidos das relações sociais--onde eles são efetivamente gerados--para os artefatos, criando-se a ilusão de sua autonomia e naturalidade. Por certo, tais atributos são historicamente selecionados e mobilizados pelas sociedades e grupos nas operações de produção e circulação e consumo de sentido. Por isso, seria vão buscar nos objetos o sentido dos objetos (MENESES, 1998, p. 91).

É importante lembrar que esta essência linguística do valor do objeto de coleção remete a uma natureza distinta da memória registrada. Neste intuito é que Galindo (2015) afirma que a memória registrada, ao contrário do bem econômico, não se esgota, antes se multiplica com o uso, representando assim uma forma de anti-economia. O objeto físico pode se esgotar, mas o seu significado é inesgotável. O uso torna-se essencial para a vida e perpetuação da memória registrada.

Como nota Susan Pearce (2003a), o fato dos objetos serem vistos deliberadamente como coleção “significa que algum tipo de valor específico é dado ao conjunto pelo seu dono, e com este reconhecimento de valor vem a concessão de uma parte de identidade-própria.” Assim, no ato de colecionar, o subjetivo do colecionador e o objetivo da coleção convergem para construir um corpo que como um todo é maior

que suas partes (p. 158-159, tradução nossa).

É pelo vínculo da coleção com os processos da construção da identidade que surge o colecionador, pois a coleção representa uma extensão da sua identidade. Neste sentido, o colecionismo tem merecido a atenção de estudos de cunho psicológico. Na sua análise de colecionadores feita através de entrevistas, Baekeland (2003) destaca vários aspectos do colecionismo, entre os quais o espírito de concorrência, o vínculo com a mocidade ou adolescência, uma forma de expressar a criatividade e a coleção como uma espécie de refúgio emocional. Dentre os entrevistados, Baekeland também identifica uma forte ligação da coleção com o colecionador, como se a coleção fizesse parte do colecionador, assim, um colecionador chega a afirmar “Se eu fosse vender um quadro, eu estaria vendendo a mim mesmo” (p. 208, tradução nossa).

Através do vínculo com a própria identidade aparece o desejo de imortalidade do colecionador. Ao identificar-se tão estreitamente com a sua coleção, o colecionador “consegue refutar a primazia e transitoriedade do presente.” Destarte, a coleção “pode ter o significado de um filho único, uma espécie de autorretrato o qual seu dono deseja manter intacto depois da sua morte.” Aqui as instituições de memória representam a possibilidade de perpetuação da memória do colecionador, pois segundo Baekeland (2003), a legação das suas coleções a museus famosos que levam seu nome “parece ser motivo importante de muitos colecionadores. Ao doar seus tesouros, o colecionador lega parte de si e perpetua seu nome para a eternidade, algo muitas vezes impossível através dos seus filhos ou suas empresas e atividades profissionais” (p. 217, tradução nossa). Como nota Pomian (1984), ao contrário da memória particular que “se dispersa depois da morte daquele que a tinha formado e sofre as repercussões das flutuações da sua fortuna, o museu sobrevive aos seus fundadores e tem, pelo menos em teoria, uma existência tranquila” (p. 82).

Estas preocupações com a preservação da coleção ressaltam o fato de que a possessão de objetos imbuídos de significado confere *status* ao possuidor. Daí a necessidade das relíquias para fundar estabelecimentos religiosos, tanto que “quando se nega o carácter sagrado de todos os objectos que servem ao culto religioso, nega-se também, conscientemente ou não, o próprio fundamento da posição privilegiada do

clero, que deixar de ter razão de ser" (POMIAN, 1984, p. 84).

No âmbito da identidade das nações, as coleções também contribuem para a homenagem perpétua que a nação rende a si própria, celebrando-se "a contribuição dos vários grupos sociais, territoriais e profissionais que a compõem e exaltando os grandes homens nascidos no seu seio e que deixaram obras duradouras em todos os campos." Este culto da nação não se limita à cultura própria, pois "os objectos que vêm das outras sociedades ou da natureza, ilustram também a nação que os recolheu enquanto, por intermédio dos seus artistas, dos seus sábios, dos seus exploradores, e até dos seus generais, soube reconhecer-lhes o valor e eventualmente fazer sacrifícios para os adquirir" (POMIAN, 1984, p. 83-84).

É importante lembrar o aspecto performático da construção da identidade, a qual "não remete a uma essência, mas a uma situação de interação: o 'eu' se define, sempre, diante do outro, de preferência na escala de grupos ou sociedades." Como "suporte de interação [...] a coleção está vocacionada para o espaço público." Na coleção, a divisão entre público e pessoal é ambígua e flexível (MENESES, 1998, p. 96-97).

As coleções também contribuem para a reafirmação da identidade de quem as observa. Assim, Duncan (2003) afirma a visita a museus como afirmação da cidadania. Segundo Pomian (1984) o acesso torna-se um direito do cidadão, pois "exactamente porque o museu é um depósito de tudo aquilo que de perto ou de longe está ligado à história nacional, os objectos que aí se encontram devem ser acessíveis a todos; e pela mesma razão, devem ser preservados" (POMIAN, 1984, p. 83-84).

Através do uso de coleções o usuário ganha prestígio social. Este fato parece mais saliente para os intelectuais. Os objetos de coleções também justificam "a actividade dos que se ocupam da pesquisa de tais objectos, na sua acumulação, conservação e estudo" (POMIAN, 1984, p. 83-84).

Tirado do seu uso inicial, o objeto de coleção retém valor como evidência; o objeto de coleção torna-se documento, aquilo capaz de ensinar através da comprovação dos fatos. A característica probatória do documento "sempre se define em relação a um terceiro, externo a seu horizonte original." Assim, o status como documento depende do olhar do observador, pelo uso ou as indagações que o

observador faz do objeto (MENESES, 1998, p. 95). Estas indagações dependem essencialmente do contexto social em que o observador se coloca.

Segundo Pomian (1984) a coleção é a ligação entre o visível material e o invisível abstrato. Neste sentido, o colecionismo parece representar traço fundamental da condição humana, pois ele é presente em quase toda as culturas humanas. Muitas vezes esta ligação é com o passado. Assim, o autor aponta para as relíquias e as oferendas como objetos se destinam ao olhar do mortos e dos deuses (p. 63). Os monumentos, por sua vez, possibilitam a conexão do cidadão com o passado nacional.

Por fim, é importante apontar que natureza semântica das coleções também permite o deslocamento do passado para o futuro. Assim, Pomian (1984) afirma que o passado invisível originário do significado do objeto não é o mesmo ao que se destina, pois

> Situa-se algures no tempo. Opõe-se ao passado, ao escondido e ao longínquo que não pode ser representado por objecto algum. Este invisível que não se deixa atingir senão na e através da linguagem é o futuro. Ao colocar objectos nos museus expõem-se ao olhar não só do presente mas também das gerações futuras, como dantes se expunham outros ao dos deuses (POMIAN, 1984, p. 84).

Ao construir uma coleção, o que se visa não é apenas a preservação do passado mas a possibilidade da memória se apresentar ao futuro. A descrição e divulgação das coleções tem papel importante neste diálogo entre os tempos. Aqui vale apontar para as três maneiras de colecionar identificadas por Pearce (2003b), pois cada uma tem consequências sobre a divulgação e socialização da memória registrada e reunida pelo colecionador.

Conforme a autora, as coleções de *souvenirs*, também chamados de “personalia” ou “memorabilia” exemplificam situações em que os objetos “ganham unidade somente a partir da sua associação com uma pessoa e a sua vida ou história, ou um grupo de pessoas...cuja função neste aspecto é como se fossem uma só pessoa” (p. 195, tradução nossa). No polo contrário a autora identifica as coleções de fetiches, cujos objetos “empenham papel crucial na definição da personalidade do colecionador, o qual mantém uma atitude de possessão e veneração para com os seus objetos [...] aqui o sujeito é subordinado aos objetos” (p. 200, tradução nossa). Por fim, a coleção sistemática “depende de princípios de organização que são percebidas como de uma

realidade externa além do material específico em questão [...] a coleção sistemática portanto, funciona não pela acumulação de amostras, como a coleção fetichizada, mas pela seleção de exemplares" (p. 201, tradução nossa).

Este último tipo identificado pela autora exige um esclarecimento, pois a sistematização é característica essencial de toda coleção, traço que distingue o colecionismo da acumulação e da loucura (PEARCE, 2003a, p. 157; STEWART, 2003). Destarte a tipologia de coleções proposta por Pearce (2003b) não representa uma divisão em categorias estanques mas a identificação de aspectos de organização que permeiam toda coleção com diferentes graus de ênfase, como exemplificado pela coleção de Pitt Rivers (PEARCE, 2003). A coleção de *souvenirs* assim pode ser entendida como uma sistemática regida pela primazia da pessoa do colecionador; a coleção fetichizada, por sua vez, uma organização determinada pelos objetos por si. Finalmente, a coleção sistemática é organizada segundo critérios exteriores impostos aos objetos.

Nestes três tipos de descrição museológica delineados por Pearce (2003b), é clara a ligação entre a construção do significado e a relação sujeito-objeto, relação pela qual segundo Miranda (2012) os "objetos são interpretados de acordo com a consciência do sujeito, é na consciência do sujeito que os objetos apresentam sentido." Para a autora, esta relação fenomenológica está presente em todo processo da estruturação da informação (p. 305-306).

Qualquer que seja a coleção, é a sua sistematização que condiciona o diálogo entre a memória registrada do colecionador e a sociedade ao seu redor. Para Pearce (2003b), tanto a coleção de *souvenirs* quanto a coleção fetichizada são "tentativas de criar um universo privado satisfatório, ambos tentando isolar seus objetos da rede de relações sociais" (p. 201, tradução nossa). Portanto, estas duas coleções dificilmente serão vistas pelo público, enquanto as coleções sistemáticas geralmente merecem a maior parte da atenção dos curadores e dos espaços de exibição (p. 202).

Conforme Pearce (2003b), isto se deve ao fato da coleção sistemática possibilitar um diálogo dinâmico entre a coleção e o seu público, formado "pela imposição de ideias de classificação e serialidade no mundo externo, no entanto este mesmo mundo, por alguma maneira, suscita estas ideias" em um processo "sem começo nem fim". Os

critérios sistematizados das coleções, muito aquém de objetivos, remetem a um consenso entre uma determinada comunidade, a qual, por sua vez, recomenda suas ideias a uma comunidade mais ampla. “Assim que é logrado o consenso, cujas repercussões são divulgadas, melhor será para todos os envolvidos” (p. 202-203, tradução nossa). Neste intuito, a ênfase na organização sistemática de uma coleção parece prover uma garantia mais estável da divulgação e preservação da memória registrada na coleção, pois ela passa a servir de reafirmação das ideias legitimadoras de um grupo, exigindo o comprometimento dos seus membros para com esta memória.

Neste ponto vale analisar o estudo de Eva Schulz (2003), segundo o qual “a história das coleções é claramente atada ao conceito do erudito conforme emergiu durante a Renascença” (p. 176, tradução nossa). Seguindo a tradição humanística, a erudição nesta época passa a instituir um novo posicionamento do homem diante da criação, contemplando-se “a função do homem inquisitivo e estudioso dentro do macrocosmo ordenado por Deus. O homem, já favorecido com a posição privilegiada e com o poder da razão, torna-se por si mesmo o criador de um microcosmo ordenado“ (SCHULZ, 2003, p. 186, tradução nossa).

Graças a este deslocamento no programa intelectual, a produção do conhecimento erudito forma a base de uma nova classe social. Para Clanchy (2013), o humanismo representa um movimento conscientemente elitista em prol da demarcação de uma nova posição social distinta das classes leiga e eclesiástica. Conforme Bourdieu (1999), a autonomização conquistada pela classe erudita se concretiza pela profissionalização das técnicas de produção e da institucionalização dos espaços de produção. Este processo de legitimação desta classe social através da produção do conhecimento se estende até os nossos dias, pois entende-se a divisão dos domínios da produção científica moderna como uma espécie da divisão social do trabalho (WHITLEY, 2000; HJORLAND, ALBRECHTSEN, 1995).

As coleções de eruditos refletem este deslocamento intelectual e social. Quando no seu início visavam só imitar e louvar a imensidão da criação, as coleções passaram paulatinamente a ceder lugar às *artificialia* junto às coleções de *naturalia*, colocando "a obra de Deus do lado da obra do homem” (SCHULZ, 2003, p. 185). Esta mudança possibilita a consagração do gênio humano através do processo de seleção das obras

que mais exemplificam um ramo do conhecimento humano. Por consequência, as coleções participam na dupla consagração de obras de homens e dos homens que as produzem.

Concomitante à crescente especialização da ciência é a demanda por coleções especializadas na forma de museus, bibliotecas, arquivos e quaisquer outros lugares de memória dos quais a ciência depende. Já no tratado de 1565, Samuel Quiccheberg "visa a necessidade de coleções especializadas as quais concentrar-se-iam na representação exaustiva de um campo específico de coleção" (SCHULZ, 2003, p. 178, tradução nossa). Imprescindíveis ao fazer científico, as coleções passam a alicerçar a legitimação social do intelectual.

Nesta época formativa, é importante notar uma sintonia, quando não sinonímia de termos e conceitos que ressaltam a essência das coleções acadêmicas. Para os renascentistas, o próprio cultivo do conhecimento é por si uma forma de colecionar e o erudito por natureza um colecionador. Assim, Johann Daniel Major afirma no seu *Unvorgeifflickes Bedencken von Kunst- und Naturalien-Kammern insgemein* de 1647 que "o erudito conquista a fama apenas pela coleção, não por nascimento" (SCHULZ, 2003, p. 180, tradução nossa). Nesta época, o ato de compilar o conhecimento através da observação sistemática dos fenômenos naturais e artificiais é tão essencialmente ligado ao ato de colecionar objetos que os dois parecem análogos. Seria como a íntima ligação entre a linguagem e as ideias, sendo uma quase imperceptível sem a outra.

Esta relação entre a construção do conhecimento e o ato de colecionar ressalta a importância do uso da coleção. Destarte observamos que, em meados do século XVI, na enciclopédia de Quiccheberg, "um conjunto de instruções para compilar a coleção ideal", os termos *theatrum, musea, officinae* e *reconditoria* são tidos como sinônimos. Para o autor, o ato de trabalhar, guardar e sobretudo, observar e estudar, serve conjuntamente para enaltecer a coleção (SCHULZ, 2003, p.176-178, tradução nossa).

A descrição é imprescindível ao uso da coleção. Assim, o livro de referência de C. F. Neikelius de 1727, relata que para a organização de um museu, "um registro das novas aquisições, os modos de acesso e mais informações na forma de um 'Inventarium' é indispensável. Ademais, um 'General-Catalogum' precisa estar disponível, pelo qual será facilitado o uso do 'Museu' para fins científicos" (SCHULZ,

2003, p. 185, tradução nossa). No manual de Michael Bernhard Valentini publicado no início do século XVIII a própria descrição da coleção ganha o nome de museu, *status* que é reafirmado pela inclusão de um índice e bibliografia, sendo um "livro de referência universal, um guia para o colecionador" (SCHULZ, 2003, p. 183, tradução nossa).

A descrição formalizada e publicada das coleções também desempenha papel importante para a conquista do renome do colecionador, funcionando como uma divulgação das suas proezas. Para Quiccheberg, "o catálogo--como também a coleção em si--era uma reflexão do espírito sublime do colecionador" (SCHULZ, 2003, p. 178-179, tradução nossa). Dois séculos depois, fica patente no manual de Valentini que

> Os estudos científicos no século XVIII não eram mais limitados à coleção e arranjo de elementos do universo conforme um conceito: agora os colecionadores desejam disponibilizar para um círculo mais vasto o seu conhecimento adquirido pelo viés das suas próprias pesquisas. Para conseguir relatar informação sobre objetos individuais e o seu significado para o universo maior, foram necessários manuais enciclopédicos usáveis, inteligíveis e geralmente aceites (SCHULZ, 2003, p. 183, tradução nossa).

A arquivologia -- disciplina que, conforme Ribeiro (2005a) representa um produto da Modernidade -- também mostra relação com a legitimação social de vários grupos. Segundo Silva (2013), o paradigma patrimonialista e historicista que rege a prática arquivística visa sobretudo "a salvaguarda da cultura 'erudita'" e resulta na "hipertrofia da memória como fonte legitimadora da cultura como refúgio identitário do mesmo Estado" (p. 89). Para Ribeiro (2005b), a Revolução Francesa foi essencial na formação das práticas memoriais dos arquivistas, pois "a ideia de Nação e, consequentemente, a preocupação em nacionalizar os bens das classes dominantes do Antigo Regime, estiveram na gênese do paradigma custodial" (p. 79).

Sob este paradigma, as instituições de memória e seus profissionais se colocam ao serviço dos investigadores, em apoio à prática historiográfica, a qual, por sua vez, deve servir para fortalecer a consolidação da identidade do estado-nação. Destarte, "arquivistas, bibliotecários, historiadores, não raro, todas as competências em um só profissional...passam a representar a erudição, tornando-se os custodiadores da matéria prima do conhecimento científico" (SANTOS, GALINDO e SOARES, 2015, p. 7).

Na base das ideias patrimonialistas e historicistas do paradigma custodial é a

preponderância do suporte no tratamento da memória registrada. Para Fernanda Ribeiro (2005b) o custodialismo pressupõe “uma materialização dos registros informacionais em suportes estáticos e permanentes, de que o papel é o exemplo mais comum” (p. 83). Os processos sociais da construção da memória assim parecem escondidos na matéria física dos objetos. Neste sentido, o paradigma custodial não se distingue do fetichismo de Pearce (2003b) e ambos parecem inevitavelmente resultar em uma memória inerte e estagnada.

A visão custodialista do documento como objeto influencia a divisão das tarefas e as práticas de descrição e arranjo da memória registrada. Como aponta Silva (2013), sob o paradigma custodialista, “a especificidade de cada artefacto determinou o espaço institucional onde seria conservado e consultado ou visto” (p. 91). Outrora unidas, as três disciplinas prático-profissionais de biblioteconomia, arquivologia e museologia, foram-se fragmentando, separadas pela “ênfase nas características distintivas do artefacto-documento” (SILVA, 2013, 93). Graças à ênfase no aspecto físico dos documentos, o acesso também é visto como potencialmente danoso, sendo a custódia um “fenômeno marcado pela valorização na função da guarda em detrimento do acesso” (GALINDO, 2012, p. 223).

Conforme Terry Cook (1998), dentro da arquivística este entendimento simplista da memória registrada coloca o arquivista como neutro, cuja prática profissional consiste em manter, não selecionar arquivos, desejando evitar qualquer julgamento pessoal ou interferência que “macularia a imparcialidade da evidência arquivos” (p. 138). Além disso, neste domínio weberiano em que há quase completa coincidência entre função e estrutura hierárquica, o arranjo e descrição dos documentos arquivísticos baseiam-se na fixidez da relação de um-a-um entre registro e administração (COOK, 1998, p. 134-135). Destarte pode-se resumir o papel do arquivista tradicional/moderno como restrito pela representação, não interpretação, das relações estruturais.

O surgimento de novas tecnologias de comunicação provocou mudanças na teoria arquivística. A explosão da produção dos registros e a flexibilização das instituições produtoras dos registros desfazem as relações simplistas entre documento e produtor, criando-se relações de "muitos-para-um, um-para-muitos e muitos-para-

muitos” (COOK, 1998, p. 135). Saindo da sua posição fixa como produto unicamente atribuível a uma única criadora, a memória registrada se desfaz do seu papel como reforço do privilégio das classes diminutas e dominantes do Estado-nação e o acesso multiusuário torna-se imprescindível para a preservação da memória (RIBEIRO, 2005; SANTOS, GALINDO LIMA e SOARES, 2015). Para Silva (2013) a valorização da memória registrada enquanto fenômeno humano e social leva-nos a sua caracterização como mentefacto-informação, o que remete a um dinamismo informacional oposto ao imobilismo documental e priorizando o acesso, “uma vez que só o acesso público justifica e legitima a custódia e a preservação” (p. 90).

O destaque do aspecto social da memória registrada remete às ideias de Le Goff (1990), segundo o qual todo documento é monumento, ou seja, uma construção imbuída de relações sociais e desigualdades de poder; não há documento neutro. Este reconhecimento da origem social do documento desmente a ideia da neutralidade do bibliotecário, arquivista e museólogo. Para Cook (2018), a arquivística pós-moderna desmonta a divisão superficial entre os arquivistas institucionais e pessoais enquanto técnicos neutros, entendendo ambos como atores sociais cujo objeto de prática e estudo teórico é uma construção social, produto de processos de seleção e descarte.

Na nova prática arquivística, o foco se desloca “do próprio registro para o seu contexto, ou processo funcional de criação,” partindo-se “do artefato físico para a ‘ação e o ato em si mesmos’ que fizeram com que aquele artefato fosse criado” (COOK, 1998, p. 138). Porém, este deslocamento não representa uma quebra total com as teorias e práticas tradicionais da arquivologia, pois, conforme o autor, o papel da compreensão do complexo contexto da criação existe já no princípio fundamental da proveniência (p. 135).

O deslocamento para uma abordagem sócio-cognitiva do documento, “teve como consequência o abandono das noções estáticas e datadas de ‘fundo’ e de colecção’ e a adopção do conceito de sistema de informação, por influência da teoria geral dos sistemas de Bertalanffy." (SILVA, 2013, p. 96) Conforme Marcos Galindo (2012), é o conceito de memória que permite uma visão ampla e sistêmica que une as bibliotecas, os arquivos e os museus como instrumentos técnicos e lógicos desenvolvidos para a preservação da memória..

Para Galindo (2012), a nova ênfase dada ao uso social dos registros da memória trata de uma volta ao significado original do latino *praeservare* “cuidar por antecipação, mantendo livre de corrupção, danos ou perigo, entendimento apropriado ao ofício da curadoria, aquela função que busca zelar pelo interesse público sobre os produtos da inteligência” (p. 223). O bom empenho de qualquer sistema de gestão da memória deve empregar estratégias para a análise de risco de perda memorial. Destarte, pouco resolvem as resoluções simplistas e cegas que propõem políticas de migração de suporte como suficientes por si sós (SANTOS, GALINDO LIMA e SOARES, 2015; GALINDO, 2012).

Sob estas novas condições tecnológicas e epistemológicas, o propósito da descrição e arranjo sistemáticos dos registros da memória passa da representação do mundo real à observação e contribuição para com o intercâmbio eficaz entre as instituições de memória e as comunidades de usuários, ambos entendidos como partes sintáticas de sistemas memoriais complexos (GALINDO, 2012, p. 223-224). O valor social tanto do documento quanto das instituições incumbidas da responsabilidade da sua curadoria deixa de ser medido pelos critérios de raridade e preteridade e passa a medir-se pela qualidade de interação, diretamente ligada à facilidade de acesso e uso (p. 225).

As coleções atuais precisam ser acessíveis para garantir sua utilidade social. Nem o bibliotecário, nem o arquivista, nem o museólogo são servidores neutros da erudição nem do estado, mas atores sociais cuja missão pauta-se no acesso à memória registrada e na garantia da sua preservação através do acesso.

3.2 A *OLIVEIRA LIMA LIBRARY*

Conforme Oliveira Lima, o seu “pendor philo-bibliográfico” teve início na sua juventude e foi incentivado quando o jovem pernambucano recebeu do seu tio, Quintino de Miranda, uma coleção da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro junto com várias obras da história do Brasil (OLIVEIRA LIMA, 1937, p. 13). Estas obras ficariam com o historiador por mais de quarenta anos contribuiriam para sua produção intelectual.

O amor pelos livros sobre o Brasil acompanhou Oliveira Lima ao redor do mundo.

Em toda visita à Europa, fosse para estadas longas ou em trânsito entre postos diplomáticos, o colecionador encontrava tempo para visitar as livrarias e os sebos em Lisboa, Paris, Londres, Amsterdã, Munique e Leipzig. Salvador de Mendonça, ministro plenipotenciário da legação brasileira em Washington D.C., recordaria o "jogo de azar" a que ele e Manoel de Oliveira Lima, o seu primeiro secretário, se entregavam, folheando os catálogos de livros raros vindos de Londres, Nova Iorque e Lisboa. Do "constante tormento" dos catálogos, os dois colecionadores formavam

> as listas dos pedidos ao agente comprador, marcando-lhe os limites em que por conta de cada um se podia adiantar para a aquisição das obras; até certo limite caberia a um e dentro de outro limite pertenceria ao outro. Com que ansiedade eram esperadas e lidas as cartas do agente! E esse jogo de azar não foi destituído de surpresas. De uma vez, no leilão do Marquês de Valada couberam a um só duas edições em quarto das obras completas do Padre Antônio Vieira; de outra, ao disputarmos ambos a posse do Tratado da Esfera de Pedro Nunes, entrou na partida a augusta mão de um monarca e fomos honrosamente vencidos (MENDONÇA, 1903).

Este amor pela aquisição de livros raros gerou entre o jovem diplomata e seu chefe um "espírito de concorrência" que, apesar de intenso, "nunca chegaria a empalidecer a amizade que antes parecia crescer à medida que eles aumentavam as respectivas bibliotecas" (GOUVÊA, 1976, p. 289).

Embora curtas e infrequentes, Oliveira Lima parecia sempre aproveitar suas estadas em Pernambuco para ir à procura de livros de valor histórico sobre o Brasil. Relata Rodolpho Garcia (1928) que

> Certa vez, em uma de suas passagens pela terra natal, no Recife, foi com Alfredo de Carvalho [...] explorar um sebo do beco da Congregação.
> Eu não vos descrevo o que eram naquelle tempos os sebos do beco da Congregação ou do pateo do Paraiso, na cidade Mauricéa [...] balucas infectas, em que tudo havia, menos vassoura e espanador [...] mas livros, muitos livros, desde o capadinho vulgar aos mais notaveis especimens bibliographicos. Era quanto bastava para que, arrostando todo os perigos, alli penetrassem impavidos os exploradores (p. 10).

O colecionismo de Oliveira Lima ia muito além do fascínio por objetos raros. Rodolpho Garcia (1928) dá testemunho "do quanto Oliveira Lima se interessava pela obtenção de um livro raro, principalmente se era brasileiro, ou dizia respeito ao Brasil" e acrescenta que além de uma "simples bibliofilia", o amor pelos livros do colecionador nascera "de seu feitio cultural, producto lidimo da gratidão que lhes devia [aos livros]

pelo muito que lhe ensinaram" (p. 10).

Mas não foi apenas um amor pessoal ao Brasil que impulsionou o colecionismo de Oliveira Lima. Conforme Malatian (2001) os critérios do colecionador partiram do referencial da historiografia de matriz europeia do século XIX e início do século XX. No contexto desta ciência em fase de expansão, estimava-se a procura de fontes inéditas, "tratadas como raridades, papéis preciosos a serem inventariados com vistas à escrita da história e ao exercício do ofício de diplomata". Neste intuito, Oliveira Lima reuniu "relações de viagens, crônicas, obras sobre política, religião, e em pequena quantidade, história natural e medicina," tudo como arsenal, "aquilo que constitui a utensilagem da história" fazendo da sua coleção um "lugar de legitimação erudita," permitindo sua inserção e "pertença a certos espaços de sociabilidade que os produziam, utilizavam e legitimavam" (p. 359-361).

Oliveira Lima parece ter mostrado plena consciência deste vínculo da sua identidade erudita com a sua coleção, pois não foi por mera saudade que Oliveira Lima apelou com tamanha instância para obstar sua remoção do Japão para Lima em 1901. Tencionando a intervenção, o jovem diplomata escreveu ao diretor do *Jornal do Commercio*, José Carlos Rodrigues, julgando o Peru um "país morto, um meio por assim dizer nocivo à atividade intelectual". Na impossibilidade de ser removido para a Europa ou o Chile, o colecionador preferiria permanecer no Japão à espera de "uma melhor oportunidade de voltar para junto dos meus livros" no intuito de continuar seu trabalho intelectual (GOUVÊA, 1976, p. 423-424). Nesta mesma época o bibliófilo escreveu ao seu velho amigo Joaquim Nabuco, ainda temendo as consequências de um possível futuro longe dos seus livros: "por falta de material, isto é, de minha biblioteca, ficarei reduzido a leitor apenas" (GOUVÊA, 1976, p. 446). Mas o bibliófilo e colecionador nunca poderia ser apenas um leitor, nem poderia o intelectual ficar afastado da sua coleção de livros.

Uma vez consolidada sua posição social através da sua coleção, Oliveira Lima certamente desejava garantir sua preservação, se possível para além da sua própria vida. Se os livros escritos por ele representavam sua prole, igual parte teria sua coleção na perpetuação do seu legado. memorial que tomou o lugar de filhos (CARDOZO, 1969, p. 222; MENDONÇA, 1903).

Visando um destino para os livros “que com tanto amor reunira”, o colecionador saiu à procura “de uma biblioteca que os não deixasse dispersar-se.” Uma vez encontrado, este lugar que preservaria a vida da coleção também serviria inevitavelmente de sepultura para o colecionador, “porque o seu destino, na última fase, foi comandado pelos livros, pelo destino da sua biblioteca” (LIMA SOBRINHO, 1971, p. 125-126).

Para o colecionador desejoso de perpetuar sua memória, o Brasil certamente estava fora das cogitações de possível sede. Segundo Gilberto Freyre (1970):

> No Brasil do seu tempo, as bibliotecas eram depósitos de livros e não bibliotecas: os livros antigos, os manuscritos preciosos, os exemplares únicos de edições raras que sobreviviam à umidade, à traça ao desleixo, faziam-no quase sempre por sua própria capacidade como que biológica de sobrevivência e à revelia de qualquer carinho sistemático pela sua conservação, da parte dos homens: governos, bibliotecários, arquivistas. Isto sem nos referirmos à falta quase absoluta de catalogação funcional em biblioteca e arquivos do nosso país: mal não de todo sanado (p. 84).

Para Freyre (1970), o descaso memorial no Brasil havia servido, é verdade, para preservar intactos certos documentos da época de Dom João VI (p. 84) mas também foi mortal para as bibliotecas e arquivos de Alfredo de Carvalho e o Barão do Rio Branco (LIMA, SOBRINHO, 1971). Havendo o Brasil mostrado tamanho descuido com a própria memória e a dos seus filhos mais consagrados, seria lícito culpar Oliveira Lima por ter temido o futuro da sua *brasiliana* no Brasil? (LIMA SOBRINHO, 1971; FREYRE, 1970) À luz da incúria no Brasil para com o patrimônio memorial (GALINDO, 2005; GALINDO, 2012) Oliveira Lima parece ter sido perspicaz nesta decisão de reunir sua imensa memória registrada fora do país.

No mundo ideal, Londres seria a primeira opção para o diplomata reunir sua imensa memória documental, pois era na capital inglesa que estava armazenada a maior parte da sua coleção. Fora isso, para Oliveira Lima a Europa havia representado o lugar ideal de uma vida dedicada à erudição. No entanto, a designação em 1916 de Oliveira Lima como *persona non grata* na Inglaterra, graças a acusações de germanofilia, impossibilitou sua permanência em Londres e colocava em risco seus bens materiais, os quais incluíam uma boa parte dos seus livros.

Bruxelas, onde conforme Gouvêa (1976) um terço da biblioteca de Oliveira Lima

estava guardada (p. 1186) tampouco seria uma opção, pois no continente europeu, a violência e destruição da guerra não só ameaçavam a vida do casal Oliveira Lima, mas também integridade física da sua coleção.

Se a Europa antes de 1914 fora a grande influência intelectual para o historiador, a rapina da primeira grande guerra e a ingratidão dos seus governos revelaram a Oliveira Lima que o futuro não estava mais no Velho Mundo e sim no Novo (CARDOZO, 1969, p. 217). Conforme Barbosa Lima Sobrinho (1971), graças à falta de recursos próprios do ex-diplomata para custear a reunião da sua coleção dispersa em três países, o que restava, por necessidade e não por opção, foram as universidades norte-americanas “com os seus imensos patrimônios” (LIMA SOBRINHO, 1971, p. 125).

Muitas instituições deste país poderiam servir de herdeiros da sua memória. Das muitas instituições e universidades que Oliveira Lima havia conhecido no decorrer da sua carreira diplomática, várias possuíam coleções latino-americanas, como por exemplo a União Pan-Americana em Washington, Berkeley na Califórnia. John Casper Branner, o velho amigo brasilianista e então vice-presidente da universidade de Stanford, quase rogava Oliveira Lima que deixasse sua coleção naquela instituição da Califórnia. Visto a experiência do intelectual brasileiro com Stanford, esta realmente teria sido uma boa escolha. No entanto, a verdade era que o que mais pesava na decisão era o dinheiro, pois o casal Oliveira Lima carecia de recursos suficientes para custear os avultados gastos de transporte dos livros dispersos em Bruxelas, Londres e no Brasil. Sob estas condições, só havia um lugar que poderia servir como sede da memória do historiador: a *Catholic University of America* em Washington, D.C.

Ao saber dos planos do seu velho amigo colecionador, Branner tentou dissuadi-lo, informando-o que a Stanford estava fazendo grandes reformas estruturais, e dizia acreditar “que provisões especiais serão feitas para uma biblioteca brasileira: que lindo se ela se chamasse a Biblioteca Oliveira Lima do Brasil!“ Na impossibilidade de convencer Oliveira Lima de ir à Stanford, Branner esperava induzir o colecionador a legar sua biblioteca à universidade de Cornell, a qual seria mais propícia às propostas do brasileiro (CARDOZO, 1969, p. 221, tradução nossa). A Stanford certamente oferecia um futuro promissor ao latino-americano, mas não tinha dinheiro suficiente para atrair a coleção, fato que causaria “sumo pesar” a Branner (CARDOZO, 1969, p.

212).

Desde 1899, durante sua primeira estada na capital norte-americana como primeiro secretário da legação brasileira, Oliveira Lima havia admirado a missão acadêmica das universidades norte-americanas como a *Catholic University of America*, pois

> Os colégios do tipo Yale ou Harvard destinam-se mais a cozinhar fornadas de médicos, legistas e engenheiros que realmente pretendem viver das suas respectivas profissões, ao passo que as Universidades como a de John Hopkins, em Baltimore, e a Católica de Washington visam mais a preparar mestres e *scholars* (OLIVEIRA LIMA, 2009, p. 267-268).

Por sua parte, conforme relata Manoel Cardozo (1969), a universidade pontifícia já vinha tentando convencer Oliveira Lima a doar sua biblioteca. Assim, em 1912 depois de um encontro com o diplomata em São Francisco durante sua turnê de conferências pelas universidades norte-americanas, Monsignor Gleason, bibliófilo e historiador que se havia formado na *Catholic University of America,* informou o reitor desta universidade, o Bispo Shahan, que "ele havia persuadido Oliveira Lima a doar sua biblioteca à Universidade, e não à Harvard nem a Cambridge nem a qualquer outra universidade" (p. 213, tradução nossa).

A aposentadoria de Oliveira Lima do serviço diplomático em 1913 deixou sua marca na coleção do ex-diplomata. Como nota Malatian (2001), o colecionador fez da data deste rompimento parcial dos vínculos com o Itamaraty "um lugar da memória ao estabelecer como periodização de sua coleção de livros raros os marcos de 1507-1913". Conforme a autora, a desvinculação do serviço diplomático também serviu para transformar o acervo pessoal em biblioteca pública, alterando "o critério de incorporação, com o abandono da busca preferencial de livros especiais pela raridade ou pelo luxo, visando atender um público leitor amplo" (p. 362). Qual seria este público ainda estava por se definir e dependia de quem aceitaria a doação.

Em 1916, Oliveira Lima mandou sua proposta de doação para a *Catholic University of America*. Em troca do custeio pela universidade das despesas de transporte de "todos os meus pertences (livros, móveis, bronzes, fotos, etc.) [...] imediatamente legaríamos à Universidade o grosso da biblioteca, o que constitui de

16.000 volumes". Aceite a proposta, a universidade católica tornar-se-ia dona da

biblioteca contanto que cumprisse apenas duas condições:

> Que permanecerá em uma sala separada sob o nome da *Lima Collection;* e que eu serei seu custodiador ou bibliotecário durante minha vida. Isto beneficiará a biblioteca, pois eu a aumentarei sempre. Por nosso testamento, também legaremos nossos quadros e bronzes à Universidade para serem guardados com os livros e decorar a sala...A nossa ideia é também de fundar uma cadeira de estudos da língua portuguesa e de história e literatura portuguesas e brasileiras. Não somos ricos mas temos o suficiente para tanto. Como podeis ver, o que a Universidade gastará agora com o encaixotamento e mudança de todos os nossos pertences para Washington será repago cem vezes pelo valor das bolsas. Além disso, moraremos em Washington e minha vida intelectual continuará a ser dedicada aos assuntos históricos (CARDOZO, 1969, p. 217-218, tradução nossa).

No dia 18 de novembro de 1916, o bispo Shahan, reitor da *Catholic University*, informou a Oliveira Lima que os regentes da universidade "aceitaram com suma gratidão sua nobre e generosa proposta". O bispo agradeceu ao doador pelo seu ato munificente e garantiu que a doação "deu alicerce sólida a uma grande fundação, cujos resultados, moral e espiritualmente, e também intelectual e economicamente, continuarão a crescer por muitos anos" (CARDOZO, 1969, p. 218, tradução nossa).

Aceite a proposta de doação pela *Catholic University of America* em 1916, não restaria dúvida que o público ao qual a biblioteca serviria seria primariamente um público norte-americano, fato que seria do agrado do colecionador. Em 1919, em correspondência com Alberto Lamego, Oliveira Lima afirmava que

> cada vez me convenço mais de que acertei tomando a resolução de mudar-me para Washington. Há agora nos Estados Unidos um imenso interesse por quanto se relaciona com a América Latina, e a biblioteca que doei vai ser a base e fundamento de um instituto de estudos latino-americanos (GOUVÊA, 1976, p. 1468).

Viajando para a Argentina em 1918-1919 para proferir conferências, Oliveira Lima aproveitou sua estada para expandir sua biblioteca para abranger os países hispanófonos. Conforme Cardozo (1969) estas novas preocupações levaram o bibliófilo a procurar a colaboração do seu amigo Dr. Estanislao Zeballos, publicista argentino que prometeu a Oliveira Lima "ajudar-me o máximo e assegura-me que a maioria dos livros publicados no seu país remeter-se-ão à *Oliveira Lima LIbrary*" (p. 202, tradução nossa).

Sem dúvida, este novo aspecto da biblioteca não poderia deixar de se fazer sentir no bolso do colecionador, o qual, na viagem de 1919 à Argentina, acabou

comprando "'4 caixões de livros,' tudo, porém, coisa moderna" (GOUVÊA, 1976, p. 1466). Além disso, nesta mesma viagem Oliveira Lima se empenhou em convencer o argentino Dr. Ernesto Quesada de doar sua biblioteca à Catholic University (CARDOZO, 1969, p. 202).

Não bastando a viagem para a Argentina, Oliveira Lima tencionava "fazer uma viagem dos Estados Unidos a Cuba, Panamá e a costa pacífica, em prol de estabelecer conexões da biblioteca com aqueles centros de cultura latino-americanos e assim completar o círculo" (CARDOZO, 1969, p. 202, tradução nossa).

Para o colecionador, a preservação da sua imensa memória registrada nos documentos do seu acervo estava imprescindivelmente ligada ao seu uso pelos pesquisadores, fato que o doador ressaltou no seu testamento de 1923, segundo o qual:

> Será unica e universal herdeira de toda a minha herança a UNIVERSIDADE CATHOLICA DA AMERICA, com sede em Washington D.C., Estados Unidos da America, à qual já fiz em vida doação da minha bibliotheca, com o seguinte encargo e fim expresso-- de custear e manter uma cadeira de lingua portuguesa e historia litteraria e economica de Portugal e Brasil, bem como, si sobrar, de distribuir subsidios entre quaesquer estudantes pobres, sem distincção de naiconalidade nem de côr, que cultivarem com zelo essas materias (OLIVEIRA LIMA, 1937, 251).

Em prol do uso da coleção, Oliveira Lima também percebeu a importância da divulgação da sua coleção nos meios intelectuais. Destarte, paralelamente ao demorado processo de instalação da biblioteca, Oliveira Lima foi desenvolvendo descrições técnicas do acervo. A catalogação da biblioteca parece ter tomado prioridade nesta última fase da vida de Oliveira Lima, o qual chegou a negar o convite da Cambridge University de colaborar em uma grande história em língua inglesa da América Latina, achando o bibliotecário que seria melhor "ocupar os últimos anos em leituras e superintender a catalogação dos livros, que já vai adiantado" (GOUVÊA, 1976, p. 1636).

Contando com a colaboração de Cecil K. Jones e Donald Patterson da *Library of Congress*, Victor Orban, membro estrangeiro da Academia Brasileira de Letras, e Edgar Prestage, do *King's College London*, Ruth Holmes, a bibliotecária-assistente da biblioteca ibero-americana de Oliveira Lima publicou em 1926 o *Bibliographical and*

Historical Description of the Rarest Books in the Oliveira Lima Collection at the Catholic University of America. Na introdução ao livro, Oliveira Lima admite ser difícil e custoso completar um catálogo de uma biblioteca de 40.000 volumes, porém afirma o desejo de atender ao propósito “de dar uma ideia do que de maior interesse e valor para o *scholar* poder-se-á encontrar nas estantes da Biblioteca“ (OLIVEIRA LIMA, 1926, p. v, tradução nossa).

Segundo Malatian (2001) consequência direta da “necessidade de organização de catálogos indispensáveis a uma biblioteca aberta”, esta primeira tentativa de organização do acervo “constitui até hoje o mais importante trabalho de organização empreendido” sobre a biblioteca de Oliveira Lima (p. 363). Conforme Gouvêa (1976), “orgulhava-se Oliveira Lima em apresentar o catálogo de uma coleção que lhe perpetuaria o nome às sucessivas gerações de historiadores” (p. 1652). Embora nesta altura sua produção jornalística já fosse quase silenciada pelo seu fraco estado de saúde, Oliveira Lima ainda se esforçou para divulgar o seu catálogo, mandando exemplares para vários amigos e instituições no Brasil, como, por exemplo, a Livraria Leite e Joaquim de Souza Leão (GOUVÊA, 1976).

Oliveira Lima ainda realizou um inventário dos documentos diplomáticos portugueses dos séculos XVIII e XIX da sua coleção, publicado postumamente pela *Hispanic American Historical Review* sob o título *The Portuguese Manuscripts in the Ibero-American Library at the Catholic University of America*. Destacando conjuntos documentais que, conforme Malatian (2001) já haviam contribuído para o trabalho intelectual do próprio bibliotecário (p. 365), Oliveira Lima aponta para a utilidade da coleção para o pesquisador, afirmando que:

> Na correspondência diplomática ordinária, talvez não descubramos novos fatos históricos [...] mas somos propensos a entender as personalidades dos negociantes, e teremos o trabalho prazeroso de familiarizar-nos como o seu estilo, ao explorar suas respectivas maneiras de apreciar o desenvolver dos eventos e de expor os fins políticos das cortes junto às quais eles foram acreditados. Os despachos e cartas não contêm o ardor dos panfletos revolucionários, mas às vezes possuem o sutil e sugestivo gosto literário. A diplomacia é, sobretudo, uma arte, se não a de ofuscar a verdade, pelo menos a de adaptar a ficção internacional às realidades nacionais. (OLIVEIRA LIMA, 1928 apud. MALATIAN, 2001, p. 366, tradução nossa).

No dia 5 de fevereiro de 1924, depois de quatro anos iniciado o trabalho de

instalação da biblioteca, inaugurou-se a *Oliveira Lima Library,* na mesma data em que se comemoravamos 400 anos de nascimento de Camões. Conforme o historiador pernambucano contou para o seu jovem discípulo Gilberto Freyre, no ato “esteve bastante gente [...] e da melhor [...] foi realmente um sucesso, é claro, relativo, no pequeno meio que se interessa por essas coisas” (GOMES, 2005, p. 187). Para o colecionador a “enorme satisfação” de ver inaugurada sua biblioteca “foi um dos dias mais felizes da minha vida” (GOUVÊA, 1976, p. 1613).

Aposentado do serviço diplomático e autoexilado nos Estados Unidos, a biblioteca de Oliveira Lima, além de uma forma de inserção e legitimação em grupos sociais, serviu de refúgio das amarguras da vida para o bibliófilo. Se o conferencista guardava saudades de Pernambuco, estas seriam apenas dos estudantes da Faculdade de Direito e do *Diário de Pernambuco*, “os 2 meios que encontrei [...] simpáticos e congeniais. A política é lama podre” (GOMES, 2005, p. 96).

A desilusão do ex-diplomata estendia-se ao cenário político internacional. Com a notícia da assinatura do tratado de Versalhes, o jornalista refletiu que “a guerra foi para mim uma rude experiência e uma grande lição. Não penso hoje saber de mais nada senão dos meus livros” (GOUVÊA, 1976, p. 1466). Na última análise, o maior legado deste homem “plural” no dizer de Gilberto Freyre (1970), seria a sua coleção, o testemunho de um patriotismo erudito e cosmopolita, inserido em um meio intelectual internacional, mas isento das intrigas políticas. “Homem pouco amigo, quando simples particular, de qualquer pompa ou exibição” (FREYRE, 1970, p. 129) Oliveira Lima, partiu em março de 1928 sem cerimônia, deixando as singelas palavras no seu túmulo: “aqui jaz um amigo dos livros”.

3.3 MEMÓRIA DA MEMÓRIA: O LEGADO DA BIBLIOTECA DE OLIVEIRA LIMA

A imensa coleção que constitui a *Oliveira Lima Library* sempre teve papel importante na construção da identidade do seu titular. A institucionalização desta biblioteca, atingida através da sua doação à *Catholic University of America*, serviu para consolidar a imagem do colecionador pernambucano, suscitando esforços de divulgação e debates sobre o seu legado. A rica bibliografia gerada em torno da *Oliveira*

Lima Library representa uma memória da memória (MALATIAN, 2001, p. 390) que varia entre descrições técnicas voltadas ao uso do acervo por pesquisadores e, por outro lado, reflexões memorialísticas as quais ora defendem e consagram o bibliófilo, ora lamentam ou condenam sua decisão de instalar sua coleção nos Estados Unidos.

Conforme Malatian (2001), a memória oficial da *Catholic University of America* sobre a doação da biblioteca de Oliveira Lima sempre se pautou na ideia de uma ação desinteressada, generosa e sem contrapartida. Esta visão concilia-se com a memória das próprias origens da instituição católica, a qual nasceu em 1884 "como fruto de benemerência, que atendia à política expansionista da Igreja Católica no campo de ensino", surgindo a universidade a partir dos donativos da Marquesa de Moustiers-Mérinville e o Reverendo McMahon (p. 373). Esta imagem benemérita da doação de Manoel de Oliveira Lima seria acolhida e repetida dentro da *Oliveira Lima Library* e no meio intelectual norte-americano, fato que teria importantes consequência para com os esforços de descrição de divulgação do acervo.

Com a morte de Oliveira Lima, a gerência da biblioteca passou à viúva Dona Flora de Oliveira Lima, período que durou até sua morte em 1940. Conforme Malatian (2001), esta fase na gestão da biblioteca é marcada pelo desejo da viúva de preservar os papéis privados do seu marido falecido, "temendo a divulgação de informações que pudessem em alguma medida deslustrar a imagem do doador" (p. 376).

Não obstante esta orientação para uma política de guarda da curadora para com a memória do seu fundador, a *Oliveira Lima Library* não deixou de contribuir para o trabalho da divulgação e descrição do acervo. Data deste período *Rare Books in the Oliveira Lima Library*, publicado em 1935 pelo *Bulletin of the Pan-American Union* e escrito por Paul McNeil. Neste artigo, o bibliotecário-assistente da *Oliveira Lima Library* contribuiu para a memória técnica da instituição, elaborando um inventário das suas obras de cunho geográfico referentes aos descobrimentos (MALATIAN, 2001, p. 388).

A curadoria de Manoel Cardozo, de 1940 a 1984, representa período de acentuada atividade no que diz respeito aos esforços institucionais de divulgação e descrição da memória registrada do seu acervo. Nas publicações de Cardozo, é patente a preocupação com a associação entre a biblioteca e o seu fundador. Em *Oliveira Lima and the Writing of History*, publicado em 1954 no *Inter-American Review*

of Bibliography, o curador atesta a importância de Oliveira Lima no âmbito dos estudos históricos ao mesmo passo que reforça a imagem do doador como mecenas benfeitor (MALATIAN, 2001, p. 377).

Treze anos mais tarde, o propósito memorial da instituição torna-se mais urgente, pois se antes Cardozo visara consagrar o legado erudito de Oliveira Lima, em *Oliveira Lima and the Catholic University of America*, publicado pelo *Journal of Inter-American Studies* em 1969, a preocupação do curador passa ao resgate de doador e biblioteca do esquecimento (MALATIAN,, 2001, p. 379).

A militância de Cardozo em prol do legado memorial do fundador da *Oliveira Lima Library* não ofuscou-lhe totalmente a percepção da necessidade da descrição do acervo de cunho mais técnico. Em *A Guide to the Manuscripts in the Lima LIbrary*, desenvolvido com o auxílio técnico da *Hispanic Foundation* da *Library of Congress* e publicado pelo *Handbook of Latin American Studies* em 1940, o curador divide seus esforços, traçando a trajetória intelectual de Oliveira Lima evidenciada nos documentos utilizados na escrita de *Dom João VI no Brasil* ao mesmo tempo em que assinala um conjunto documental de interesse para pesquisadores (MALATIAN, 2001, p. 366).

O estímulo ao uso da coleção para fins acadêmicos também parece ter norteado a publicação em dois volumes do *Catalogue of the Oliveira Lima Library, The Catholic University of America*, no qual são distinguidos conjuntos documentais dentre a coleção, como por exemplo livros raros, periódicos, papéis diplomáticos, *scrapbooks* e *family papers* (MALATIAN, 2001, p. 364).

Ainda durante a gerência de Cardozo foram publicadas outras descrições por funcionários da biblioteca. Em 1967 pela revista *D.C. Libraries*, o bibliotecário-assistente

R. J. Luke Williams publicou *The Oliveira Lima Library on its Fiftieth Anniversary*, artigo que, segundo Malatian (2001), destaca as ações empenhadas sob a gestão da época, entre as quais a ampliação do acervo e sua catalogação conforme os padrões estabelecidos pela *Library of Congress*. Para a autora, além de apresentar a inserção da *Oliveira Lima Library* no conjunto de bibliotecas especializadas em Washington, D.C., Williams, “técnico desligado do excessivo culto à memória do fundador...visava tornar a biblioteca, mais do que um museu, um local de trabalho para pesquisadores”

(p. 389).

Não obstante esta fase mais ativa de divulgação da biblioteca, a curadoria de Cardozo não foi uma completa abertura da biblioteca para os pesquisadores. Diversamente das espontâneas e copiosas contribuições de várias instituições de pesquisa no Brasil, entre as quais os arquivos dos jornais de *O Estado de São Paulo*, o *Jornal do Brasil* e o Instituto Joaquim Nabuco, o levantamento bibliográfico de Fernando da Cruz Gouvêa, biógrafo de Oliveira Lima, não parece ter contado com o apoio direto da gerência da *Oliveira Lima Library*. Assim, na introdução à biografia de Oliveira Lima, o autor agradece a ajuda de vários contatos pessoais residentes em Washington, D.C. Graças a esta solicitude de profissionais alheios à biblioteca do biografado, o autor conseguiu

> a obtenção de cópias de documentos e fotos de Oliveira Lima arquivados na 'The Catholic University of America', e do túmulo do antigo diplomata em Mount Olivet, também na capital americana. Elegantemente, o advogado A.S. Nemir atendeu os pedidos bastante estranhos à sua atividade profissional, e graças à sua boa vontade, o autor que diretamente conseguira da 'Oliveira Lima Library' apenas algumas páginas do 'Diary' de Da. Flora, ficando sem qualquer resposta sus pedidos e consultas subsequentes -- também o Dr. Elias Modesto Martins e uma entidade que já fez generosas doações à 'Oliveira Lima Library', o Arquivo Público Estadual, através do seu diretor, o professor Mauro Mota, dirigirampedidos de documentos necessários a este livro, mas não tiveram sequer acusado o recebimento de suas cartas registradas, tratamento que também foi dispensado pelo sr. Manoel S. Cardozo a diversos pesquisadores brasileiros que nenhuma culpa têm se a Embaixada do Brasil em Washington, e o próprio Itamaraty não prestigiam aquele centro cultural --, pôde apresentar outras peças do precioso arquivo daquele benfeitor do patrimônio cultural americano. (GOUVÊA, 1976, p. 21).

As explicações para tratamento glacial por parte da *Oliveira Lima Library* neste momento certamente não se dão pela via da ignorância ou incapacidade do seu curador e diretor, pois, conforme já se viu, Manoel Cardozo foi um usuário ávido dos materiais e contribuiu para o alargamento e aprofundamento dos estudos da vida e obra de Oliveira Lima. Para o presente estudo, os artigos de Cardozo preenchem uma lacuna na biografia de Manoel de Oliveira Lima no que diz respeito à última etapa da sua vida passada nos Estados Unidos. Além disso, Cardozo orientou estudantes norte-americanos que usaram o acervo para as suas teses.

Além do aparente preconceito contra os brasileiros alegado por Gouvêa (1976) no trecho supracitado, uma outra possível explicação pela restrição de acesso à

biblioteca durante a gerência de Manoel Cardozo, a qual algumas fontes indicam, é que Cardozo cogitava escrever sua própria biografia de Oliveira Lima. Destarte, o que parece distinguir a gestão de Cardozo daquela da viúva Flora não é o acesso por si só, senão a sobrevalorização da pesquisa desenvolvida pelo curador e, mais amplamente, por intelectuais estadunidenses em despeito dos pesquisadores brasileiros.

Longe da pátria, mas sem a esquecer: print and non-print collections at the Oliveira Lima Library, artigo escrito pela bibliotecária Maria Angela Leal e publicado em língua inglesa por *Remate de Males* em 2004, representa a única descrição institucional do acervo direcionada a um público brasileiro. Ainda comprometida com o aspecto benemérito da doação, Leal (2004) indica a *Oliveira Lima Library* como prova de uma vida multifacetada impulsionada "por uma energia intelectual aparentemente ilimitada que transcendia a ambição pessoal" (p. 83, tradução nossa).

Declarando o valor de toda a biblioteca para os estudos do Brasil, Leal (2004) afirma que o acervo -- composto por materiais impressos, manuscritos, pinturas, gravuras, fotografias e *scrapbooks* -- é ao mesmo tempo uma biblioteca, arquivo e museu, "uma coleção multidimensional de brasiliana sem rival fora do Brasil" (p. 84, tradução nossa). Pela diversidade de fontes primárias e secundárias, percebem-se rendosas convergências de conhecimento que revelam a contribuição de Oliveira Lima à preservação da memória brasileira. (p. 85) Neste intuito, a autora destaca descobrimentos então recentemente feitos nas coleções de panfletos, iconografia, *scrapbooks* e periódicos, os quais "dão amplo testemunho da contribuição de Lima à história brasileira, não só como erudito e escritor, mas como prodigioso colecionador de materiais históricos preservados para o uso de futuras gerações de estudiosos" (p. 91, tradução nossa).

Entre as descrições do acervo então disponíveis ao público leitor brasileiro, a bibliotecária indica o catálogo de 16.000 títulos impressos na *Online Computer Library Catalog*, "disponíveis aos usuários somente por assinatura paga" (LEAL, 2004, p. 91). A bibliotecária também indica a disponibilidade do *Catalog of the Oliveira Lima Library* de Cardozo na Biblioteca Nacional, O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e "outras bibliotecas importantes no Brasil" (p. 91, tradução nossa).

Visando a expansão do uso e acesso ao acervo, Leal (2004) menciona esforços

então projetados ou em andamento: o acesso gratuito ao catálogo de materiais impressos através da *Washington Research Libraries Consortium* e a futura catalogação de todos os materiais impressos; a atualização e revisão de um índice do arquivo de correspondências; finalmente, planos de "arrecadar fundos para uma bolsa permanente para chamar estudiosos do mundo todo para minar a prodigiosa riqueza de materiais impressos e não-impressos esperando a descoberta, em cumprimento do intenso desejo de Oliveira Lima" (p. 91, tradução nossa). Porém, não obstante as sofisticadas ferramentas de acesso, a bibliotecária afirma que "a visita *in loco* certamente continuará a ser a maneira mais produtiva e enriquecedora de acessar as coleções multifacetadas da biblioteca" (p. 91, tradução nossa).

A última tentativa institucional de descrição e disponibilização do acervo foi a digitalização dos panfletos e monografias da *Oliveira Lima Library*, projeto realizado em parceria com a *Gale Cengage Learning*. Apesar dos esforços de divulgação do projeto, esta ferramenta parece ter tido recepção quase nula em instituições de ensino e pesquisa no Brasil.

Para Malatian (2001) a memória oficial das origens da *Oliveira Lima Library* na *Catholic University of America* parece pautar-se na imagem de filantropia ou benemerência, imagem que situa a doação dentro de uma economia de oferenda e dádiva (p. 383). Neste contexto, tanto doador quanto instituição receptora contribuem para a erudição sem beneficiar-se nem comprometer-se com a memória institucionalizada por interesses próprios. Para a autora, o problema de colocar a doação dentro deste contexto pré-capitalista, isto é, isento de relações mercantis, é que ele obscurece a expectativa de reciprocidade entre as duas partes. No caso da *Oliveira Lima Library*, o que resulta é uma falha no entendimento do valor da coleção doada e o entrave ao seu gerenciamento (p. 384).

Segundo Malatian (2001) a imagem benemérita da doação da *Oliveira Lima Library* tem-se traduzido a uma falta de compromisso, quando não descaso, da parte da *Catholic University*. De certa forma, as consequências deste descuido institucional eram perceptíveis ainda em vida do fundador, pois este parece ter se encarregado do processo de instalação da biblioteca, dependendo da ajuda da sua esposa e de amigos bem dispostos como o jovem Gilberto Freyre, fato que causaria a instalação demorar

quatro anos e pouco contribuiria para amenizar a já comprometida saúde do brasileiro. Junto a isto seria o silêncio da instituição custodiadora com respeito aos desejos do doador de fundar uma cadeira de estudos luso-brasileiros na *Catholic*, sem falar do desejo de fundar uma revista e um centro de estudos latino-americanos.

Esta negligência da *Catholic University of America* levaria a viúva Dona Flora a lamentar a sorte da imensa memória registrada do seu marido: “é uma riqueza, é um tesouro esta biblioteca, e eu só tenho pena que se encontre nas mãos destes padrecos que não lhe dão o devido apreço” (GOUVÊA, 1976, p. 1684).

Infelizmente o descaso continua até hoje. Conforme Malatian (2001), se, em 1954, Manoel Cardozo pôde afirmar que a biblioteca de Oliveira Lima nunca foi usada tão profundamente do que o foi pelo seu fundador, os motivos da sua subutilização no início do século XXI “não constituem mistério para os que ali procuraram realizar pesquisas, a saber, o grau de interesse da CUA pela biblioteca” (p. 378).

A memória da doação benemérita e o consequente desleixo institucional têm gerado políticas dispersas e incompletas de descrição técnica da biblioteca. Por um lado, os catálogos da biblioteca têm priorizado a “enumeração dos livros raros, ressaltando seu caráter de antiguidade e preciosidades” sem “sofrer demandas da comunidade científica no sentido de revelar mais profundamente aos pesquisadores o potencial de informação que seu acervo possuía” (MALATIAN, 2001, p. 390-391). Por outro lado, os demais conjuntos documentais do acervo, como por exemplo, o arquivo pessoal do seu fundador, estão “longe de receber o tratamento arquivístico necessário para sua boa utilização por pesquisadores” (p. 368).

De forma geral, os esforços de descrição no meio intelectual norte-americano extra-muros a *Catholic University of America* têm seguido os mesmos critérios da memória oficial da instituição. Datado de 1920 -- isto é, ainda em vida de Oliveira Lima e antes mesmo da inauguração da biblioteca -- o artigo de James A. Robertson *The Oliveira Lima Collection of Hispano-Americana* foi publicado originalmente pela *Catholic University Bulletin* e republicado pelo *Hispanic American Historical Review*. Neste artigo, embora o amigo de Oliveira Lima e editor do jornal acadêmico hispano-americanista “apresentasse os termos da contrapartida, a saber, a manutenção da unidade do acervo e a permanência do doador como bibliotecário, ressaltou tratar-se de um

presente" (MALATIAN, 2001, p. 369). Segundo Malatian (2001), semelhante compromisso com a legenda oficial da doação desinteressada revelou o inventário técnico do historiador Alexander Marchant, publicado em 1933 pelo *Bulletin of the Pan-American Union*.

Aqui vale destacar as denominações da biblioteca como "hispano-americana" e "ibero-americana" usadas por Robertson (1920) e Marchant (1933) respectivamente, pois embora Malatian (2001) as entenda como caracterizações que pouco esclarecem sobre a identidade da coleção (p. 387), por vários motivos também é possível que representem estratégias de divulgação da memória da Oliveira Lima Library.

Primeiramente, ao caracterizar a biblioteca como ibero ou hispano-americana, os autores supracitados apelam aos critérios de uma comunidade intelectual que, como já notado, quase desconhecia o Brasil. Neste intuito, as estratégias dos autores condiziam perfeitamente com aquelas usadas pelo próprio fundador. Assim em 1923, havendo seu jovem discípulo solicitado conselhos com respeito aos planos de Char Evars de fundar uma revista dedicada aos estudos do Brasil, Oliveira Lima forneceu a seguinte resposta:

> Recebi ontem à noite (meia-noite) a sua de 7. Devolvo a do Sr. Evans [...] O mais seguro para ele seria procurar coisa diversa e não pensar em revistas exclusivas sobre o Brasil, que só se poderiam sustentar em tempo de vacas gordas e são sempre destinadas a vida curta e inglória (GOMES, 2005, p. 97- 100).

Tanto para o fundador da Oliveira Lima Library quanto para os intelectuais norte- americanos interessados no acervo, parecia claro que, se a biblioteca desejava um futuro feliz nos Estados Unidos, era preciso que se abrisse seus horizontes para atender aos interesses e necessidades da comunidade intelectual norte-americana.

Segundo esta lógica, denominações como ibero-americana ou hispano-americana poderiam representar uma forma de legitimação por associação. Assim, é notável que Robertson (1920) e Marchant (1933) inserem a biblioteca no contexto de outras instituições latino-americanas nos Estados Unidos. Em Marchant (1933) esta associação se restringe às outras coleções latino-americanas da capital, como por exemplo a da *Library of Congress* e a *Columbus Memorial Library* da *Pan-American*

Union (apud. MALATIAN, 2001). Robertson (1920) é ainda mais abrangente, colocando a *Oliveira Lima Library* entre as

> grandes coleções de livros e manuscritos nos Estados Unidos, nas quais material sobre a América Hispana forma parte preponderante ou importante - a saber, a Biblioteca do Congresso e a Biblioteca da União Pan-Americana em Washington, a Biblioteca da Sociedade Hispânica da América em Nova Iorque, a Coleção Berkeley da Universidade da Califórnia, a Coleção Ayer na Biblioteca Newberry de Chicago, as coleções das universidades de Harvard, Texas, Northwestern e Notre Dame e a Coleção Clement em Michigan (ROBERTSON, 1920, p. 78).

Finalmente é preciso notar que junto às tentativas pelos latino-americanistas de legitimar e divulgar o acervo de Oliveira Lima são mencionados os planos da fundação de um centro de estudos latino-americanos. Segundo Robertson (1937), embora nenhum dos nobres ideais do instituto nem a revista se haviam realizado até a época da morte de Oliveira Lima, havia "uma necessidade crescente deles, e é a esperança de todos os amigos do Dr. Oliveira Lima que os sonhos dele e o bispo Shahan se tornem realidade. Quando realizarem-se, o sábio presente dos doadores da biblioteca alicerçará ambos" (p. 302, tradução nossa). Assim, além de consagrar a memória institucional do doador, estes autores extra-institucionais apelaram à comunidade de potenciais usuários com a plena consciência de que só através do uso e acesso a coleção teria futuro feliz no meio intelectual norte-americano.

Os esforços de descrição extra-institucionais empenhados no século XXI continuam apelando pelo valor de várias partes do acervo para os acadêmicos. Assim, Ângela de Castro Gomes (2004) destaca o valor do acervo de efêmera, a saber, correspondências, artigos de jornal e discursos para o estudo da Primeira República. Em Blanche Ebeling-Koning (2004), a preocupação é com os títulos de maior interesse para o pesquisador da coleção de livros raros. Já em Maria de Lourdes Eleutério (2004) o valor acadêmico da coleção iconográfica da *Oliveira Lima Library* é colocado junto ao seu valor como patrimônio nacional. Finalmente, Malatian (2004) aponta para o valor dos diários de Dona Flora para o estudo da vida do casal Oliveira Lima e da *belle époque* a partir da perspectiva feminina. É interessante que, exceção feita do diário de Flora, nenhuma descrição do acervo pelos autores supracitados focou-se em coleções atualmente acessíveis pela internet.

No Brasil, a discussão predominantemente memorialística sobre a biblioteca de Oliveira Lima tem abordado a instituição como ponto de convergência entre o patrimônio nacional e o legado pessoal de uma das figuras mais polêmicas da história diplomática, jornalística e intelectual do Brasil. Neste contexto, Henrich (2016) afirma que “a doação da sua biblioteca foi sem dúvida um dos capítulos mais controversos da sua vida e ajudou a cristalizar a imagem de um homem amargo e ressentido, que esperou até o último momento para vingar-se do país que o havia tratado mal” (p. 312).

Para alguns autores, a biblioteca é símbolo do exílio do ex-diplomata brasileiro. Este exílio tem dupla face, pois por um lado, trata-se de um exílio voluntário, fruto de um “desassombro de atitude” pelo qual o Dom Quixote Gordo sofreu “dentro e fora do Brasil” (FREYRE, 1970, p. 128). Por outro lado, trata-se de um exílio forçado pelo descuido sob o qual languescia a memória no Brasil anterior a Rubens Borba de Moraes e Edson Nery da Fonseca (FREYRE, 1970, p. 85). Tanto para Freyre (1970) quanto para Barbosa Lima Sobrinho (1971), a saída de Oliveira Lima do Brasil e a permanência da sua biblioteca nos Estados Unidos se entende como consequência de uma obrigação do colecionador à preservação do seu próprio legado e do patrimônio nacional, uma quase apologia da ação polêmica do colecionador que, no dizer de Freyre (1970), refuta quaisquer acusações de mau brasileiro (p. 83).

Conjuntamente à imagem do exílio é a ênfase na contrapartida como condição da doação da coleção, sendo ausente no Brasil o discurso da doação benemérita (MALATIAN, 2001, p. 391). Neste contexto, a garantia pela *Catholic University of America* do custeio da reunião da biblioteca então dispersa pela Inglaterra, a Bélgica e o Brasil e o oferecimento a Oliveira Lima de ministrar umas cadeiras de Direito Internacional pesavam muito para o casa que, graças à parca aposentadoria do Itamaraty, carecia de recursos suficientes. (GOUVÊA, 1976) Gilberto Freyre (1970), sempre empenhado na defesa da memória do seu velho amigo, não se esquece de mencionar o papel de tais considerações práticas, relatando que ao instalar-se em Washington, Oliveira Lima tornou-se “uma espécie de vigário colado, prêso ao tesouro quase sagrado que para êle se tornara sua preciosa Brasiliana, doada pelo casal à Pontifícia Universidade Católica da América com a condição de permanecer o doador como curador” (p. 74).

No Brasil, o compromisso da *Catholic University of America* para com o legado do doador ia além de um mero armazém, dando-se ênfase na fundação da revista e o centro de estudos almejados pelo doador. Mostrando-se a universidade disposta a cumprir sua parte da troca, Edson Nery da Fonseca (1959) pôde assegurar não só que a Oliveira Lima Library estava em boas mãos, mas que ofereceria uma oportunidade de aproximação dos intelectuais norte-americanos ao Brasil (apud. MALATIAN, 2001, p. 395). Deste modo, a biblioteca tornar-se-ia uma extensão da diplomacia cultural que o seu fundador havia empenhado em vida com tanto afã.

No entanto, a contrapartida também tem servido para assinalar o descumprimento da instituição custodiadora com a sua promessa. Neste intuito, Gouvêa (1976) afirma:

> A despeito da amizade que lhe votava o bispo Shaham, não conseguira Oliveira Lima pôr a sua biblioteca com plenitude a serviço da cultura luso-brasileira nos meios universitários americanos. As Instalações especiais que lhe haviam prometido -- isto pesou muito para que decidisse doar o precioso acervo -- não passam até hoje, de um porão adaptado, não havia pessoal especializado e auxiliar, situação que ainda perdura, daí a arrumação dos livros -- o arquivo não chegou a ser objeto da atenção do doador -- ter exigido de Oliveira Lima o esforço que provocou a crise de saúde, em 1923 (p. 1632).

Parece ser neste contexto que o autor enquadra os últimos anos de vida do exilado, anos carregados por uma imensa saudade do Brasil que parecia só aumentar com o passar dos anos vividos no estrangeiro. Em 1927, Oliveira Lima admitia uma certa derrota memorial no seu exílio norte-americano, mas permanecia resoluto com a situação, pois enquanto sua irmã Sinhá e sua esposa Flora desejavam voltar para o Brasil, o Dom Quixote Gordo resistia, lembrando-se de Penedo:

> Astro da nossa diplomacia imperial. Quis ir morar no Brasil. Quem fazia caso dele? Era um desconhecido, ou pior, um esquecido. Não quero que me suceda o mesmo. Esquecido no estrangeiro nada tem de triste: é natural, mas esquecido na própria terra é muito melancólico. (GOUVÊA, 1976, p. 1631)

No ano seguinte, Oliveira Lima mostrava sinais de arrependimento com o exílio voluntário. O que havia prendido o exilado desiludido nos Estados Unidos era o salário da cátedra de Direito Internacional, que supria sua pensão. Porém, impossibilitado de trabalho, Oliveira Lima escreveu a Mário Melo “não se espante se me vir voltar para o

Brasil" (GOUVÊA, 1976, p. 1658).

Em março de 1928, o Dom Quixote Gordo fez sua última contribuição jornalística, dando entrevista a um jovem brasileiro. Desta vez, "o eminente homem de letras vinha pálido, alquebrado, mal se podendo manter de pé". Falando incansavelmente dos seus planos de voltar para a pátria, o biógrafo de Dom João VI chorava ao ouvir notícias do Brasil, concluindo que "o exílio só é suportável para os que têm forças para lutar. Não é o meu caso" (GOUVÊA, 1976, p. 1662-1663).

Quase um século depois, estas condições permaneceriam, levando Laura Greenhalgh (2011) a refletir em 2011 na *Folha de São Paulo*

> Há mais de 90 anos essa brasiliana vive no câmpus da Universidade Católica da América e seria injusto afirmar que o desejo de preservação do doador não tenha sido atendido. Foi. Mas trata-se de uma vida modesta demais para um patrimônio que mereceria sede própria, ampla o suficiente para tirar das caixas e arquivos abarrotados os milhares de documentos colecionados pelo bibliófilo, sem falar nas obras de arte que poderiam formatar exposições temporárias, itinerantes, permanentes.

É também no contexto de descumprimento institucional que são pautadas as constatações do risco iminente do esquecimento ou até da destruição da coleção. Conforme Malatian (2001), o descompromisso da *Catholic University* chegara a ser percebido pela viúva Dona Flora como uma ameaça de desmembramento do acervo o que explica o "regulamento que na prática dificultava-lhe o acesso", chegando a viúva a pensar em "retomar a biblioteca para si" e até a reencaixotar parte do precioso acervo e remetê-lo ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (p. 403-404).

Para Renato Lima (2015), a localização da biblioteca esquecida no porão da Mullen Library dava contraste com os cuidados da *Catholic University* em receber o Papa Francisco em setembro de 2015. Conforme o autor, a ameaça do desmembramento havia tornado realidade com o então recente projeto de digitalização do acervo. Este descumprimento da instituição para com seu papel de guardiã do acervo devia ser "motivo de espanto e mobilização de todos os interessados no patrimônio cultural brasileiro".

No Brasil a memória documental da Oliveira Lima Library tem causado diversas reações, de lamentação e pânico a apologismo e consagração. Fossem quais fossem

os partidos tomados pelos escritores brasileiros em torno da memória de Oliveira Lima, é importante notar a natureza predominantemente memorialística. Isto é que, com a exceção feita de *Bibliografia de Manoel de Oliveira Lima* de Neusa Dias de Macedo, publicado pela editora do Arquivo Público Estadual de Pernambuco em 1968, a *Oliveira Lima Library* nunca recebeu tratamento técnico por parte de profissionais brasileiros. Vale mencionar *Cartas de Stockholmo e outras cartas* de Gilberto Freyre (1970), o qual dá uma ideia geral da coleção de correspondências, destacando temas e correspondentes de interesse para a pesquisa da vida do homem e da realidade internacional da época. Neste intuito, o artigo traz valiosos comentários sobre o valor histórico das cartas de Oliveira Lima e os possíveis caminhos para o seu uso e acesso. Porém, ao deixar de lado as considerações técnicas de descrição, este artigo não passa da expressão de interesse de um pesquisador ou até mesmo a curiosidade de um amigo saudoso.

Esta falta de descrição técnica do acervo não se deve à falta de valorização do trabalho técnico, pois Freyre (1970) e Malatian (2001) reclamam veementemente a necessidade da descrição técnica do acervo. O que mais tem obstado este tratamento é a distância e a falta de recursos tanto pela *Catholic University* quanto pelas instituições brasileiras de custear um longa estada ao exterior.

Junto à sua imensa produção intelectual, a *Oliveira Lima Library* representa a maior parte do legado memorial de Manoel de Oliveira Lima. Nos Estados Unidos em particular, onde a obra do historiador brasileiro tem merecido relativamente pouca divulgação, a biblioteca é o seu legado mais palpável.

Assim como qualquer conjunto de memória registrada, a vida de *Oliveira Lima Library* depende essencialmente do seu acesso e uso, para manter sua relevância social e evitar o esquecimento. Para este fim, a descrição e a divulgação do acervo tomam papel imprescindível, fatos do qual tinham plena consciência tanto o fundador quanto outros profissionais dentro e fora da *Catholic University*.

No entanto, graças a uma série de fatores institucionais e logísticos, o acervo tem recebido tratamento de descrição técnica insuficiente. Focando-se nas obras raras os índices e catálogos até hoje desenvolvidos, o arquivo pessoal, entre este a coleção de correspondências e os *scrapbooks*, parece particularmente fora do alcance de

pesquisadores. O esquecimento ainda paira sobre o porão da Mullen Library.

Para emendar tais falhas e garantir a utilidade da coleção e cumprir com os desejos do doador para com sua preciosa memória registrada, é imperativo o desenvolvimento de descrições sistemáticas de toda a coleção da *Oliveira Lima Library*.

4 OS SCRAPBOOKS DA *OLIVEIRA LIMA LIBRARY*: ARQUIVOS DA VONTADE DE MEMÓRIA DE MANOEL DE OLIVEIRA LIMA

4.1 A VONTADE DE MEMÓRIA NA *OLIVEIRA LIMA LIBRARY*

Para André Heráclio do Rêgo (2017), a bibliofilia de Oliveira Lima constituiu característica não só complementar, mas indissociável da atividade historiográfica e diplomática do pernambucano. Embora dispondo de meios limitados relativos aos seus colegas colecionadores contemporâneos, o autor de *Dom João VI no Brasil* "conseguiu reunir uma das maiores, senão a maior, coleção de livros, documentos, gravuras, mapas e outros objetos de interesse para a história do Brasil de sua época." Na *Oliveira Lima Library*, seu precioso legado memorial constituído de acordo com as afinidades intelectuais e pessoais do seu titular, "não poderia haver maior identidade entre os objetivos do colecionador e os do historiador e, em menor medida, do diplomata" (p. 65-66).

Conforme Malatian (2001), "a constituição da *Oliveira Lima Library* atendeu, desde o início, ao que Pierre Nora identifica como vontade de memória", um "hibridismo de intenções" pelo qual obras de arte e livros raros convivem com os documentos "produzidos durante o exercício da diplomacia, do jornalismo e do ofício de historiador" (p. 356). Desta confluência de biblioteca e arquivo emerge uma simbiose entre a memória e a história.

Esta reciprocidade de memórias parece salientar-se sobretudo nos arquivos, mundo em que são multiplicados "tanto o ânimo *voyeurístico* como o interesse científico" (GOULART, 2017). Destarte as correspondências e os *scrapbooks* da *Oliveira Lima Library* representam expressão nítida de um duplo esforço memorialístico em que se testemunha a erudição ao mesmo tempo que se testemunha uma vida erudita (MALATIAN, 2001, p. 356).

Nos *scrapbooks* da *Oliveira Lima Library* artigos de jornal, correspondências, cartões de visita, propagandas de revista, cardápios, programações de conferências, panfletos, fotografias, charges, capas de revistas, telegramas, cartões postais, enfim,

uma imensa variedade de tipos documentais é reunida para criar um verdadeiro tecido da vontade de memória do seu criador. Porém nem só de vontade -- nem muito menos do documento -- viverá a memória…

Para Menne-Haritz (2001), “a memória é um fenômeno social, não tecnológico”. O documento não armazena nem preserva a memória, antes oferece “a possibilidade de criá-la” (p. 58-59, tradução nossa). Por este mesmo viés, Meneses (2007) afirma que a única perda efetiva da memória é a perda de elos comunitários, pois a memória não é “uma substância vulnerável, friável, frágil, que precise ser recuperada ou até depurada” (p.26). Para o autor, a essência social da memória nega a necessidade do seu resgate, pois “se é para resgatar, o melhor é chamar o corpo de bombeiros” (p. 30).

A criação ou reconstrução da memória sempre depende de atores sociais, fato que torna o acesso uma preocupação essencial para a preservação da memória, pois “como o rio corre para o mar, à memória destina-se o acesso [...] sem o acesso, a função social da memória é nula” (GALINDO, 2012, p. 38).

O acesso à memória registrada também viabiliza a participação do indivíduo na sociedade. Durante a Revolução Francesa, o esforço para a criação da nova sociedade desligada do antigo regime feudal suscitou a fundação do primeiro arquivo nacional. Nesta Nova França, a memória nacional tornou-se propriedade pública e o acesso aos arquivos antigos e correntes uma forma de exercício dos novos direitos culturais e legais do cidadão. Na Inglaterra, o registro representava a encarnação de direitos e privilégios do povo inglês estabelecidos gradualmente ao longo dos séculos (SCHELLENBERG, 2003, p. 4-5). No tocante à identidade cultural, o acesso à memória possibilita a participação do indivíduo na cultura e a reivindicação dos seus direitos do cidadão.

Outro fator importante para a socialização e acesso à memória registrada é a habilidade desta de dialogar com outros suportes. O acesso é então determinado pela inserção e interação em redes memoriais, isto é, a interoperabilidade. No que diz respeito à memória, a interoperabilidade representa uma propriedade inerente, que pode existir em graus variáveis dependendo da capacidade do suporte de comunicar com outros sistemas. Pode-se dizer que há mais alto nível de interoperabilidade quando há uma comunicação mais fluída entre sistemas.

O acesso ao documento também depende da sua descrição, pois sem esta “corre-se o risco de criar uma situação análoga à do analfabeto diante de um livro, que ele pode pegar e folhear, mas ao qual não pode ter acesso completo por não possuir meios que lhe permitam compreender a informação" (LOPEZ, 2002, p.12). Desde a Antiguidade, a descrição da memória registrada acompanha de perto os desenvolvimentos lógicos e tecnológicos das sociedades escritas.

Por vezes, a inovação tecnológica nos suportes da memória suscita novos campos do conhecimento dedicados à otimização da descrição e acesso à memória. O aumento da produção documental no fim do século XIX e no início do século XX causa um desvinculação entre o conteúdo e o documento, fato que exigiria novas técnicas de descrição advindas da Documentação, uma nova especialização entre os bibliotecários (MIRANDA, 2012, p. 54). Por sua vez, a Ciência da Informação apareceria junto com a explosão da produção científica durante a época pós-Segunda Guerra Mundial.

Com o passar dos séculos, o aumento quantitativo da produção documental -- sinal de que o funcionamento de organizações políticas e até mesmo as identidades de grupos sociais dependiam cada vez mais da memória registrada nos mais variados suportes-- exigiu que fossem desenvolvidas novas e mais complexas técnicas de descrição para combater o risco de perda memorial. Porém, conforme aponta Galindo (2012), a relação direta entre o avanço da tecnologia e o aumento de risco indica que cada tecnologia criada para resolver um problema acaba criando o problema (p. 37). Assim, toda descrição precisa levar em conta a natureza e os riscos do suporte com o qual se descreve.

4.2 BIBLIOTECA E ARQUIVO: CONCEITOS TEÓRICOS E TÉCNICAS DE DESCRIÇÃO

Para os fins do presente estudo a seguinte discussão limita-se à justaposição de apenas dois conjuntos documentais: a biblioteca e o arquivo. De antemão, vale lembrar primeiramente que esta distinção é histórica e culturalmente determinada, pois da Antiguidade até a Modernidade, os documentos de cada um se encontravam em uma mesma instituição, em uma época chamada por autores como Miranda (2012) e

Malheiro e Ribeiro (2011) de Custodial Sincrética. Segundo estes autores, a partir do crescente corporativismo e tecnicismo do século XIX entre os arquivistas e bibliotecários, estes dois conjuntos sofrem uma separação prático-teórica que inaugura a época Custodial e Tecnicista, a qual se desfaz em meados do século XX em resposta à explosão informacional, dando início à Ciência da Informação e à época Pós-Custodial.

Também ressaltamos que as distinções entre estes conjuntos documentais são feitas independentemente de forma física. Um mesmo documento -- seja livro, manuscrito, audiovisual -- pode pertencer a uma biblioteca ou a um arquivo, o fator distintivo entre os dois elementos sendo o contexto de produção, reunião e preservação do documento (SCHELLENBERG, 2003).

O documento de biblioteca tem função principal e fundamentalmente cultural. Ele é um fim por si mesmo, no qual função e valor cultural são indissociáveis. Neste suporte, significado e significante são unidos.

Por este motivo, conforme Schellenberg (2003), o significado dos documentos de biblioteca existe “totalmente independente da relação que estes têm com outros itens” (p. 17) e o bibliotecário trabalha com unidades “discretas e indivisíveis” (p.23). A biblioteca representa, portanto, a soma das suas partes, um valor cultural cumulativo.

No entanto nos arquivos, a funcionalidade do documento tem duas etapas distintas mas correlatas. Na sua primeira idade, o documento arquivístico desempenha a função de agir ou de possibilitar a ação. Conforme Schellenberg (2003) um conjunto de documentos possivelmente pode ser caracterizado como arquivístico somente se foi produzido “no decurso de atividades propositais e organizadas” ou criado “no processo de cumprir algum fim administrativo, legal, comercial ou social” (p. 13, tradução nossa).

Sendo partícipe de determinados processos sociais, o documento arquivístico localiza-se dentro de um universo documental, fato que o coloca em uma posição fixa e hierarquizada diante de outros documentos da mesma origem.

O documento arquivístico então deve seu nascimento ao desempenho de uma determinada função dentro dos confins da entidade que o produziu. Porém, conforme Hilary Jenkinson (1937), este registro só se torna arquivo quando “cessado seu uso corrente, é apartado para ser preservado, tacitamente julgado válido de ser guardado”

(p. 8-9, tradução nossa). Para garantir uma vida longa, um arquivo precisa alegar sua utilidade para com grupos ou instituições além daqueles que os criaram para fins alheios àqueles que lhes deram origem. Neste processo, o arquivo passa a ter um valor secundário, incidental e essencialmente cultural (SCHELLENBERG, 2003). A preservação de um documento como arquivo histórico não é garantia, mas resultado de um apelo a fins culturais.

Deve-se esclarecer que nas decisões de preservação dos documentos arquivísticos, o que está em jogo não é o valor cultural do documento em si mas o valor cultural da entidade que o produziu. Talvez este processo se perceba mais claramente quando a instituição à qual o arquivo é associado perde legitimidade cultural. Como nota Schellenberg (2003), durante a Revolução Francesa, os mais radicais entre os revolucionários insistiam na destruição dos documentos do regime feudal, pois neles se incorporavam os direitos e privilégios de uma ordem social odiada e vencida (p. 4). Se os arquivos do Antigo Regime não foram destruídos, foi justamente pelo papel que este sistema social e político tinha na reafirmação dos novos direitos do cidadão francês. Em contrapartida, a destruição de um arquivo se deve a um julgamento, justificado ou não, da insignificância social da entidade que os produziu.

Na segunda idade, o documento arquivístico passa a ter valor cultural e histórico como prova ou evidência das atividades da entidade que o gerou. O valor cultural do documento histórico é totalmente dependente das relações que ele mantém com o seu contexto de origem. Portanto, segundo a definição de arquivo fornecido no manual dos holandeses, um conjunto de documentos só pode ser caracterizado como arquivístico “na medida em que tais documentos se destinavam a permanecer na custódia” do órgão ou funcionário que os produziu ou recebeu (p. 13). Destarte, conforme Camargo (2009), o trabalho do arquivista consiste em “assegurar a manutenção do vínculo de estreita correspondência entre documentos e atividades do organismo produtor” (p. 34). Quando isolado do seu contexto, o documento arquivístico perde valor probatório (SCHELLENBERG, 2003, p. 22).

Esta organicidade faz o documento arquivístico só ter significado através do todo do qual faz parte. Mesmo no caso de um único papel de um arquivo ter sido preservado, “este documento constitui o arquivo e é, por si mesmo, um todo”

(ASSOCIAÇÃO, 1973, p. 14). O valor cultural do arquivo é holístico por essência; diante da sociedade, cada documento de um arquivo é igual e inextricavelmente imbuído da legitimidade do seu titular. De valor cultural, nada de externo se lhe pode acrescentar.

Se o documento arquivístico de valor cultural não desempenha a mesma função que o gerou, ele ainda precisa representar esta função original. O conjunto documental de um arquivo encena as atividades que o deram origem e valor cultural. Portanto, o estabelecimento de um arquivo de valor histórico ou cultural é um ato performático.

As diferenças entre documentos de biblioteca e arquivo inevitavelmente geram diferenças nas técnicas de descrição e arranjo. Para descrever seus materiais, o bibliotecário pode valer-se de esquemas de arranjo *a priori,* como por exemplo a Classificação Decimal de Dewey, o qual prima pela divisão por assunto dos documentos.

Porém, nenhum sistema *a priori* é aplicável a um arquivo (SCHELLENBERG, 2003; ASSOCIAÇÃO, 1973) Conforme o Manual dos Holandeses, as relações estabelecidas entre os documentos arquivísticos são orgânicas e não arbitrárias, pois eles foram criados conforme processos lógicos das funções de uma determinada entidade (ASSOCIAÇÃO, 1973, p. 18). Qualquer lógica temática e pré-determinada, e portanto, arbitrária -- seja a ordem alfabética ou a ordem cronológica -- acaba por isolar os documentos do seu contexto ou ignorar o respeito aos fundos, misturando documentos de origens diversas.

A descrição adequada de um arquivo exige um conhecimento cultivado meticulosamente, pois conforme o Manual dos Holandeses “cada arquivo possui, por assim dizer, personalidade própria, individualidade peculiar, com a qual é mister se familiarize o arquivista antes de proceder à sua ordenação” (ASSOCIAÇÃO, 1973, p. 18).

Uma vez identificadas as principais funções das entidades produtoras, sejam estas indivíduos ou instituições, é preciso que estas funções sejam associadas a determinados conjuntos documentais. Vários autores (SCHELLENBERG, 2003; BARROS, 2010; KICH, KONRAD, 2011) entendem o arranjo e a classificação como processos distintos, sendo este relacionado a arquivos administrativos ou correntes e aquele aos arquivos históricos ou permanentes. A classificação nem sempre é

prioridade para as entidades produtoras de documentos, portanto não é raro encontrar arquivos de documentos históricos em estados de organização física alheios à estrutura organizacional e lógica dos seus titulares.

O arranjo prima pela imposição sistemática da lógica orgânica específica à entidade produtora sobre o conjunto de documentos, independente da distribuição física do arquivo. Embora os arquivistas holandeses desaconselhem o desmembramento físico do arquivo, eles também indicam que “se for difícil a reconstituição do arquivo, as várias partes do mesmo, onde quer que estejam recolhidas, devem ser descritas por um único funcionário num único inventário.” Assim, “pouco importa o ponto em que os documentos estejam preservados” pois a unidade do arquivo advém da sua descrição lógica (ASSOCIAÇÃO, 1973, p. 35). Durante o arranjo, a maior preocupação é com a reconstituição lógica das relações orgânicas entre os documentos arquivísticos, organização que não precisa refletir a ordem física dos documentos (MENNE-HARITZ, 2001).

A descrição arquivística multinível dedica-se à elaboração de instrumentos de pesquisa que visam refletir a organicidade do arquivo e torná-lo mais acessível ao pesquisador. Conrado (2014), seguindo a ordem decrescente de descrições gerais para as mais detalhadas, aponta para os seguintes instrumentos de pesquisa: o guia, que informa ao pesquisador sobre as condições básicas de uso e consulta da coleção; o inventário, que descreve determinados conjuntos documentais como séries e; o catálogo, que foca na descrição e localização de itens documentais (p. 31-32).

Vale ressaltar que todos os tipos de arranjo acima mencionados focam na instituição de ordem sobre os arquivos. O que impera é a representação da ordem original. As necessidades ou preferências do pesquisador são colocados em segundo lugar, podendo ser atendidas, depois de estabelecida a ordem original, através de Índices e calendários minuciosos. (ASSOCIAÇÃO, 1973, p. 53).

4.3 ARQUIVOS PESSOAIS: NOVAS ADEQUAÇÕES

É importante reconhecer que os conceitos arquivísticos tendem a pôr ênfase no tratamento de arquivos institucionais, de natureza jurídica ou administrativa. Esta predileção pelos arquivos institucionais acabam por limitar o campo de atuação do

arquivista.

Primeiramente, esta visão institucional dos arquivos restringe o tipo documental digno da atenção do arquivista. A definição de arquivo proposta pela Associação dos Arquivistas Holandeses refere-se "apenas aos documentos escritos, desenhos e matéria impressa" e destina para os museus e bibliotecas outros objetos como por exemplo livros anexos a correspondências oficiais, manuscritos privados e "antiguidades" independente da relação que mantêm com materiais arquivísticos (ASSOCIAÇÃO, 1973).

A preferência também limita as pessoas e funções que cabem ao arquivo. Seguindo novamente o manual dos holandeses, ficam explicitamente excluídos os arquivos de família, os quais constituem "um aglomerado de papéis e escritos" que não formam um todo, pois carecem da "conexão orgânica de um arquivo." (ASSOCIAÇÃO, 1973, p.19) Segundo esta abordagem decididamente historicista e institucional, se os arquivos do rei Luís XVI foram preservados, isto se deve ao valor cultural do seu ofício político e não aos méritos do homem em si.

Como notam Malheiro e Ribeiro (2011), neste momento em que a arquivística como prática moderna vai tomando forma, o historicismo por trás do valor cultural do documento arquivístico tem relação íntima com a legitimação do emergente Estado-nação.

Por este viés, não só a preservação mas também o acesso à informação são entendidos no sentido restrito de um direito daqueles que fazem parte do domínio nacional. Por conseguinte, a posterior mudança paradigmática que surge com a época Pós-Custodial abre o alcance do acesso, redefinindo-o como direito humano, mudança evidenciada pelas políticas de acesso à informação de grupos como a UNESCO.[4]

A visão holística de um conjunto documental não é domínio exclusivo dos arquivos nem de qualquer outro lugar de memória institucional. Se Smit (2017) afirma que "a constituição de bibliotecas, arquivos e museus não pode mais, hoje em dia, ser considerado uma obra do acaso, de um colecionismo sem critérios" (p. 34), vale lembrar, conforme Pearce (2003), que na verdade nunca existe colecionismo sem

[4] Disponível em: http://www.unesco.org/new/en/communication-and-information/freedom-of-expression/freedom-of- information/

critérios, pois o próprio colecionador impõe uma visão holística e uma estrutura orgânica aos objetos reunidos.

Também é importante reconhecer que nos arquivos de origem pessoal o valor cultural não é um dado mas um conquistado. Assim, muitas figuras dignas de consagração na memória coletiva atingem seu status através de atividades de variadas funções culturais, algumas através de instituições, outras de natureza menos formalizada. A vida pessoal é frequentemente um emaranhado de funções: se nos arquivos institucionais, a pessoa física desaparece quando deixa o cargo e é reposto por outro, nos arquivos pessoais, são os cargos que flutuam. A situação torna-se ainda mais complexa quando se trata das figuras públicas, geralmente as mais merecedoras de consagração nos arquivos, cujas vidas parecem vacilar entre o público e o privado.

Nos arquivos de pessoas, o ato performático torna-se mais complexo ao mesmo passo em que se faz mais imprescindível para a consagração e socialização da memória. O valor e a legitimidade cultural são conquistados pelo desempenho nos mais variados papéis sociais. As técnicas de descrição arquivística precisam de uma adequação às especificidades do contexto em que surgem os documentos

Em 1997, Silvana Goulart e Ana Maria de Almeida Camargo foram encarregadas do arranjo e descrição do acervo de Fernando Henrique Cardoso. Segundo Goulart (2017), ela deparou-se com um primeiro problema quando a pesquisa de fontes externas sobre a biografia do então presidente do Brasil revelou uma cronologia não-linear que exigia níveis de descrição “que pudessem oferecer uma visão sincrônica de suas funções, atividades e interesses ao longo do tempo”. Esta mistura de funções se fez mais complexa quando, chegado ao fim do mandato do seu titular, acrescentava-se ao arquivo de Fernando Henrique Cardoso documentos produzidos durante o exercício da presidência.

Além desta mistura de funções, constava nos arquivos uma grande variedade de tipos documentais que nem sempre se encaixavam nos padrões dos documentos oriundos das atividades institucionais, sendo “corriqueira a presença de fragmentos, bilhetes, escritos subjetivos e cifrados feitos informalmente pelo titular, às vezes só para si”. Neste conjunto documental também constavam “papéis, fotos sem referência e, sobretudo objetos, quando não se sabe por que lhes foi conferida importância,” fato que

podia “levá-los até a perder o próprio estatuto documental”. (GOULART, 2017).

Para Camargo (2009) os arquivos ditos pessoais mantêm a característica probatória e, portanto, deviam ser submetidos à abordagem própria dos arquivos, embora nem as facetas de uma vida pessoal nem os documentos que as evidenciam sejam tão formalmente declarados quanto aqueles das instituições (p. 28). Goulart e Camargo (2007) então desenvolveram a abordagem contextual/funcional dos arquivos pessoais. Esta abordagem estabelece as funções e os acontecimentos como aglutinadores de documentos, possibilitando a classificação dos conjuntos documentais de arquivos de pessoas.

Para Terry Cook (1998), a divisão tradicional entre arquivos institucionais e pessoais não se sustenta diante da análise detalhada dos princípios fundamentais da arquivologia. Sob o olhar da arquivística clássica, enquanto por um lado, os arquivos institucionais foram vistos como conjuntos orgânicos, acumulações naturais e consequentemente inocentes e transparentes, arquivos pessoais remeteram à ideia de “produtos de um desejo de perpetuar uma certa imagem...propósito concebido que, na verdade, se destina à ‘monumentalização do próprio indivíduo” (p. 131). Para Cook (1998), longe de serem conjuntos documentais fechados, completos e sem qualquer intervenção humana, os arquivos institucionais são produtos de processos sociais de avaliação, construções que refletem e perpetuam visões do mundo e lutas pelo poder.

Dada esta união dos arquivos, Cook (1998) afirma não caber mais ao arquivista institucional a ingenuidade de acreditar na neutralidade do arranjo e descrição dos seus documentos; é preciso que todo arquivista reconheça “sua própria historicidade, ou seja...sua própria participação no processo histórico” (p. 142). Tampouco é aceitável a divisão entre as duas tradições arquivísticas que colocam o arquivista pessoal em um lugar periférico dentro da arquivologia, sendo mais próximo ao bibliotecário ou historiador do que à arquivologia propriamente dita (p. 132).

Dentro desta nova perspectiva que une os arquivos institucionais e pessoais sob o título de “arquivos totais”, Cook (1998) aponta para duas semelhanças importantes. Primeiramente, que ambos os tipos de arquivos “são evidências de transações da vida humana,” sendo derivados de atividades e não documentos criados intencionalmente para fins culturais. O autor também aponta para o uso de procedimento técnicos e

métodos práticos semelhantes no arranjo e descrição destes dois tipos de conjuntos documentais (p. 131). Porém, à luz da preponderância dos arquivos institucionais na literatura arquivística fundamental do Manual dos Holandeses (1973), de Jenkinson (1937) e de Schellenberg (2003), Cook (1998) afirma que a resolução da tensão entre os dois tipos de arquivo não está na adequação dos arquivos pessoais às técnicas de descrição e arranjo institucionais, antes na questão de

> se as instituições e seus arquivistas conseguirem reconhecer a necessidade de modificar vários de seus princípios tradicionais de modo a adotar a mesma perspectiva em relação aos arquivos, à história e à memória que adotam seus colegas dos arquivos pessoais (COOK, 1998, p. 143).

Finalmente é importante reconhecer o papel da normatização da descrição arquivística como crucial para garantir a interoperabilidade dos conjuntos documentais de qualquer proveniência. Para Paixão (2012) a comunicação entre sistemas depende essencialmente de critérios normalizados, os quais permitem que a informação seja "partilhada de forma eficiente e para que seja perceptível e utilizável da mesma maneira em todos os locais em que é disponibilizada" (p. 2).

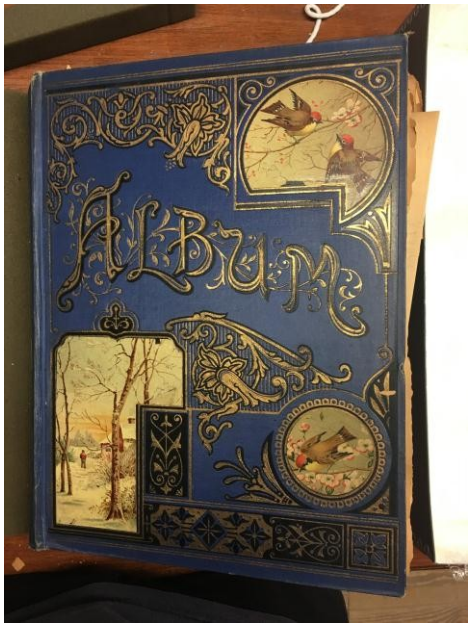
Para tal fim, a *General International Standard Archival Description* ou ISAD (G) fornece um conjunto de regras de descrição arquivística que visa

> e a troca de informação sobre documentos arquivísticos; possibilitar o compartilhamento assegurar a criação de descrições consistentes, apropriadas e auto- explicativas; facilitar a recuperação de dados de autoridade; e tornar possível a integração de descrições de diferentes arquivos num sistema unificado de informação. (ISAD(G), 2000, p. 11).

No entanto, é importante lembrar que a normalização não visa pôr os sistemas de arranjo e descrição sob regras fixas, pois a elaboração destes sistemas depende das especificidades dos arquivos. Como aponta o manual do ISAD(G), as regras de descrição também não definem "formatos de saída ou modos nos quais esses elementos são apresentados, por exemplo, em inventários, catálogos, listas, etc."(200, p. 11-12) A normatização é apenas uma forma de fortalecer a interoperabilidade, porém não prescinde da pesquisa histórica necessária para a contextualização e estruturação lógica dos arquivos.

4.4 OS *SCRAPBOOKS* DA *OLIVEIRA LIMA LIBRARY*

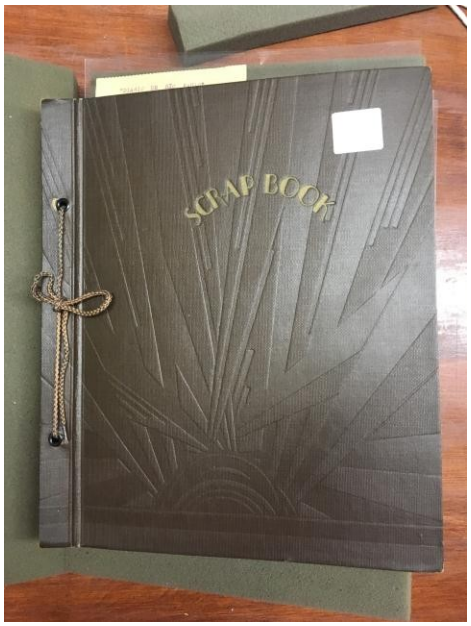
Fotografia 1 — *Scrapbook* # 4, capa



Fonte: Henry Granville Widener (2018).

Os *scrapbooks* da *Oliveira Lima Library* são uma rica fonte de informações para o pesquisador. Segundo, James A. Robertson (1928), os *scrapbooks* da *Oliveira Lima Library* são uma mina de informações “para o estudante do Brasil da década de 1890 e depois” (apud. OLIVEIRA LIMA, 1937, p. 290, tradução nossa). Para Henrich (2016) o valor especial dos *scrapbooks* advém do fato deles reproduzirem “textos praticamente inéditos” da carreira jornalística de Oliveira Lima “assim como artigos de outros autores sobre os temas em questão, as polêmicas em que se envolvia, a recepção de suas obras e cobertura das suas atividades intelectuais e diplomáticas”. Pela diversidade de documentos que reúnem, os *scrapbooks* contêm “verdadeiros retratos dos debates em que estava inserido” seu titular (p. 32-33).

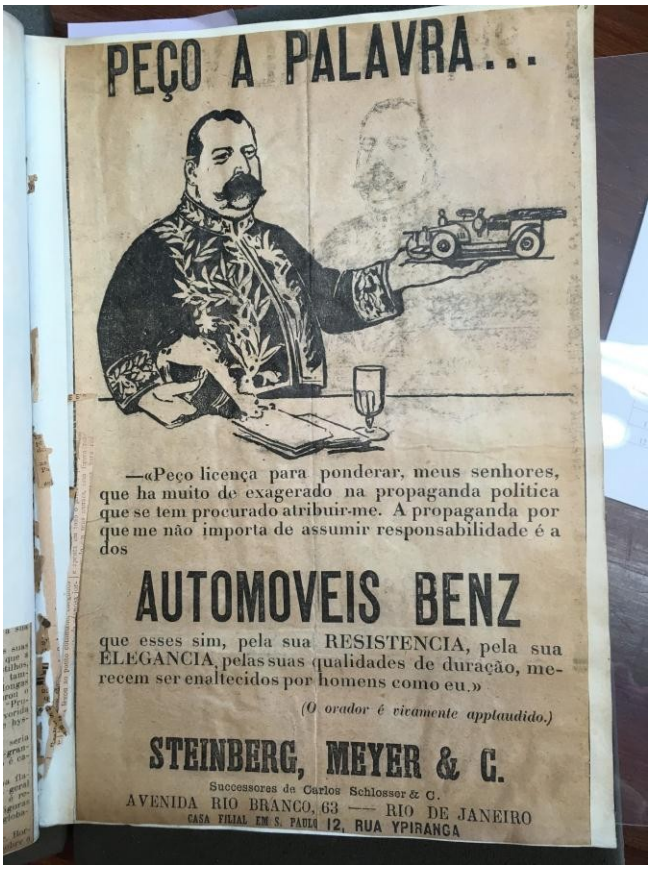
Fotografia 2 — *Scrapbook* # 58, capa



Fonte: Henry Granville Widener (2018).

Derivados das mais variadas atividades intelectuais do seu titular, os documentos dos *scrapbooks* da *Oliveira Lima Library* retêm valor essencialmente probatório. Porém, enquanto a obra jornalística do intelectual pernambucano é amplamente reproduzida nos *scrapbooks* através dos seus artigos de jornal, é infrequente, e em alguns casos impossível, que sejam reproduzidos na íntegra os documentos provenientes da sua atividade diplomática e historiográfica. Raramente se encontram nas páginas dos *scrapbooks* os ofícios diplomáticos, tratados assinados, livros de história, conferências, palestras e aulas. Não obstante esta falta, é possível acompanhar a vida do historiador, diplomata, conferencista e professor através dos telegramas, correspondências, artigos de jornal, charges contidos nos *scrapbooks*.

Fotografia 3 — *Scrapbook* # 32, p. 185



Fonte: Henry Granville Widener (2018).

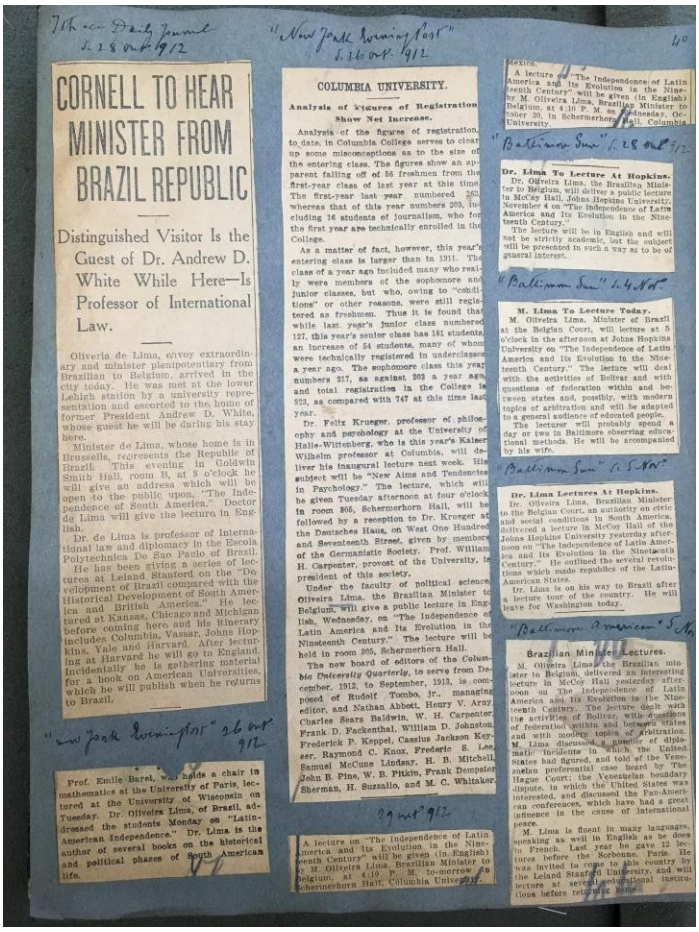
Os documentos dos *scrapbooks* da *Oliveira Lima Library* evidenciam os vários ramos da vida de Oliveira Lima, mas nem sua função como evidência nem o seu valor cultural lhes são garantidos. Se isolados, os documentos dos *scrapbooks* são reduzidos a fragmentos de significado dúbio: um boletim da igreja presbiteriana de Oberlin, Ohio não retém o mesmo valor informacional sem ser visto no contexto da série de conferências proferidas por Oliveira Lima nos Estados Unidos em 1912. Somente a partir do seu conjunto é que os documentos dos *scrapbooks* permitem reconstruir os processos sociais da produção intelectual do seu criador. Por isso, é lícito afirmar que os *scrapbooks* representam um ato performático de valorização cultural, o resultado de um esforço curatorial intencional e programático que o casal Oliveira Lima dedicou em reunir documentos de tão diversas funcionalidades.

Fotografia 4 — *Scrapbook* # 32, p. 46-47

Fonte: Henry Granville Widener (2018).

Ao folhear as páginas dos *scrapbooks*, passando artigos de jornal e correspondências, é preciso ter em mente que existem na *Oliveira Lima Library* coleções distintas de correspondências e periódicos. No entanto, no que diz respeito às correspondências e a produção jornalística presentes nos *scrapbooks*, a consciência da natureza performática e curatorial dos scrapbooks é essencial, pois deve se lembrar que na *Oliveira Lima Library* existe uma imensa coleção de correspondências à parte, as quais cumprem outra função. Enquanto na coleção de correspondências, o titular pode englobar uma série de funções ou papéis sociais ao mesmo tempo em uma só carta, nos *scrapbooks*, as correspondências foram trazidas para cumprir uma função definida em relação ao retrato de certos eventos. Deste modo, os *scrapbooks* são arquivos híbridos, ao mesmo tempo pessoais e institucionais. Passados pelo crivo curatorial os documentos dos *scrapbooks* foram escolhidos por seu alto valor histórico e dispostos de forma a salientar este valor histórico.

Fotografia 5 — *Scrapbook* # 35, p. 40



CORNELL TO HEAR MINISTER FROM BRAZIL REPUBLIC

Distinguished Visitor Is the Guest of Dr. Andrew D. White While Here—Is Professor of International Law.

Oliveira de Lima, envoy extraordinary and minister plenipotentiary from Brazilian to Belgium, arrived in the city today. He was met at the lower Lehigh station by a university representation and escorted to the home of former President Andrew D. White, whose guest he will be during his stay here.

Minister de Lima, whose home is in Brussells, represents the Republic of Brazil. This evening in Goldwin Smith Hall, room B, at 8 o'clock he will give an address which will be open to the public upon, "The Independence of South America." Doctor de Lima will give the lecture in English.

Dr. de Lima is professor of International law and diplomacy in the Escola Polytechnica De Sao Paulo of Brazil.

He has been giving a series of lectures at Leland Stanford on the "Development of Brazil compared with the Historical Development of South America and British America." He lectured at Kansas, Chicago and Michigan before coming here and his itinerary includes Columbia, Vassar, Johns Hopkins, Yale and Harvard. After lecturing at Harvard he will go to England. Incidentally he is gathering material for a book on American Universities, which he will publish when he returns to Brazil.

Prof. Emile Borel, who holds a chair in mathematics at the University of Paris, lectured at the University of Wisconsin on Tuesday. Dr. Oliveira Lima, of Brazil, addressed the students Monday on "Latin-American Independence." Dr. Lima is the author of several books on the historical and political phases of South American life.

COLUMBIA UNIVERSITY.

Analysis of Figures of Registration Show Net Increase.

Analysis of the figures of registration to date, in Columbia College serves to clear up some misconceptions as to the size of the entering class. The figures show an apparent falling off of 56 freshmen from the first-year class of last year at this time. The first-year last year numbered 263, whereas that of this year numbers 209, including 16 students of journalism, who for the first year are technically enrolled in the College.

As a matter of fact, however, this year's entering class is larger than in 1911. The class of a year ago included many who really were members of the sophomore and junior classes, but who, owing to "conditions" or other reasons, were still registered as freshmen. Thus it is found that while last year's junior class numbered 127, this year's senior class has 181 students, an increase of 54 students, many of whom were technically registered in undergraduate a year ago. The sophomore class this year numbers 217, as against 203 a year ago, and total registration in the College is 833, as compared with 747 at this time last year.

Dr. Felix Krueger, professor of philosophy and psychology at the University of Halle-Wittenberg, who is this year's Kaiser Wilhelm professor at Columbia, will deliver his inaugural lecture next week. His subject will be "New Aims and Tendencies in Psychology." The lecture, which will be given Tuesday afternoon at four o'clock in room 806, Schermerhorn Hall, will be followed by a reception to Dr. Krueger at the Deutsches Haus, on West One Hundred and Seventeenth Street, given by members of the Germanistic Society. Prof. William H. Carpenter, provost of the University, is president of this society.

Under the faculty of political science Oliveira Lima, the Brazilian Minister to Belgium, will give a public lecture in English, Wednesday, on "The Independence of Latin America and Its Evolution in the Nineteenth Century." The lecture will be held in room 805, Schermerhorn Hall.

The new board of editors of the Columbia *University Quarterly*, to serve from December, 1912, to September, 1913, is composed of Rudolf Tombo, jr., managing editor, and Nathan Abbott, Henry V. Arny, Charles Sears Baldwin, W. H. Carpenter, Frank D. Fackenthal, William D. Johnston, Frederick P. Keppel, Cassius Jackson Keyser, Raymond C. Knox, Frederic S. Lee, Samuel McCune Lindsay, H. B. Mitchell, John B. Pine, W. B. Pitkin, Frank Dempster Sherman, H. Buzzallo, and M. C. Whitaker.

A lecture on "The Independence of Latin America and Its Evolution in the Nineteenth Century" will be given (in English) by M. Oliveira Lima, Brazilian Minister to Belgium, at 4:10 P. M. to-morrow in Schermerhorn Hall, Columbia University.

Dr. Lima To Lecture At Hopkins.

Dr. Oliveira Lima, the Brazilian Minister to Belgium, will deliver a public lecture in McCoy Hall, Johns Hopkins University, November 4 on "The Independence of Latin America and its Evolution in the Nineteenth Century."

The lecture will be in English and will not be strictly academic, but the subject will be presented in such a way as to be of general interest.

M. Lima To Lecture Today.

M. Oliveira Lima, Minister of Brazil at the Belgian Court, will lecture at 5 o'clock in the afternoon at Johns Hopkins University on "The Independence of Latin America and Its Evolution in the Nineteenth Century." The lecture will deal with the activities of Bolivar and with questions of federation within and between states and, possibly, with modern topics of arbitration and will be adapted to a general audience of educated people.

The lecturer will probably spend a day or two in Baltimore observing educational methods. He will be accompanied by his wife.

Dr. Lima Lectures At Hopkins.

Dr. Oliveira Lima, Brazilian Minister to the Belgian Court, an authority on civic and social conditions in South America, delivered a lecture in McCoy Hall of the Johns Hopkins University yesterday afternoon on "The Independence of Latin America and Its Evolution in the Nineteenth Century." He outlined the several revolutions which made republics of the Latin-American States.

Dr. Lima is on his way to Brazil after a lecture tour of the country. He will leave for Washington today.

Brazilian Minister Lectures.

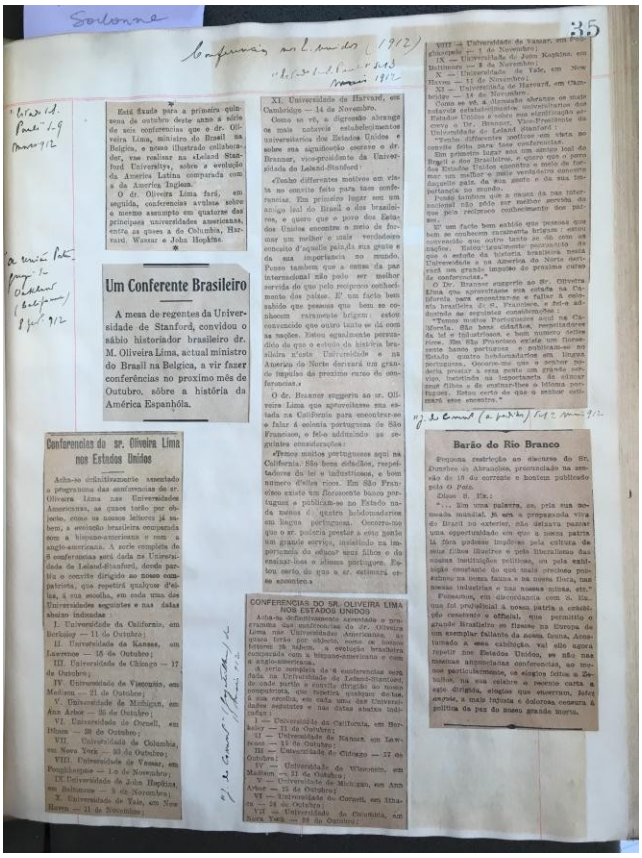
M. Oliveira Lima the Brazilian minister to Belgium, delivered an interesting lecture in McCoy Hall yesterday afternoon on The Independence of Latin America and its Evolution in the Nineteenth Century. The lecture dealt with the activities of Bolivar, with questions of federation within and between states and with modern topics of arbitration. M. Lima discussed a number of diplomatic incidents in which the United States had figured, and told of the Venezuelan preferential case heard by The Hague Court; the Venezuelan boundary dispute, in which the United States was interested, and discussed the Pan-American conferences, which have had a great influence in the cause of international peace.

M. Lima is fluent in many languages, speaking as well in English as he does in French. Last year he gave 12 lectures before the Sorbonne, Paris. He was invited to come to this country by the Leland Stanford University, and will lecture at several educational institutions before returning home.

Fonte: Henry Granville Widener (2018).

É por este viés que o conceito de vontade de memória de Malatian (2001) ganha força. Trata-se do posicionamento da memória do historiador, diplomata e jornalista dentro do contexto social em que ele viveu para os fins de pesquisa. Trata-se de um desejo do colecionador de cultivar o estudo da América Latina através da documentação meticulosa da sua própria vida, uma vontade curatorial sob a qual se vêm indissociavelmente unidos o anseio de consagrar e o de ser consagrado. No dizer de Malatian (2001), os *scrapbooks*, como toda a *Oliveira Lima Library*, representam o testemunho tanto da erudição quanto de uma vida erudita.

Fotografia 6 — *Scrapbook* # 30, p. 35



Fonte: Henry Granville Widener (2018).

No final das contas, quando aplicado aos *scrapbooks*, o conceito da vontade de memória da *Oliveira Lima Library* significa, nem mais nem menos, uma declaração do valor secundário de um fundos fechado à qual é preciso dar seguimento através da descrição e arranjo arquivísticos. Dada esta convergência de vontades de memória, os *scrapbooks* representam arquivos híbridos, mostrando traços de arquivos pessoais e institucionais.

Fotografia 7 — *Scrapbook* # 35, p. 54

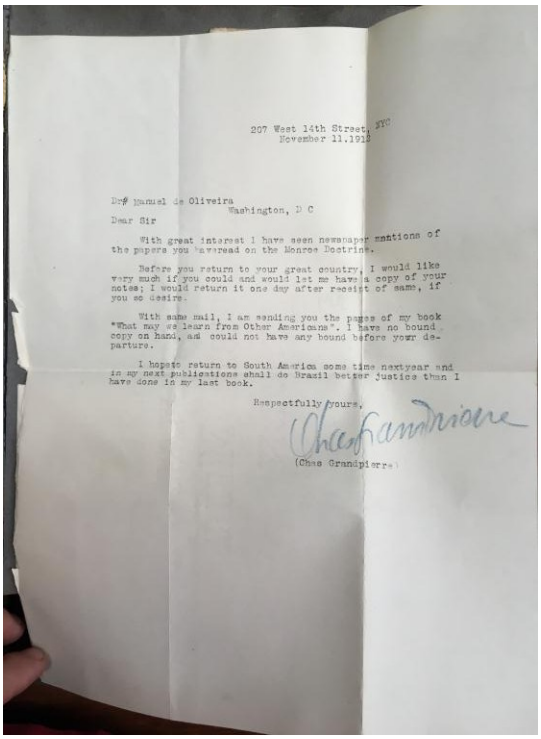
Fonte: Henry Granville Widener (2018).

Aqui vale detalhar as dificuldades teóricas e metodológicas da descrição dos arquivos pessoais descritas por Camargo e Goulart (2007), pois esclarecem a natureza distinta dos *scrapbooks* como documentos arquivísticos. Conforme as autoras, os arquivos pessoais representam uma "zona de penumbra" no que diz respeito ao seu valor probatório (CAMARGO e GOULART, 2007, p. 40). Esta complexidade se dá pelas dificuldades em estabelecer o "como" ou seja as circunstâncias que geram os documentos de cunho pessoal, sendo muitas vezes difícil associar tipos documentais como correspondências a certos eventos da vida do seu titular (CAMARGO e GOULART, 2007, p. 23-24).

Nos *scrapbooks* da Oliveira Lima Library, o evento aparece como aglutinador dos documentos. Porém, também há um forte vínculo institucional, claras demarcações entre os diferentes setores da vida do colecionador, cujo lugar dentro das instituições também é claro e formalmente demarcado. Porém, dado o apelo ao valor histórico dos *scrapbooks* feito pelo seu titular, os eventos ali retratados são fortemente ligados a instituições formais. Cada evento da vida de Oliveira Lima retratado nos *scrapbooks* é

atribuível a instituições em que Oliveira Lima cumpriu funções formalmente estabelecidas.

Fotografia 8 — *Scrapbook* # 35, p. 63



207 West 14th Street, NYC
November 11.1913

Dr. Manuel de Oliveira
Washington, D C

Dear Sir

With great interest I have seen newspaper mentions of the papers you have read on the Monroe Doctrine.

Before you return to your great country, I would like very much if you could and would let me have a copy of your notes; I would return it one day after receipt of same, if you so desire.

With same mail, I am sending you the pages of my book "What may we learn from Other Americans". I have no bound copy on hand, and could not have any bound before your departure.

I hopeto return to South America some time nextyear and in my next publications shall do Brazil better justice than I have done in my last book.

Respectfully yours,

(Chas Grandpierre)

Fonte: Henry Granville Widener (2018).

Esta afirmação permite uma certa formalidade de classificação não desfrutado pelos documentos de cunho estritamente pessoal e vale para toda a diversidade documental presente nos *scrapbooks*. Na Oliveira Lima Library existem coleções separadas de fotografias e periódicos que exigem tratamento arquivístico próprio. Os periódicos, fotografias e todo o resto deve ser entendido no contexto do *scrapbook*, cujo fim é comemorar um evento claramente construído.

Há algo de quântico na coleção que sugere ao pesquisador, ser mais relevante as conexões e os links que ele sugere, mas não registrados, que propriamente o documento como fonte histórica forma. No que diz respeito aos *scrapbooks* da *Oliveira Lima Library*, o papel do arquivista é semelhante àquele arquétipo clássico custodial, pois trata-se de perceber e preservar uma ordem pré-estabelecida para representá-la

em descrições técnicas. Porém, o tratamento arquivístico dos *scrapbooks* da *Oliveira Lima Library*, longe de uma prática baseada na ideia de uma passividade ou neutralidade ingênua por parte do arquivista, exige plena consciência do seu objeto como fruto de processos sociais de construção. Os *scrapbooks* da *Oliveira Lima Library* não são consequências naturais, antes são produtos artificiais. Sujeitos os *scrapbooks* a processos curatoriais, o objetivo de sua descrição arquivística não é a de refletir processos e relações orgânicas subjacentes e não declaradas, mas de refletir as relações impostas pela organização posterior do conteúdo dos *scrapbooks*.

Nos *scrapbooks* todo documento é trazido para cumprir a função de retratar determinados eventos. Cabe ao arquivista identificar estes eventos. Neste intuito, e dada a devida atenção para o contexto de produção do documento, é lícito dar prioridade a uma determinada função de um documento sobre as outras possíveis funções.

4.5 OS ATUAIS SISTEMAS DE ARRANJO E DESCRIÇÃO DOS *SCRAPBOOKS* DA *OLIVEIRA LIMA LIBRARY*

A descrição dos *scrapbooks* da *Oliveira Lima Library* atualmente em vigor foi desenvolvida em duas fases, a primeira ainda em vida dos seus criadores, Manoel e Flora de Oliveira Lima, e a segunda durante os anos 2010. A primeira fase produziu índices escritos à mão nas primeiras ou últimas páginas dos *scrapbook* pelos criadores. A segunda fase produziu o que a instituição denominou de *tables of contents* ou sumários, os quais muitas vezes representam migrações diretas da informação contida nos *índices* para o meio digital em formato PDF. De maneira geral, os sistemas de descrição e arranjo presentes tanto nos índices quanto nos *tables of contents* se podem resumir a listagens de itens ou conjuntos documentais que refletem a organização física dos *scrapbooks*.

O primeiro problema das duas formas de descrição e arranjo dos *scrapbooks* hoje em vigor é a sua não sistematização. Os dois tipos de descrição vacilam entre, por um extremo, descrições minuciosas de cada item documental e, por outro extremo, descrições generalistas. Carecendo de critérios estáveis, as descrições acabam

perdendo confiabilidade.

Outro problema dos dois sistemas de arranjo e descrição é sua falta de organicidade. As listagens de itens documentais representam descrições quase bibliográficas impostas a documentos arquivísticos. Estas descrições tendem a descrever seu conteúdo por nome de autor, data e títulos dos documentos sem fornecer mais informações que contextualizam os documentos ou estabeleçam relações orgânicas entre eles. Quem conhece bem a história de Manoel de Oliveira Lima poderia conjecturar a relevância dos documentos contidos nestes *scrapbooks* baseando-se nos títulos e autores identificados, mas sem nenhuma estrutura que contextualize estes documentos ou estabeleça relações com outros documentos, o pesquisador ficaria na mera conjectura.

Por outro lado, há índices e *tables of contents* que lançam mão de uma descrição mais geral dos documentos. No pior dos casos, estas descrições carecem de informação detalhada sobre o contexto de produção dos documentos: na parte superior do sumário do *scrapbook* #16 lê-se "1907-1908-Artigos diversos, de diversos autores, em diversos jornais, sobre política e literatura"; no índice do *scrapbook* #17, por sua vez, diz "1907-1909: Artigos diversos, de diversos autores, em diversos jornais, sobre diversos assuntos." Outras descrições nos *tables of contents* descrevem seu conteúdo por tema. No sumário do *scrapbook* #2, lê-se "Articles about O Tratado Anglo-Portuguez (1890-1891)." Os índices dos *scrapbooks* #23 e #29 vão mais além, dando um breve relato histórico sobre o evento retratado e os tipos documentais presentes nos *scrapbooks*. O que resulta novamente é uma falta de relações orgânicas entre os documentos e, portanto, uma perda de significado dos documentos.

Outro traço prejudicial da descrição dos *scrapbooks* é a não confiabilidade da informação. Por exemplo, o índice do *scrapbook* #33 relata que na página 73, dever-se-ia achar um artigo sobre o intelectual americano John Casper Branner, artigo que não se pôde localizar nesta ou em outras páginas do mesmo *scrapbook*. Também constataram-se erros na periodização dos *scrapbooks*. O *scrapbook* #55 alega representar o período entre 1925-1930, mas encontrou-se um artigo datado de 1919 sobre a publicação do livro *Formatión Historique de la Nationalité Brésilienne* de Oliveira Lima.

Um último aspecto problemático da descrição dos *scrapbooks* é a falta de interoperabilidade. Escritos a mão em uma letra por vezes difícil de decifrar, os *índices* são expressões quase idiossincráticos. Os sumários, por sua vez, pela falta de sistematização, também oferecem pouca oportunidade para intercurso com outros sistemas.

Como expressões claras da vontade de memória de Oliveira Lima, os *scrapbooks* representam uma fonte valiosa para a pesquisa histórica e biográfica. Porém, a satisfação desta vontade depende do acesso e socialização da memória por via da descrição e arranjo apropriados a estes documentos arquivísticos. As descrições dos *scrapbooks* hoje em vigor na *Oliveira Lima Library* não cumprem esta função.

Muitas vezes os primeiros curadores de arquivos realizavam trabalhos inadequados às presentes exigências, distorcendo a ordem original dos conjuntos documentais. Assim, para o arquivista constitui "não somente um *direito* nosso, mas *dever* positivo" modificar o arranjo de documentos (ASSOCIAÇÃO, 1973, p. 49). Os nossos predecessores são falíveis e cabe a nós restabelecermos as relações orgânicas entre os documentos quando se percebe que o sistema de arranjo vigente comporta falhas. Neste intuito o presente estudo propõe diretrizes para o arranjo e descrição arquivísticos dos *scrapbooks* que visam respeitar a origem e as relações orgânicas e atender as necessidades sociais da memória.

5 METODOLOGIA E COLETA DE DADOS

5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa se caracteriza como exploratória, pois tanto seu objeto de pesquisa, os *scrapbooks*, quanto o seu tema, a produção intelectual de Oliveira Lima nos Estados Unidos entre 1912-1928, representam áreas pouco exploradas nos seus respectivos campos.

Até o momento, o *scrapbook* é quase desconhecido como objeto de estudo na Ciência da Informação. Na Base de dados de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI)[5], a pesquisa do termo '*scrapbook*' recuperou um artigo.[6] Porém, este artigo tratou uma ferramenta digital chamada Scrapbook e não os livros de recorte. Nesta mesma base de dados, o termo de pesquisa 'livro de recorte' recuperou 11 itens.[7] Dentre estes artigos, nenhum tratou dos livros de recortes, o que leva à impressão de que o que mereceu recuperação foi o termo "livro." Daí pesquisou-se o termo 'livro de recorte' colocado entre aspas, o que recuperou os mesmos artigos.

A atividade intelectual de Oliveira Lima nos Estados Unidos 1912-1928 também tem merecido relativamente pouca atenção. No que diz respeito a este período da vida do historiador pernambucano, o que prevalece é a visão do exílio, visão que foca na comunicação de Oliveira Lima com o público brasileiro. Neste contexto, o Dom Quixote Gordo é posto às margens da historiografia brasileira, sendo colocada em segundo plano, quando não esquecida, sua produção intelectual no meio norte-americano. O estudo que mais foca na vida do ex-diplomata nos Estados Unidos entre 1912-1928 e assim formou a base da discussão do presente estudo, é a tese de doutorado de Henrich (2016), cujos capítulos 3, 5, e 6 tratam este período com detalhe.

O presente estudo caracteriza-se como pesquisa de campo, pois envolveu a observação e coleta diretas de dados do objeto de estudo. A partir da análise documental, foi desenvolvido um quadro de classificação que seria aplicado à amostra

[5] Disponível em: http://www.brapci.inf.br/
[6] Disponível em: http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/60440
[7] Disponível em: http://www.brapci.inf.br/?q=livro+de+recorte&type=1&year_s=1972&year_e=2018

de dados coletados para se fazer um inventário analítico, o qual poderia servir para o desenvolvimento de futuros instrumentos de pesquisa para a descrição e arranjo arquivístico da coleção como um todo.

5.2 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

A fase inicial do estudo foi o levantamento bibliográfico, realizado no intuito de dar contextualização histórica à vida e produção intelectual de Manoel de Oliveira Lima nos Estados Unidos, os estudos latino-americanos nos Estados Unidos e os conceitos, técnicas e normas internacionais existentes de arranjo e descrição arquivísticos.

Antes da coleta de dados, o levantamento bibliográfico forneceu uma ideia da cronologia da vida de Manoel de Oliveira Lima, possibilitando uma compreensão mais aguda dos eventos mais importantes da vida do diplomata. O levantamento bibliográfico também despertou interesse em uma área pouco estudada da vida e obra de Oliveira Lima, a saber, sua atividade nos Estados Unidos a partir de 1912 até a sua morte, o que se traduziu no recorte temporal e geográfico do estudo.

A delimitação do recorte temporal e geográfico, de 1912-1928, inicia-se com a turnê de conferências de Manoel de Oliveira Lima a 12 universidades norte-americanas e se encerra com a morte do historiador nos Estados Unidos. Conforme vários autores (CARDOZO, 1969; MALATIAN, 2001; HENRICH, 2016) este período marca uma etapa na vida do intelectual brasileiro em que este se estabelece na sociedade norte-americana como intelectual desvinculado do serviço diplomático brasileiro. Desta data, conscientemente ou não, Oliveira Lima começa a criar as condições que possibilitaram a doação da sua biblioteca em 1916 a uma instituição de pesquisa e ensino superior norte-americana e de sua mudança definitiva para o país em 1920.

Este recorte temporal e geográfico não só permitiu suprir de forma exploratória uma lacuna na história de Manoel de Oliveira Lima, mas permitiu que se elaborasse um instrumento de pesquisa que depois poderia ser aplicado ao arquivo como um todo.

Não obstante os problemas associados aos *tables of contents* dos *scrapbooks* discutidos no capítulo anterior, eles representaram uma primeira aproximação ao objeto de estudo anterior à entrada em campo, dando uma ideia do escopo do acervo e do

tempo que levaria a coleta. Assim, foi possível programar a coleta de dados com metas semanais de número de *scrapbooks*.

5.3 UNIVERSO DO ESTUDO

O acervo da *Oliveira Lima Library* comporta no total 62 *scrapbooks*, ou livros de recortes em cujas páginas é reunido um grande número de documentos escritos por e sobre o intelectual brasileiro. Dos 62 *scrapbooks* da Oliveira Lima Library, 58 são organizados por ordem numérica. Para o presente estudo, os quatro *scrapbooks* restantes foram organizados por ordem alfabética, do *scrapbook* A a D. A maioria dos *scrapbooks* tem paginação total ou parcial.

Reunidos, recortados e colados nas páginas dos álbuns pelo casal Oliveira Lima, os documentos dos *scrapbooks* são distribuídos e organizados de forma variada. Às vezes, um só documento ocupa uma ou várias páginas dos *scrapbooks*. Tão comum quanto isto é a reunião de vários documentos em uma só página. Neste último caso, é comum ver documentos colados uns em cima de outros, os quais ficam parcial ou totalmente escondidos à primeira vista, sendo preciso levantar um documento para se enxergar outros.

Em quase todos os *scrapbooks*, é marcante a presença de folhas avulsas. Estas páginas soltas aparecem com tanta frequência que seria difícil afirmar haver *scrapbook* algum que não contivesse pelo menos um documento ou até mesmo uma página avulsos. Estes documentos não paginados geralmente aparecem entre duas páginas ou em pastas dentro das caixas que armazenam cada *scrapbook*. Em outros casos, as páginas soltas ficam em caixas separadas, mas mantêm-se associadas a *scrapbooks* específicos graças aos *tables of contents* que acompanham a quase totalidade dos *scrapbooks*.

Conforme acima mencionado, os *scrapbooks* são compostos de uma variedade de documentos muito grande, que inclui: artigos de jornal, correspondências, cartões de visita, propagandas de revista, cardápios, programações de conferências, panfletos, fotografias, charges, capas de revistas, telegramas, cartões postais, listas de alunos e projetos de pesquisa das cadeiras dadas por Oliveira Lima enquanto professor, e letras

de música.

Dentro desta variedade de documentos, predominam o recorte de jornal e a correspondência por cartas e telegramas, representando mais da metade dos documentos dos *scrapbooks*.

A condição física dos *scrapbooks* e seus documentos é muito variada. Graças à baixa qualidade do papel de jornal usado durante o fim do século XIX e início do século XX no mundo inteiro, a condição física da maioria do conteúdo dos *scrapbooks* é precária. O papel quebradiço às vezes cai das páginas ao ser tocado. As cartas de correspondência, dobradas e deixadas em envelopes por muitos anos, têm que ser abertas com muito cuidado. Por outro lado, há *scrapbooks* e documentos que mantêm uma ótima condição física.

A variedade de temas, autores e tipos documentais presentes nos *scrapbooks* da *Oliveira Lima Library* possibilita a reconstrução dos processos sociais dos mais variados ramos da vida do seu titular. Os *scrapbooks* oferecem prova da atividade social e intelectual de Oliveira Lima, revelando as redes sociais, as relações de cooperação e conflito, e a recepção pelos públicos leitores que constroem a memória registrada de Oliveira Lima. Destarte, os *scrapbooks* retêm sua função memorial pela prova ou evidência que fornecem dos processos sociais da construção do conhecimento do seu criador.

Porém, é importante ressaltar que os *scrapbooks* representam uma ação curatorial da memória do casal Oliveira Lima, isto é, há uma clara consciência do público para o qual os Oliveira Lima se projetam. Os *scrapbooks* são troféus do homem público, registro da celebridade que advém da sua atividade intelectual e profissional. Nem sempre são compostos por documentos convencionais, dominam os materiais especiais[8] que, a certo modo desenham um autorretrato através do qual o sujeito da vontade de memória deseja ser reconhecido na posteridade. O desenho da coleção, antes de ser um processo aleatório, é um ordenado e positivo roteiro do qual emerge

[8] Conforme Silva (2002), o conceito de materiais especiais denota os materiais não bibliográficos ou multimeios "que independem de suporte, mas que passam alguma informação, como fotografias, cartões postais, filmes, discos de vinil, CD's, mapas globos, recortes, panfletos, reálias, medalhas, selos…" (p.10) Este conceito parece particularmente importante para os arquivos, sejam pessoais ou institucionais, e portanto, aplica-se aos *scrapbooks* da *Oliveira Lima Library*.

uma mensagem cifrada e favorável a seu personagem.

Prova disto são os índices cuja origem é coeva à construção dos *scrapbooks*. Destarte, nos *scrapbooks* não constam documentos associados a eventos corriqueiros ou banais da vida do historiador e jornalista. Todo documento dos *scrapbooks* tem vínculo com eventos de peso social ou pessoal na vida do intelectual brasileiro, sejam conferências, postos diplomáticos, publicações, banquetes, palestras, eventos. Portanto, estes eventos quase sempre são associados a instituições ou grupos de existência formal, sejam jornais, editoras, órgãos governamentais, periódicos, academias, etc.

5.4 COLETA DE DADOS

A segunda fase da pesquisa foi a da coleta de dados, a qual ocorreu entre junho e julho de 2018 na *Oliveira Lima Library* em Washington, D.C. Levando-se em consideração a possível não confiabilidade das descrições presentes nos *tables of contents* e a impossibilidade de voltar para o campo, o que interessava nesta fase da pesquisa era a exaustividade da coleta de dados, tendo como únicos critérios de seleção o recorte temporal e geográfico.

Na fase inicial da coleta de dados, o que norteou a pesquisa foi sempre a questão de para quem se direcionavam os eventos referidos nos documentos dos *scrapbooks* e não necessariamente os públicos almejados pelos documentos em si. Por exemplo, conforme se observa nos *scrapbooks*, a série de conferências de Oliveira Lima nos Estados Unidos foi amplamente documentada na imprensa brasileira. Embora a produção jornalística brasileira fosse voltada a um público leitor brasileiro, os eventos referidos nesta produção, isto é, as conferências de Oliveira Lima em universidade norte-americanas, foram direcionados a um público norte-americano. Portanto, esta produção jornalística foi incluída na coleta de dados.

Destarte, foram incluídos todos os documentos que falassem sobre os eventos de que Oliveira Lima participou nos Estados Unidos, fossem em jornais de qualquer parte do mundo e em qualquer língua, sendo incluídos documentos em inglês, português, francês e alemão.

Todo documento que retratasse um evento da vida de Oliveira Lima nos Estados Unidos a partir de 1912 foi fotografado e armazenado no Google Drive em pastas de um sistema de armazenamento na nuvem correspondentes ao número do *scrapbook* em que os documentos apareciam. Cada registro fotográfico digital foi rotulado pelo número do *scrapbook* e o número da página em que aparecia. No caso de documentos que estivessem sobrepostos uns aos outros em uma mesma página, também foi incluído uma série de números adicionais. Durante a coleta de dados *in loco*, os registros fotográficos digitais foram revistos para conferir a claridade da imagem e a descrição da localização dos documentos.

A descrição dos itens documentais avulsos seguiu a ordem das páginas: se um documento avulso fosse encontrado entre duas páginas, usava-se o número da primeira das duas páginas do *scrapbook* entre as quais o documento se achava, seguido pela palavra 'avulso.' No caso de vários documentos avulsos, em um mesmo local, foram usados números em série colocados depois da palavra avulso.

Os itens separados em outras caixas mas ainda associados a determinados *scrapbooks* foram descritos como se fizessem parte dos *scrapbooks*, sendo incluído um descritor que indicasse a localização do documento ao invés do número da página do *scrapbook*.

Esta descrição da localização dos documentos se fez por três motivos. Primeiramente visou facilitar a consulta ao documento físico durante a pesquisa *in loco* caso fosse necessário voltar ao documento físico. Segundo, visou facilitar a consulta do registro digital. Finalmente, foi feito para facilitar a descrição do item documental posterior na fase da análise de dados. Esta primeira fase de identificação e captura de documentos resultou mais tarde na elaboração do inventário analítico.

Durante a coleta de dados, percebeu-se que os *scrapbooks* foram associados principalmente às funções de Oliveira Lima, tendo muito pouco da sua vida pessoal envolvido. Portanto paralelamente à captura de documentos, foram desenvolvidas listas de eventos retratados em cada *scrapbook*. Estas listas foram produzidas no Google Docs e armazenadas nas mesmas pastas dos *scrapbooks* que continham os registros fotográficos digitais. Estes documentos serviram para auxiliar a elaboração posterior do quadro de classificação durante a análise dos dados.

Sob os recortes temporal e geográfico e os critérios discutidos acima, foram capturados documentos dos *scrapbooks* 22, 30, 34, 35, 37, 39, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 54, 55, 57, 58, sendo usados um total de 18 *scrapbooks*.

6 ANÁLISE DE DADOS E ELABORAÇÃO DO QUADRO DE CLASSIFICAÇÃO

6.1 O QUADRO DE CLASSIFICAÇÃO

Os *scrapbooks* da *Oliveira Lima Library* são documentos arquivísticos híbridos que reúnem documentos em torno de eventos da vida pessoal do seu titular sem esquivarem-se de fortes vínculos institucionais.

A arquivologia dispõe de numerosas técnicas de descrição. Qual caberia aos *scrapbooks* da *Oliveira Lima Library?* Dada a necessidade de instrumentos de pesquisa que retratam a proveniência e organicidade dos *scrapbooks* como conjuntos documentais arquivísticos e visando facilitar a consulta dos *scrapbooks* por parte do usuário, o presente estudo propõe a elaboração de um quadro de classificação aplicado ao conjunto documental que diz respeito à vida e atividade intelectual de Oliveira Lima nos Estados Unidos a partir de 1912-1928, contemplando a posterior aplicabilidade deste instrumento para todo o fundo.

É importante notar que a consideração de possíveis instrumentos de pesquisa só foi feita depois da coleta de dados, fato que poderia ser problemático. Porém, o contato direto com o objeto de pesquisa foi um passo fundamental e prévio à elaboração destes instrumentos de pesquisa, pois só se compreendeu a natureza do objeto depois da coleta de dados *in loco*.

6.2 TÉCNICAS UTILIZADAS PARA DEFINIR CLASSES

Dada a falta na literatura da Ciência da Informação de metodologias para o tratamento arquivístico de *scrapbooks*, nós arbitramos uma metodologia própria para a descrição arquivística do nosso objeto de estudo, valendo-nos de técnicas e vocabulários de descrições de arquivos pessoais e institucionais.

A definição de classes e categorias contemplou algumas regras fundamentais. A sucessão de níveis superiores a níveis inferiores obedeceu um movimento do geral para o particular, de forma que cada nível inferior representou um número maior de itens. Outra regra fundamental é que cada categoria deve conter pelo menos dois itens.

Também se prezou pela exaustividade das classificações, para que todo documento fosse contemplado (RIOS e CORDEIRO, 2010).

Ao fazer subdivisões, é preciso consistência, “destarte, se a divisão primária é a função, todos os cabeçalhos naquele nível devem ser funções; se a divisão secundária é atividades, todos os cabeçalhos devem ser atividades” (SCHELLENBERG, 2003, p. 63, tradução nossa).

É preciso evitar a redundância e a mistura de critérios. Também deve ser evitado o uso de palavras ambíguas como por exemplo ‘miscelânea’, uma vez que não contribui para o acesso (SCHELLENBERG, 2003; GOULART, 2017). Goulart (2017) também adverte contra o uso de séries genéricas como ‘correspondência’ ou ‘produção intelectual’ (GOULART, 2017).

A divisão por assunto também deve ser evitada, pois os documentos muitas vezes contêm vários assuntos mas não podem ser distribuído em várias seções (ASSOCIAÇÃO, 1973, p. 45-46). Porém, conforme Rios e Cordeiro (2010) o conceito assunto devia ser visto de modo *lato*, sendo presente nas diversas classes do arquivo, por assunto podemos entender como a declaração de ações, produtos, materiais, agentes, propriedades, lugares, tempos e forma (p. 126). “Em uma suposição teórica, podemos concluir que os planos de classificação de documentos arquivísticos organizados pela estrutura funcional deverão refletir, de forma intensa, assuntos resultantes da faceta Ação” (p. 127).

6.3 DEFINIÇÃO DE NÍVEIS DE DESCRIÇÃO

Conforme Goulart (2017) no tocante aos arquivos de pessoas, as grandes classificações por tipo documental ou função não são capazes de abranger a complexidade dos processos que deram origem aos conjuntos documentais nem conseguem abraçar a diversidade formal dos documentos sem que isto envolva ambiguidades e contradições. Segundo a autora, é a partir do evento ou atividade desenvolvida pelo titular que os documentos ganham sentido, pois

> Apesar da variedade de gêneros e de tipologias documentais o sentido se restabelece pela reunião dos documentos em torno de seu contexto, pois apesar das diferenças de linguagem, forma ou suporte, um discurso, uma foto,

> um documentário audiovisual, um artefato, um convite e um cartaz podem ter sido gerados em função de um mesmo evento ou atividade (GOULART, 2017).

Destarte, o arranjo e descrição adequados dos arquivos deve dar primazia aos eventos, cuja identificação representa a "operação classificatória básica" (CAMARGO e GOULART, 2007, p. 65). Tanto nos *scrapbooks* da *Oliveira Lima LIbrary* quanto no acervo de Fernando Henrique Cardoso, o evento é o aglutinador de documentos.

Camargo (2009) adverte que “nem tudo o que é conservado num arquivo pessoal tem ligação com a atividade que justificou seu ingresso na instituição de custódia” e identifica tal sobrevalorização de certas funções e atividades de um indivíduo em despeito de outras como fator que pode limitar o campo de pesquisa (CAMARGO, 2009, p. 29). Não obstante, como já se viu, o caso dos *scrapbooks* da *Oliveira Lima Library* é diferente, pois o propósito curatorial dos *scrapbooks* não visa retratar os detalhes da vida propriamente pessoal do seu titular.

Destarte, aos eventos retratados nos *scrapbooks* foi possível associar instituições ou pessoas físicas bem-definidas, a partir das quais, por sua vez, foi possível criar categorias de ações ou atividades nos quais os eventos foram realizados.

No quadro de classificação do presente estudo, são propostos 5 níveis de descrição, a saber: fundo; seção; série; dossiê e; item documental, conforme representado na Tabela 1.

Tabela 1 — Quadro de classificação

Nível 0	Entidade custodiadora	*Oliveira Lima Library*
Nível 1	Fundo	Os *scrapbooks* da *Oliveira Lima Library*
Nível 2	Seção	Atividade
Nível 2,5	Sub-seção	
Nível 3	Série	Evento
Nível 3,5	Sub-série	
Nível 4	Dossiê	Tipos documentais
Nível 5	Item documental	Documento

Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

6.4 NORMATIZAÇÃO DA DESCRIÇÃO

A identificação das classes e categorias de cada nível foi baseada nos vocabulários disponibilizados por técnicos da área da arquivologia. Foram particularmente úteis as normas do ISAD(G) e os glossários de tipologia de eventos e documentos em Camargo e Goulart (2007). Quando um tipo de evento não constasse nos glossários de Camargo e Goulart (2007) o termo foi arbitrado.

Como elementos necessários de descrição de cada nível, o ISAD(G) indica: título (3.1.2); produtor (3.2.1); data(s) (3.1.3); dimensão da unidade de descrição (3.1.5); nível de descrição (3.1.4) e; código de referência (3.1.1). Em função da natureza parcial da presente descrição e do fato das descrições serem elaboradas longe do acervo, foram desconsiderados os elementos dimensão e código de referência. Também foi acrescentado o elemento ‘localização’ para indicar o(s) *scrapbook*(s) em que aparecem os eventos, sendo usada a sigla ‘SB’ e o número do *scrapbook*. Assim, foram usados quatro elementos de descrição para o nível de série: título, produtor, data e localização.

6.5 MANOEL DE OLIVEIRA LIMA NOS ESTADOS UNIDOS, 1912-1928

No nível da seção, que diz respeito à atividade ou ação, foram definidas a seguintes categorias, apresentadas em ordem alfabética: bibliotecas; homenagens; confraternizações[9]; congressos; docência; publicações e transmissões.

No nível da subseção, foram definidas as seguintes categorias, apresentadas em ordem alfabética: comemorações, honrarias, óbitos; livros, panfletos, programas de rádio, revistas.

No nível da série, foram incluídos os quatro elementos essenciais acima discutidos, a saber: título, produtor, data, localização. A aplicação deste quadro de classificação ao conjunto documental coletado para a pesquisa sob o recorte temporal é representado na Tabela 2.

[9] Conforme Camargo e Goulart (2007), 'confraternização' diz respeito à "manifestação coletiva em que se exteriorizam pontos de vista, idéias e convicções comuns." (p. 234) Destarte, a Academia Brasileira de Letras e o Instituto Geográfico e Histórico Brasileiro cabem nesta categoria.

Tabela 2 — Manoel de Oliveira Lima nos Estados Unidos, 1912-1928

Nível 2 (Seção) Atividade	**Nível 2,5** (Subseção)	**Nível 3** (Série) Evento
Bibliotecas		**Título:** *Oliveira Lima Library* **Produtor**: Oliveira Lima, Manoel de.; *Oliveira Lima Library* **Data**: 1920- **Localização**: SB 44, 45, 47, 48, 49, 50, 54, 55, 58
		Título: *Stanford Latin American Library* **Produtor**: Stanford University **Data**: 20.2.1924 **Localização**: SB 47
Confraternizações		**Título**: *American Institute of International Law* **Produtor**: American Institute of International Law **Data**: 24.2.1916 **Localização**: SB 39

		Título: World Peace Postage Association **Produtor**: World Peace Postage Association **Data**: 1920 **Localização**: SB 44
		Título: American Society of International Law **Produtor**: Oliveira Lima, Manoel de.; *American Society of International Law* **Data**: 27-30.4.1921 **Localização**: SB 45
		Título: Associação Histórica Americana **Produtor**: Associação Histórica Americana **Data**: 13. 3. 1921 **Localização**: SB 45

		Título: International Association of Arts and Letters **Produtor**: Oliveira Lima, Manoel de.; *International Association of Arts and Letters* **Data**: 28.2.1924 **Localização**: SB 45, 49
		Título: União Pan-Americana **Produtor**: União Pan- Americana **Data**: 1924-1927 **Localização**: SB 46, 49, 50

Congressos		**Título:** Série de Conferências em universidades norte- americanas **Produtor:** Oliveira Lima, Manoel de.; Stanford Univeristy; University of California, Berkeley; University of Kansas; University of Chicago; University of Wisconsin; University of Michigan; Cornell University; Columbia University; Vassar; Yale; Harvard; Johns Hopkins; Oberlin College. **Data:** 1912 **Localização**: SB 22, 30, 34, 35, 37
		Título: Congresso na *Clark University* **Produtor***: Clark University* **Data**: 16-18.12.1915 **Localização**: SB 39

		Título: Segundo Congresso Científico Pan-Americano **Produtor**: Pan-American Scientific Congress **Data**: 15.1.1916 **Localização**: SB 39
		Título: Conferência na Câmara de Comércio de Fall River, Massachusetts **Produtor**: Câmara de Comércio de Fall River, Massachusetts; Oliveira Lima, Manoel de. **Data**: 23-24.2.1916 **Localização**: SB 39

		Título: Conferência na Georgetown University **Produtor**: Oliveira Lima, Manoel de.; *Georgetown University* **Data**: 16.6.1921 **Localização**: SB 45
		Título: Série de conferências na Institute of Politics na Williams College em Williamstown, Massachusetts **Produtor**: Oliveira Lima, Manoel de.; Williams College, Institute of Politics **Data**: 31.7-22.8.1922 **Localização**: SB 57

		Título: Congresso Pan-Americano de Jornalistas em Washington, D.C. **Produtor**: Oliveira Lima, Manoel de. **Data**: 1926 **Localização**: SB 49
Homenagens	**Comemorações**	**Título**: Homenagem a Egan, Mauricio Francis **Produtor**: International Association of Arts and Letters **Data**: 1926 **Localização**: SB 49
	Honrarias	**Título**: A Pontifícia Ordem Equestre de São Gregório Magno **Produtor**: Pio XI; Oliveira Lima, Manoel de. **Data**: 12.10.1924 **Localização**: SB 45

	Óbitos	**Título**: Branner, John Casper **Produtor**: Branner, John Casper **Data**: 1.3.1922 **Localização**: SB 45
		Título: Óbito de Oliveira Lima, Manoel de. **Produtor**: **Data**: 1928 **Localização**: SB 50, 55, 58
Docência		**Título**: Professorado de História e economia latinoamericanas em Harvard **Produtor**: Oliveira Lima, Manoel de.; Harvard University. **Data**: 1915-1916 **Localização**: SB 37, 39; Caixa 17

		Título: Professorado na *Catholic University of America* **Produtor**: Oliveira Lima, Manoel de. **Data**: 1925 **Localização**: SB 46, 58
Publicações e transmissões	**Livros**	**Título**: *The Evolution of Brazil Compared with that of Spanish and Anglo-Saxon America* **Produtor**: Oliveira Lima, Manoel de.; Editora da Stanford University **Data**: 1914 **Localização**: SB 37
		Título: *The Tillman Movement in South Carolina* **Produtor**: Simkins, Francis Butler **Data**: 1926 **Localização**: SB 48

	Panfletos	**Título**: *The Relations of Brazil with the United States* **Produtor**: Oliveira Lima, Manoel de.; Associação Americana de Concórdia Internacional **Data**: 1913 **Localização**: SB 34, SB 35, SB 36
	Programas de rádio	**Título**: Radio Broadcast KDKA, Pittsburgh, PA **Produtor**: KDKA (Pittsburgh, PA) **Data**: 7.9.1925 **Localização**: SB 46
	Revistas	**Título**: *Pan-American Magazine* **Produtor**: *Pan-American Magazine* **Data**: 1920 **Localização**: SB 44

		Título: *Hispanic American Historical Review* **Produtor**: Oliveira Lima, Manoel de.; *Hispanic American Historical Review* **Data**: 1921-1922 **Localização**: SB 45

Fonte: Elabora pelo autor (2019)

.

A vida de Oliveira Lima nos Estados Unidos, conforme documentada nos *scrapbooks* da *Oliveira Lima Library*, esteve envolvida em diversas atividades durante seus últimos 16 anos de vida. O que predominou foi a participação em congressos, sendo no total 7 eventos em que Oliveira Lima proferiu palestras. O segundo maior número de eventos da vida de Oliveira Lima nos Estados Unidos que mereceram destaque foram os relacionados às confraternizações, sendo 6 no total. As publicações e transmissões de Oliveira Lima também registraram 6 eventos nos *scrapbooks*. Dentro das homenagens, categoria de atividade que inclui comemorações, honrarias e óbitos, foram registrados 4 eventos. As atividades de bibliotecas e docência registraram 2 eventos cada uma. No total, os *scrapbooks* da *Oliveira Lima Library* documentam 27 eventos da vida de Oliveira Lima nos Estados Unidos entre 1912-1928.

Antes de passar para o próximo capítulo, vale fazer uns comentários e esclarecimentos a respeito da organização dos documentos dos *scrapbooks* dentro do quadro de classificação apresentado. Primeiramente, é interessante notar que nem todo evento documentado nos *scrapbooks* foi fruto da ação direta do casal Oliveira Lima. Exemplo disto é a morte de John Casper Branner, amigo de Oliveira Lima, evento que foi incluído na subseção ‘óbitos’. Destarte, pode-se dizer que, de forma abrangente, os *scrapbooks* retratam a vida *e os interesses* do casal Oliveira Lima.

Por este viés dos interesses dos criadores dos *scrapbooks* é possível explicar o porquê de algumas escolhas feitas durante a elaboração do quadro de classificação. Dada a natureza curatorial dos *scrapbooks*, fez-se o maior esforço de ligar todo evento documentado nos *scrapbooks* às atividades mais institucionais da vida do próprio Oliveira Lima. Destarte, alguns eventos que, de primeira vista, não aparentassem ter vínculo direto algum com Manoel de Oliveira Lima foram subsumidos a eventos de maior importância na vida de Oliveira Lima. Tal foi o caso com a doação feita à *Widener Library* da universidade de Harvard. Embora o interesse pessoal do pesquisador lhe desse o desejo de criar um evento próprio, o qual se encaixaria na atividade ‘bibliotecas’, depois de certa reflexão, descobriu-se que este evento ocorreu durante o professorado de Oliveira Lima na Harvard e então optou-se pelo seu enquadramento dentro deste evento.

Porém, esta inclusão em eventos de maior importância na vida do titular da

Oliveira LIma Library nem sempre foi possível. Um primeiro exemplo disto é a doação feita à biblioteca latino-americana da universidade de Stanford em 1924. Embora este evento seja registrado com poucos documentos, graças à data da sua criação não foi possível incluí-lo em outro evento e, portanto, mereceu sua própria categoria na seção 'bibliotecas'.

Outro exemplo da impossibilidade de subsumir todo evento registrado nos *scrapbooks* à atividade própria do casal Oliveira Lima gerou a criação da subseção 'óbitos'. Nesta subseção são incluídos os eventos da morte de amigos de Oliveira Lima. Esta subseção foi criada contemplando o fundos como um todo e não apenas aquelas partes referentes ao recorte temporal do presente estudo. Destarte, dentro desta subseção poderão ser incluídas as mortes de Joaquim Nabuco e o Barão do Rio Branco, dois eventos amplamente documentados nos *scrapbooks* porém omitidos da presente análise devido ao recorte temporal e geográfico.

Inicialmente, as viagens e despedidas do casal Oliveira Lima mereceram sua própria seção. No entanto, percebeu-se que, no geral, estes eventos são decorrentes de atividades mais formalmente estabelecidos, como, por exemplo, a carreira diplomática ou a *Oliveira Lima Library*. No que diz respeito às despedidas feitas por instituições mais formais, como, por exemplo, a Faculdade de Direito de Recife quando da ida de Oliveira Lima aos Estados Unidos, este evento deverá ser incluso na subseção 'homenagens'.

Outra decisão tomada foi a da inclusão de todas as conferências proferidas por Oliveira Lima nas 12 universidades norte-americanas em 1912 em um único evento chamado 'Série de Conferências em universidades norte-americanas'. Esta inclusão se explica pelo fato destas 12 conferências tratarem do mesmo tema e conteúdo, sendo a mesma série de seis palestras proferidas na universidade de Stanford repetida nas demais universidades. Por outro lado, criou-se um evento separado para a conferência de Oliveira Lima na Clark University. Embora fosse coeva ao período em que Oliveira Lima foi professor na Harvard, esta conferência parece ter sido feita na função de Oliveira Lima como conferencista e não como professor.

Finalmente, é essencial ressaltar que embora a descrição arquivística seja coadjuvante ao fazer historiográfico, estas áreas têm propósitos distintos. Assim,

enquanto a historiografia frequentemente procura o levantamento de fontes inéditas e sobrevaloriza documentos desconhecidos em despeito de documentos já conhecidos, a arquivologia se dedica à organização de documentos como partes de um conjunto documental, sendo que nenhum documento ou conjunto de documentos merecem particular destaque fora seu papel funcional. Esta consciência foi útil durante vários momentos da análise dos dados. Um dos momentos mais salientes foi na organização de um conjunto documental relativo à visita de Oliveira Lima ao presidente norte-americano William Howard Taft durante a turnê das 12 conferências nos Estados Unidos. Na organização da estrutura hierárquica destes documentos, houve um desejo para trazer este fato à luz. Consequentemente, cogitou-se que fosse criado um evento próprio. Porém, tanto pelo pequeno número de documentos que retratam este evento quanto o fato deste evento ser decorrente de outro evento de maior importância na vida dos criadores dos *scrapbooks*, decidiu-se que ficasse incluído dentro do evento das 12 conferências.

Semelhante decisão foi tomada durante a estruturação do evento do professorado de Oliveira Lima em Harvard. Constatou-se certos eventos relacionados ao professorado em Harvard, como por exemplo os banquetes oferecidos por clubes sociais da universidade ao professor Oliveira Lima. No entanto, dada a sua dependência do evento do professorado, optou-se que fossem incluídos dentro do evento do professorado da Harvard.

Os julgamentos do valor histórico dos eventos e documentos contidos nos *scrapbooks* da *Oliveira Lima Library* ficará ao critério dos historiadores. O que cabe à descrição arquivística é que estes conjuntos documentais sejam disponibilizados através da sua contextualização e organização hierárquica. O presente estudo espera ter contribuído para este fim.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória sempre teve papel preponderante na vida de Manoel de Oliveira Lima: como diplomata que passou a maior parte da vida fora do país natal, ela forneceu uma base sólida das suas origens; como jornalista e historiador, ela alicerçou uma imensa produção que firmou sua posição como um dos vultos da Primeira República; como colecionador, ela deu ensejo para deixar um valioso legado para a posteridade.

Na *Oliveira Lima Library*, todas estas intenções convergem para testemunhar o que Teresa Malatian (2001) denomina uma "vontade de memória", um desejo de incentivar a pesquisa da cultura e história luso-brasileiro ao mesmo passo que se recorda e fortalece a contribuição do seu titular a estes estudos. Porém, uma série de fatores parecem ter obstado que esta vontade fosse cumprida, entre os quais a falta de descrição dos acervos bibliográfico e arquivístico da coleção.

O presente estudo então partiu do seguinte problema: **como a vontade de memória de Oliveira Lima se cumpre, quando no final da sua vida ele começa a cogitar a legação da sua memória uma instituição de educação norte-americana?** Em prol de fornecer uma resposta, foi definido o objetivo final de **descrever os processos de construção e socialização da memória registrada de Manoel de Oliveira Lima nos Estados Unidos entre 1912-1928 documentados nos *scrapbooks* da Oliveira Lima Library.**

Para tal fim, foram estabelecidos alguns objetivos específicos, a saber: a contextualização da produção intelectual, a qual inclui o colecionismo, de Oliveira Lima no meio intelectual norte-americano do início do século XX em que o brasileiro se inseriu e pelo qual ele pretendeu se projetar para o futuro; a descrição dos *scrapbooks* da *Oliveira Lima Library* como uma das muitas formas em que seu titular manifestou a vontade de memória; a discussão da necessidade do tratamento arquivístico dos *scrapbooks*; o desenvolvimento de um quadro de classificação para os *scrapbooks* e; a aplicação deste quadro de classificação ao conjunto documental dos *scrapbooks* relativo às atividades de Oliveira Lima nos Estados Unidos entre 1912-1928.

Optou-se pelo quadro de classificação porque este contempla a organização de um fundos como um todo, visando a facilitação da recuperação e o acesso. Porém, é

fundamental que este quadro se entenda como um primeiro entre muitos passos em prol da disponibilização do fundos. Note-se que a aplicação do quadro de classificação aqui proposto alcançou apenas o nível da série e não comportou o nível documental. Destarte, embora o recorte temporal e geográfico utilizado no presente estudo reduziu a quantidade de documentos analisados, os 27 eventos definidos são compostos de centenas de registros que ainda precisam ser descritos.

Como um próximo passo para a descrição dos *scrapbooks*, sugerimos o desenvolvimento de um inventário analítico que dê conta de todo item documental do fundo. Não obstante os problemas da elaboração de inventários analíticos quando aplicados a fundos arquivísticos abertos de grandes dimensões (SILVA, AMARAL E BRITTO, 2009, p. 5) esta consideração não se aplica aos *scrapbooks*, pois trata-se de um fundo fechado de dimensões muito menores.

Visando a normatização da nossa descrição, definimos 4 elementos básicos de descrição do nível da série, a saber: título, produtor, data e localização. Estes elementos forneceram as informações mais básicas para a recuperação dos documentos no nível da série. Porém, vale lembrar que, para o cumprimento das normas estabelecidas pelo ISAD (G), é preciso que sejam incluídos os elementos ‘código de referência’ (3.1.1) e ‘dimensão da unidade de descrição’ (3.1.5).

Além destes elementos essenciais, o presente estudo propõe alguns elementos adicionais para serem desenvolvidos posteriormente pela *Oliveira Lima Library*. Para o nível do fundo: autor, história administrativa/biografia (3.2.2), âmbito e conteúdo (3.3.1), idioma (3.4.3) sistema de arranjo (3.3.4), unidades de descrição relacionadas (3.5.3) e nota sobre publicação (3.5.4). Para os níveis da seção, subseção e série: âmbito e conteúdo (3.3.1); idioma (3.4.3); características físicas (3.4.4); unidades de descrição relacionadas (3.5.3) e; nota sobre publicação (3.5.4). Para os níveis de dossiê e item documental: idioma (3.4.3); características físicas (3.4.4); unidades de descrição relacionadas (3.5.3) e; nota sobre publicação (3.5.4).

Depois de definidos todos os elementos acima definidos, sugerimos que a descrição arquivística dos *scrapbooks* seja disponibilizada na *web* pelo site da instituição. Esta divulgação em rede poderá ser feita a baixo custo através de

programas de descrição arquivística como, por exemplo, *Archives Space*[10].

Ressaltamos a importância desta descrição e disponibilização do acervo serem feitas pela instituição, pois sua falta tem embaraçado o funcionamento, desenvolvimento e divulgação da *Oliveira Lima Library* durante toda a vida da instituição. Esta falta também parece ter causado certo desagrado por parte dos pesquisadores, entre estes Fernando da Cruz Gouvêa (1976) e Teresa Malatian (2001). Pelo viés da definição de políticas de acesso e disponibilização do acervo, o presente estudo também indica a elaboração de um índice para os *scrapbooks* e um guia para o acervo em geral. Enquanto o índice dependerá do inventário analítico exaustivo do fundos, é possível que o guia seja desenvolvido pela *Oliveira Lima Library* depois de feita um análise geral de todo o acervo.

Atualmente, aproxima-se o centenário da fundação da *Oliveira Lima Library*, o maior legado da vida e obra dos seus titulares, o casal Oliveira Lima, os quais cultivaram um amor para o estudo da história e cultura luso-brasileiras e o desejo da sua divulgação nos meios intelectuais norte-americanos e mundiais. Infelizmente, esta contribuição para a pesquisa parece ter permanecido como potencial. Por outro lado, o remédio desta situação não é uma pura questão de dinheiro mas também uma de esforço por parte da instituição e uma integração desta na rede mundial de instituições de memória. O que se deseja com o presente estudo é ter feito uma contribuição, por menor que seja, em prol da disponibilização da biblioteca.

[10] Disponível em: https://archivesspace.org/

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução: Almiro Pisetta. São Paulo: Mundo Cristão, 2017. 240 p.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. Os estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos: a produção brasilianista no pós-Segunda Guerra. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, n. 27, p. 31-61. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2138/1277. Acesso em: 17 out. 2018.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. O império em ascensão (por um dos seus espectadores) *In*: OLIVEIRA LIMA, Manoel de . **Nos Estados Unidos**: impressões políticas e sociais. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2009. p. 9-39.

ALMEIDA, Paulo Roberto de; RÊGO, André Heráclio do. **Oliveira Lima: um historiador das américas**. Recife: CEPE, 2017.

ARENDT, Hannah. The Public and the Private Realm. *In*: ARENDT, Hannah, **The Human Condition**. 2 ed. Chicago: University of Chicago Press, p. Disponível em: http://www.frontdeskapparatus.com/files/arendt.pdf Acesso em 21 nov. 2018.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, São Paulo, v. 11, n.21, p. 9-34, 1998. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061. Acesso em: 21 nov. 2018.

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS HOLANDESES. **Manual de arranjo e descrição de arquivos**. Tradução: Manoel Adolpho Wanderley. 2 ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1973, p. 167. Disponível em: http://www.arquivonacional.gov.br/media/manual_dos_arquivistas.pdf. Acesso em: 10 nov. 2018.

BAEKELAND, Frederick. Psychological aspects of art collecting. *In:* PEARCE, Susan. (ed.) **Interpreting Objects and Collections**. London: Routledge, 2003. p. 205-219. Disponível em: https://is.muni.cz/el/1423/jaro2013/SAN105/um/Susan_Pearce_Interpreting_Objects_and_Collection.pdf. Acesso em 22 nov. 2018

BARROS, Thiago Henrique Bragato. **A construção discursiva em arquivística:** uma análise do percurso histórico e conceitual da disciplina por meio dos conceitos de classificação e descrição. Orientador: João Batista Ernesto de Moraes. 2010. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) -- Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/handle/11449/93667. Acesso em: 10 out. 2018.

BELK, Collecting in a consumer culture. Disponível em: http://acrwebsite.org/volumes/12102/volumes/sv06/SV-06.

BHABHA, Homi. Introduction. *In:* BHABHA, Homi (ed.) **Nation and Narration**. New York: Routledge, 1990, p. 1-7. Disponível em: https://prelectur.stanford.edu/lecturers/bhabha/nation.html. Acesso em: 21 nov. 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5 ed. Tradução: Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BUCKLAND, Michael. Information as Thing. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 42, n. 5, p. 351-360, jun. 1991. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/%28SICI%291097-4571%28199106%2942%3A5%3C351%3A%3AAID-ASI5%3E3.0.CO%3B2-3.. Acesso em: 21 nov. 2018.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; GOULART, Silvana. **Tempo e circunstância**: a abordagem contextual dos arquivos pessoais -- procedimentos metodológicos adotados na organização dos documentos de Fernando Henrique Cardoso. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2007. 312 p.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos pessoais são arquivos. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, ano XLV, n.2, p.26-39, jul.-dez. 2009. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/2009-2-A02.pdf. Acesso em: 3 nov. 2018.

CAMPELLO, Lorena de Oliveira Souza. Abordagem funcional de arquivos pessoais: reflexões a partir do Arquivo Epifânio Dória. **Resgate**: Revista Interdisciplinar de Cultura, Campinas, v. 24, n. 2 [32], p. 65-90, jul./dez. 2016. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8647861/14884. Acesso em: 19 nov. 2018.

CAMPOS, José Francisco Guelfi. Arquivos pessoais, acesso e memória: questões em pauta. **Informação & Informação**, Londrina, v. 18, n.2, p. 150-167, maio/ago. 2013. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/16166. Acesso em: 20 out. 2018.

CAMPOS, José Francisco Guelfi (org.) **Arquivos pessoais:** experiências, reflexões, perspectivas. São Paulo: ARQ-SP, 2017. 134 p. Disponível em: http://arqsp.org.br/wp-content/uploads/2016/11/Arquivos-pessoais_experiencias_reflexoes-perspectivas_1_e-book.pdf. Acesso em: 10 nov. 2018.

CARDOZO, Manoel. Oliveira Lima and the Catholic University of America. **Journal of Inter-American Studies**, v. 11, n. 2, p. 209-222, abr. 1969. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/165367. Acesso em: 9 out. 2018.

CLANCHY, M. T. **From Memory to Written Record**: England, 1066-1307. 3 ed. West

Sussex: Wiley-Blackwell, 2013, 403 p.

CONRADO, Flávia Helena. **Arranjo, descrição e difusão do patrimônio documental arquivístico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Orientador: Daniel Flores. 2014. 184 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) -- Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/handle/1/11046. Acesso em: 5 nov. 2018.

CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS. **ISAD(G):** Norma geral internacional de descrição arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2000. 75 p. Disponível em: http://conarq.arquivonacional.gov.br/images/publicacoes_textos/isad_g_2001.pdf. Acesso em: 9 out. 2018.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS (CONARQ). Câmara Técnica de documentos eletrônicos. **e-ARQ Brasil: modelo de requisitos para sistemas informatizados de gestão arquivística de documentos**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional,2011. Disponível em: <http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/media/publicacoes/earq/conarq_earqbrasil_model_requisitos_2009.pdf> Acesso em: 10 out. 2018

COOK, Terry. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 129-149, 1998. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2062. Acesso em: 17 dez. 2018

CRUZ, Gleise Andrade. **De olho na eternidade**: a construção do arquivo privado de Antônio Carlos Jobim. Orientadora: Ângela Maria de Castro Gomes, 2008. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/2153. Acesso em 21 nov. 2018.

DELGADO, Luiz. No centenário de Oliveira Lima. **Estudos Universitários**, Recife, n. 4. p. 43-54, out./dez. 1967.

DULCI, Tereza Maria Spyer. **As conferências pan-americanas (1889 a 1928)**. São Paulo: Alameda Casa Editorial. 2013. 238 p.

DUNCAN, Carol. Art museums and the ritual of citizenship. *In:* PEARCE, Susan. (ed.) **Interpreting Objects and Collections**. London: Routledge, 2003. p. 279-286. Disponível em: https://is.muni.cz/el/1423/jaro2013/SAN105/um/Susan_Pearce_Interpreting_Objects_and_Collection.pdf. Acesso em 22 nov. 2018

EBELING-KONING, Blanche. The rare book collection at the Oliveira Lima Library. **Remate de Males**, v. 24, n. 2, 2004, p. 93-119. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636079. Acesso em: 18 dez. 2018.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. “Eu vi o mundo...ele começava no Recife. **Remate de Males**, v. 24, n. 2, 2004, p. 69-82. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636077/3786. Aceso em: 18 dez. 2018.

FORSTER, Maria Thereza Diniz. **Oliveira Lima e as relações exteriores do Brasil**: o legado de um pioneiro e sua relevância atual para a diplomacia brasileira. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011. 220 p. Disponível em: http://funag.gov.br/loja/download/863-Oliveira_Lima_e_as_Relacoes_Exteriores_do_Brasil.pdf. Acesso em: 16 out. 2018.

FREYRE, Gilberto. **Oliveira Lima, Dom Quixote Gordo**. 2 ed. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 1970, 235 p.

GALINDO, Marcos. Tragédia da Memória. **Massangana**, Recife, v. 2, n. 1, p. 57-62, 2005. Disponível em: http://ambientedetestes2.tempsite.ws/ciencia-para-educacao/publicacao/galindo-marcos-tragedia-da-memoria-massangana-recife-v-2-n-1-p-57-62-2005/. Acesso em: 18 dez. 2018.

GALINDO, Marcos. O dilemma do Pharmacon. **Ciência da Informação**, v. 41, n. 1, abr. 2012. ISSN 1518-8353. Disponível em: http://revista.ibict.br/cunf/index.php/cunf/article/view/2111 Acesso em: 20 jul. 2018.

GALINDO, Marcos. Sistema memoriais e redes de memória. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/13883. Aceso em: 19 dez. 2018.

GALINDO, Marcos. O Dilemma do Pharmacon. **Ciência da Informação**, v. 41, n. 1, abr. 2014. Disponível em: http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1350. Acesso em: 17 dez. 2018.

GALINDO, Marcos. A redescoberta do trabalho coletivo. *In*: Carlos Xavier de Azevedo Netto. (Org.). **Informação, Patrimônio e memória**: Diálogos interdisciplinares. 1 ed. João Pessoa: UFPB, 2015, v. 01, p. 65-96.

GARCIA, Rodolpho. O amigo dos livros. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, anno XXVIII, n. 169, p. 10, 14 jul. 1928. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_04&PagFis=4343. Acesso em: 26 nov. 2018

GOMES, Ângela Castro. **Remate de Males**, Campinas, v. 24, n. 2, 2004, p. 9-31. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636074. Aceso em: 18 dez. 2018.

GOMES, Ângela Castro (org.) **Em família**: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Campinas: Mercado de Letras, 2005, 295 p.

GOULART, Silvana. Arquivos pessoais de homens públicos em abordagens diversas. IN: **Revista do Arquivo**, São Paulo, Ano II, n. 4, março de 2017. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista_do_arquivo/04/indice.php> Acesso em: 10 nov. 2018

GOULART, Silvana. O tratamento da correspondência em arquivos pessoais: desafios e controvérsias. *In:* CAMPOS, José Francisco Guelfi (org.) **Arquivos pessoais:** experiências, reflexões, perspectivas. São Paulo: ARQ-SP, 2017. p. 38-61. Disponível em: http://arqsp.org.br/wp-content/uploads/2016/11/Arquivos-pessoais_experiencias_reflexoes-perspectivas_1_e-book.pdf. Acesso em: 10 nov. 2018.

GOUVÊA, Fernando da Cruz. **Oliveira Lima:** uma biografia. Recife: Editora do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, 1976. 3 v. 1787 p.

GREENHALGH, Laura. Biblioteca em Washington recupera legado de Oliveira Lima. **Estado de São Paulo**, São Paulo, 18 jun. 2011. Disponível em: https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,biblioteca-em-washington-recupera-legado-de-oliveira-lima-imp-,733914. Acesso em: 11 dez. 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990. 189 p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf. Acesso em: 21 nov. 2018.

HENRICH, Nathália. **Ser ou não ser antiamericano?:** Os Estados Unidos na obra de Oliveira Lima. Orientador: Ricardo Silva. 394 f. 2016. Tese (Doutorado em Sociologia Política) -- Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/167799. Acesso em: 20 ago. 2018.

HJORLAND, Birger; ALBRECHSTEN, Hanne. Toward a New Horizon in Information Science: Domain-Analysis. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 46, n. 6, p. 400-425, 1995. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/%28SICI%291097-4571%28199507%2946%3A6%3C400%3A%3AAID-ASI2%3E3.0.CO%3B2-Y. Acesso em: 21 nov. 2018.

JATOBÁ, Daniel. Latin America: What does it mean? **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 27, p. 197-203, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782006000200014. Acesso em: 1 nov. 2018.

JENKINSON, Hilary. **A Manual of Archival Administration**. London: Percy Lund Humphries & Co., 1937. 256 p. Disponível em:

https://archive.org/details/manualofarchivea00iljenk. Acesso em: 15 nov. 2018.

KICH, Tassiara Jaquelina Fanck; KONRAD, Glaucia Vieira Ramos. Arranjo e descrição arquivística em processos judiciais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 16, n.4, p. 212-227, out./dez. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pci/v16n4/v16n4a13. Acesso em: 20 out. 2018.

LEAL, Maria Angela. **Remate de Males**, v. 24, n. 2, 2004, p. 83-92. Disponível em: . Acesso em: 17 dez. 2018

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora UNICAMP, 1990. 553 p. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf. Acesso em 22 nov. 2018.

LIMA, Renato. Doloroso abandono: a biblioteca Oliveira Lima. **Café Colombo**, Recife, 22 set. 2015. Disponível em: http://www.cafecolombo.com.br/colunas/doloroso-abandono-a-biblioteca-oliveira-lima/. Acesso em: 11 dez. 2018.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. Oliveira Lima: sua vida e sua obra. *In*: OLIVEIRA LIMA, Manoel de. **Obra Seleta**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971. p. 17-131

LOPEZ, André. **Como descrever documentos de arquivo:** elaboração de instrumentos de pesquisa. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial do Estado, 2002. 57 p. Disponível em: http://www.arqsp.org.br/arquivos/oficinas_colecao_como_fazer/cf6.pdf. Acesso em: 11 nov. 2018.

MALATIAN, Teresa. Diplomacia e letras na Correspondência Acadêmica: Machado de Assis e Oliveira Lima. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 24, p. 377-392, 1999. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2102. Acesso em 28 out. 2018.

MALATIAN, Teresa. **Oliveira Lima e a construção da nacionalidade**. Bauru, São Paulo: Editora USC; São Paulo: Editora FAPESP, 2001. 462 p.

MALATIAN, Teresa. O diário de Flora. **Remate de Males**, v. 24, n. 2, 2004, p. . Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636076/3785. Acesso em: 18 dez. 2018

MALHEIRO, Armando; RIBEIRO, Fernanda. **Paradigmas, serviços e mediações em Ciência da Informação**. Recife: Néctar, 2011. 217 p.

MARTIN, Percy Alvin. Introduction. *In:* OLIVEIRA LIMA, Manoel de. **The Evolution of Brazil compared with that of Spanish and Anglo-Saxon America**. Stanford:

University of Stanford Press, 1914. p. 9-15. Disponível em:

http://memory.loc.gov/service/gdc/scd0001/2010/20101215002ev/20101215002ev.pdf. Acesso em: 37 out. 2018.

MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg**: a formação do homem tipográfico. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972. 390 p.

MENDONÇA, Salvador. **Discurso de recepção**. Academia Brasileira de Letras. Disponível em: http://www.academia.org.br/academicos/oliveira-lima/discurso-de-recepcao. Acesso em: 26 nov. 2018

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v4n1/a19v4n1.pdf.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-103, 1998. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2067. Aceso em: 27 nov. 2018.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Os Paradoxos da Memória. *In*: MIRANDA, Danilo Santos de. **Memória e cultura:** a importância na formação cultural humana. São Paulo: SESC, 2007. p. 13-33. Disponível em: https://www.scribd.com/document/23925159/MENESES-Ulpiano-Bezerra-de-Os-paradoxos-da-Memoria-In-MIRANDA-Danilo-Santos-de-Memoria-e-Cultura-A-importancia-na-formacao-cultural-humana-Sao-Paulo. Acesso em: 20 mar. 2018.

MENNE-HARITZ, Angelika. Access: the reformulation of an archival paradigm. **Archival Science**, Dordrecht, v. 1, n. 1, p. 57-82, mar. 2001. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1007/BF02435639. Acesso em: 1 nov. 2018.

MILLER, Daniel. Things ain't what they used to be. *In:* PEARCE, Susan. (ed.) **Interpreting Objects and Collections**. London: Routledge, 1994. p.13-18 Disponível em: https://is.muni.cz/el/1423/jaro2013/SAN105/um/Susan_Pearce_Interpreting_Objects_and_Collection.pdf. Acesso em 22 nov. 2018.

MIRANDA, Májory Karoline Fernandes de Oliveira. **O custodialismo e a teoria da intencionalidade**. Néctar: Recife, 2012, 375 p.

OLIVEIRA LIMA, Manoel de. **Discurso de Posse**. Disponível em: http://www.academia.org.br/academicos/oliveira-lima/discurso-de-posse. Acesso em 23 out. 2018.

OLIVEIRA LIMA, Manoel de. **The Evolution of Brazil compared with that of Spanish and Anglo-Saxon America**. Stanford: University of Stanford Press, 1914. 159 p. Disponível em: http://memory.loc.gov/service/gdc/scd0001/2010/20101215002ev/20101215002ev.pdf. Acesso

em: 37 out. 2018.

OLIVEIRA LIMA, Manoel de. Introduction. *In:* HOLMES, Ruth E. V. **Bibliographical and Historical Description of the Rarest Books in the Oliveira Lima Collection at the Catholic University of America**. Washington, 1926. Disponível em: https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=txu.059173018034460;view=1up;seq=10. Aceso em: 11 dez. 2018.

OLIVEIRA LIMA, Manoel de. **Memórias (estas minhas reminiscências)**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937. 319 p.

OLIVEIRA LIMA, Manoel de. **Obra Seleta**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971. 1038 p.

OLIVEIRA LIMA, Manoel de. **Nos Estados Unidos**: impressões políticas e sociais. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2009. 424 p.

PAIXÃO, Rui Alexandre Gamboa. **Para a normalização da descrição arquivística:** proposta de um modelo de referência. Orientador: Carlos Guardado da Silva. 2012. 144 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Documentação e Informação) -- Faculdade de Letras, Programa de Ciências da Documentação e Informação, Universidade de Lisboa, 2012. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6983/1/ulfl122542_tm.pdf. Acesso em: 27 out. 2018.

PEARCE, Susan (ed.) **Interpreting Objects and Collections**. London: Routledge, 2003. 343 p. Disponível em: https://is.muni.cz/el/1423/jaro2013/SAN105/um/Susan_Pearce_Interpreting_Objects_and_Collection.pdf. Acesso em: 10 oct. 2018.

PEARCE, Susan. The urge to collect. *In:* PEARCE, Susan. (ed.) **Interpreting Objects and Collections**. London: Routledge, 2003a. p. 157-159. Disponível em: https://is.muni.cz/el/1423/jaro2013/SAN105/um/Susan_Pearce_Interpreting_Objects_and_Collection.pdf. Acesso em 22 nov. 2018

PEARCE, Susan. Collecting reconsidered. *In:* PEARCE, Susan. (ed.) **Interpreting Objects and Collections**. London: Routledge, 2003b. p. 193-204. Disponível em: https://is.muni.cz/el/1423/jaro2013/SAN105/um/Susan_Pearce_Interpreting_Objects_and_Collection.pdf. Acesso em 22 nov. 2018

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080. Acesso em 21 nov. 2018

POMIAN, Krzysztof. Colecção. *In:* ENCICLOPÉDIA EINAUDI: Memória-História, vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, p. 51-86. Disponível em: http://flanelografo.com.br/impermanencia/biblioteca/Pomian%20(1984b).pdf. Acesso

em: 12 dez. 2018.

RÊGO, André Heráclio do. Oliveira Lima, intérprete das Américas. *In*: ALMEIDA, Paulo Roberto de; RÊGO, André Heráclio do. **Oliveira Lima:** um historiador das américas. Recife: CEPE, 2017. p. 55-102.

RIBEIRO, Fernanda. **Os Arquivos na era pós-custodial**: reflexões sobre a mudança que urge operar. 2005a. Disponível em: http://hdl.handle.net/10216/14000. Acceso em 17 dez. 2018.

RIBEIRO, Fernanda. **Gestão da informação/preservação da memória na era pós-custodial**: um equilíbrio precário. 2005b. *In*: JORGE, Vítor Oliveira (coord.) **Conservar para quê?** Porto-Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, p. 77-84. Disponível em: http://hdl.handle.net/10216/39365. Acesso em: 16 dez. 2018.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007. 535 p.

RIOS, Elaine Rosa; CORDEIRO, Rosa Inês de Novais. Plano de classificação de documentos arquivísticos e a teoria da classificação: uma interlocução entre domínios do conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 2, p. 123-139, maio./ago. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pci/v15n2/a09v15n2.pdf. Acesso em: 20 nov. 2018.

ROBERTSON, James A. The Oliveira Lima Collection of Hispanoamericana. **The Hispanic American Historical Review**, v. 3, n. 1, p. 78-83, feb. 1920. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/2505849. Acesso em: 26 out. 2018.

ROBERTSON, James A. In Memoriam. IN: OLIVEIRA LIMA, Manoel de. **Memórias (estas minhas reminiscencias…)**. Rio de Janeiro: José Olympo, 1937. p. 286-304

RUSSELL-WOOD, Anthony John R.. A contribuição acadêmica norte-americana à Historiografia do Brasil Colonial. **Varia História**, Belo Horizonte, n. 22, p. 7-41, jan. 2000. Disponível em: https://static1.squarespace.com/static/561937b1e4b0ae8c3b97a702/t/572b4f8ee707eb499d738bc3/1462456208080/01_Wood%2C+A+J+R.pdf. Acesso em: 23 out. 2018.

SANTOS, Valéira Silva; GALINDO LIMA, Marcos; SOARES, Sandra Veríssimo. Informação e memória arquivística: o custodialismo e outras discussões paradigmáticas. *In:* XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação -- ENANCIB, 2015, João Pessoa, PB

SCHELLENBERG, T. R. **Modern Archives: Principles & Techniques**. Introdução: JONES, J.G. Chicago: Society of American Archivists, 2003. 248 p. Disponível em: http://files.archivists.org/pubs/free/ModernArchives-Schellenberg.pdf. Acesso em: 1 nov. 2018.

SCHULZ, Eva. Notes on the history of collecting and of museums. *In:* PEARCE, Susan. (ed.) **Interpreting Objects and Collections**. London: Routledge, 2003. p. 175-187. Disponível em: https://is.muni.cz/el/1423/jaro2013/SAN105/um/Susan_Pearce_Interpreting_Objects_and_Collection.pdf. Acesso em 22 nov. 2018

SILVA, Aldenny Marinho da; AMARAL, Carlos Alberto V.; BRITTO, Fabiana Pessoa J. Inventário analítico, sumário ou guia: em busca do instrumento ideal. **Documentação e Memória**, Recife, v. 1, n. 2, p. 1-8, jan./dez. 2009. Disponível em: http://www.tjpe.jus.br/judiciario/didoc/Memorial/revista/revista012010/1_InventAnalitSumGuia.pdf. Acesso em: 21 nov. 2018.

SILVA, Ana Cristina da. Materiais especiais: conceitos, tratamentos e a formação de uma hemeroteca. Orientadora: Francisca de Assis Souza, 2002, 26 p. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) -- Departamento de Biblioteconomia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Nata, 2002. Disponível em: https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/1/171/1/AnaCS_Monografia.pdf

SILVA, Armando Malheiro da. A Ciência da informação e a transição paradigmática. *In*: RENDÓN ROJAS, Miguel Ángel (coord.). **El objeto de estudio de la bibliotecología/documentación/ciencia de la información**: propuestas, discusión, análisis y elementos comunes. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información, 2013. p. 85-106. DIsponível em: https://biblat.unam.mx/en/revista/biblioteca-universitaria/articulo/rendon-rojas-miguel-angel-coord-el-objeto-de-estudio-de-la-bibliotecologia-documentacion-ciencia-de-la-informacion-en-linea-propuestas-discusion-analisis-y-elementos-comunes-mexico-unam-instituto-de-investigaciones-bibliotecologicas-y-de-la-informacion-2013-http132-248-9-34-cuib1627927-pdf. Acesso em: 18 dez. 2018

SIMÕES, Ana Luísa Gaudêncio. **O arquivo pessoal de Maria Judite Pinto Mendes de Abreu**: análise, tratamento arquivístico e difusão da informação. Orientadoras: Maria Manuel Borges e Maria Cristina Vieira de Freitas, 2011. 99 f. Dissertação (Mestrado em Informação, Comunicação e Novos Media) -- Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011. Disponível em: https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/19027/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Ana%20Sim%C3%B5es%20-%20Sim%C3%B5es.pdf. Acesso em: 20 nov. 2018.

SMIT, Johana W. Entre arquivos, bibliotecas e museus: a interdisciplinaridade em pauta. *In:* CAMPOS, José Francisco Guelfi (org.) **Arquivos pessoais:** experiências, reflexões, perspectivas. São Paulo: ARQ-SP, 2017. p. 29-37. Disponível em: http://arqsp.org.br/wp-content/uploads/2016/11/Arquivos-pessoais_experiencias_reflexoes-perspectivas_1_e-book.pdf. Acesso em: 10 nov. 2018.

STEWART, Susan. Objects of desire. *In:* PEARCE, Susan. (ed.) **Interpreting Objects and Collections**. London: Routledge, 2003. p. 254-257. Disponível em: https://is.muni.cz/el/1423/jaro2013/SAN105/um/Susan_Pearce_Interpreting_Objects_an

d_Collection.pdf. Acesso em 22 nov. 2018

WHITLEY, Richard. **The Intellectual and Social Organization of the Sciences**. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 2000. 319 p.

YATES, Frances. **The Art of Memory**. London: Routledge, 1999. 400 p. Disponível em: http://www.alzhup.com/Reta/Docs/ArtOfMemory.pdf. Acesso em: 21 nov. 2018.